



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

A photograph of a man in profile, wearing a white short-sleeved shirt and a wide-brimmed hat, looking towards a rugged, rocky volcanic landscape under a clear sky. The man is standing on a rocky outcrop, and the background shows a vast expanse of dark, jagged volcanic rock formations.

Nos *caminhos* da geologia, da cerâmica e da arte

A trajetória de
PASCHOAL GIARDULLO

Silvana Baierl

O Projeto Editorial desenvolvido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul é uma das linhas de ação da instituição, que conta com o Museu Histórico Municipal, a Pinacoteca Municipal e o Centro de Documentação Histórica, e que ganha dinâmica novamente chegando à sua vigésima oitava publicação.

A produção editorial da Fundação Pró-Memória teve início em 1998, com o livro *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX*, de autoria do sociólogo José de Souza Martins, e consiste em um dinâmico instrumento de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural de São Caetano do Sul.

A produção de informação histórica e de memória, enquanto ação de preservação, e disseminada ao público, contribui para a construção da identidade social do município, democratizando e valorizando aspectos de nosso passado.

Um dos elementos fundamentais da constituição de um cidadão é sua capacidade de sentir-se pertencente a um grupo que compartilha sentimentos, signos, tradições, enfim, que compartilha sua história. A Fundação Pró-Memória cumpre este papel.

Nos *caminhos* da geologia, da cerâmica e da arte

A trajetória de
PASCHOAL GIARDULLO

Silvana Baierl

2020

São Caetano do Sul

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



**FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL**

Presidente da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul
Charly Farid Cury

Coordenação Geral
Márcia Gallo

*Nos Caminhos da Geologia,
da Cerâmica e da Arte – A trajetória de Paschoal Giardullo*
Silvana Baierl

Depoimentos e pesquisa
Paschoal Giardullo

Projeto Editorial e Revisão
Paula Fiorotti

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação
Roberta Giotto

Digitalização de imagens
Jacqueline Nakagawa
Monica Iafrate

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baierl, Silvana
Nos caminhos da geologia, da cerâmica e da arte :
a trajetória de Paschoal Giardullo / Silvana Baierl.
-- 1. ed. -- São Caetano do Sul, SP : Fundação
Pró-Memória de São Caetano de Sul, 2020. --
(Série Cadernos de História, Documenta e Ensaios ;
1)

ISBN 978-65-89005-00-1

1. Artes 2. Artes plásticas 3. Biografia 4.
Cerâmica (Coleção em museus) 5. Geologia 6.
Giardullo, Paschoal, 1937 I. Título II. Série.

20-48112

CDD-731.2

Índices para catálogo sistemático:

I. Cerâmica plástica : Modelagem : Artes plásticas
731.2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Bairro Santa Paula - São Caetano do Sul
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
www.fpm.org.br



Dezembro de 2020

*Aos meus pais Daniel e Helena, por serem os
responsáveis pela minha formação.*

À minha esposa Edna, pelo apoio e incentivo.

*Aos meus filhos Telma, Theo e Caio, que foram
treinados para serem os continuadores.*

Paschoal Giardullo

Neste ano de 2020, em plena pandemia da Covid-19, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul dá continuidade ao seu Projeto Editorial e lança mais uma publicação. *Nos Caminhos da Geologia, da Cerâmica e da Arte – A trajetória de Paschoal Giardullo* é um presente a todos de nossa cidade.

Nascido em São Paulo, mas morador de São Caetano por muitos anos, o geólogo Paschoal Giardullo nos conta suas memórias, narradas pela jornalista Silvana Baiarl. Sua adolescência na cidade, o ingresso na faculdade de Geologia, o primeiro emprego, na Cerâmica São Caetano, e suas viagens pelos sertões do país em busca de jazidas de minérios. Tudo isso entremeado por outros momentos de sua carreira, durante a qual a coragem e o empreendedorismo sempre se fizeram presentes. A riqueza dos detalhes de sua memória surpreende. Uma história exemplar, para ler e reler.

Com mais esta iniciativa, a instituição alcança 28 volumes publicados, em seus 30 anos de trajetória (a serem completados em 2021). Seguimos neste caminho, trabalhando com responsabilidade, editando e publicando conteúdo de qualidade sobre a história de São Caetano do Sul e as memórias de seus moradores.

Charly Farid Cury

Presidente

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

	PREFÁCIO	8
	<hr/>	
	CAPÍTULO 1	13
	E o meteorito anuncia a sua chegada	
	<hr/>	
	CAPÍTULO 2	24
	Geologia e os estudos no Palacete da Glete	
	<hr/>	
	CAPÍTULO 3	35
	E a jornada começa com a Cerâmica São Caetano	
	<hr/>	
	CAPÍTULO 4	44
	Na Copami, o convívio com o mundo das matérias-primas cerâmicas	
	<hr/>	
	CAPÍTULO 5	59
	Quando bastavam o namoro e a dança	
	<hr/>	
	CAPÍTULO 6	66
	Uma viagem pelas principais jazidas da Copami	
	<hr/>	
	CAPÍTULO 7	83
	Jazida de magnesita da Fazenda Castela – Sento Sé	
	<hr/>	

	CAPÍTULO 8	102
	Centro Acadêmico e Câmara Júnior	
<hr/>		
	CAPÍTULO 9	109
	Sandspar, o começo de novas experiências	
<hr/>		
	CAPÍTULO 10	126
	Geocerâmica e Braminer	
<hr/>		
	CAPÍTULO 11	138
	Um geólogo influente em prol das Artes do Fogo	
<hr/>		
	CAPÍTULO 12	155
	Após um enterro, a formação de uma nova consultoria	
<hr/>		
	CAPÍTULO 13	160
	Informação e união - De São Caetano do Sul para o mundo, nascem projetos de sustentabilidade para a Arte Cerâmica	
<hr/>		
	CAPÍTULO 14	177
	Associação Brasileira de Cerâmica - Uma jornada seguindo as transformações da Cerâmica no Brasil	
<hr/>		

Mérito para a vida eterna!

Um dia, conversando com meu amigo Oscar Garbelotto, sobre um amigo dele, Paschoal Giardullo, o qual ele acabara de me apresentar, brinquei dizendo que, pelo conhecimento e experiência que o Paschoal tinha sobre massas cerâmicas, ele deveria “pôr a mão na massa” e escrever um livro sobre o assunto.

Na ocasião, Oscar, educadamente, como sempre, me corrigiu, dizendo que não só o Paschoal já estava preparando o livro, mas também, há um bom tempo, o amigo geólogo vinha publicando uma revista chamada justamente *Mão na Massa*.

Enquanto eu ia buscar a pá, o Paschoal já voltava com a massa pronta! Foi uma pá de cal! Começava ali a minha admiração por Paschoal e a certeza de que o Oscar havia me apresentado um de seus eminentes amigos. Por isso, resolvi desfrutar da amizade do Paschoal e jamais dirigir-lhe qualquer comentário “maçante”.

Em 2018, recebi a notícia de duas fontes diferentes: Charly Farid Cury, presidente da Fundação Pró-Memória, me comunicou que o livro sobre Paschoal Giardullo seria editado. Oscar me informou, feliz da vida, sobre o convite que recebeu do Paschoal para redigir o prefácio.

Lamentavelmente, daí para frente, as circunstâncias nos conduziram a ter cada vez menos contato com o Paschoal. Ele cuidava da saúde da esposa, Edna, e eu estava cada vez mais próximo do Oscar, que percorria a sua via crucis, do apartamento para o hospital e vice-versa, com a saúde cada vez menos presente, mas com a fé cada vez mais crescente.

Por conta do pouco tempo disponível do Paschoal, a jornalista Silvana Baiertl, que o conhece desde 1994, assumiu a autoria do livro, com textos baseados em longas entrevistas e diversos encontros com o geólogo.

Em 2019, Paschoal e eu voltamos a nos encontrar, nos meses de fevereiro e maio. Nas duas ocasiões, compartilhamos o sentimento de perda: acompanhamos Edna e, em seguida, Oscar, partirem para a glória de Deus.

Não registramos esse momento com a dor da saudade, mas com a esperança da fé: Edna e Oscar permanecem conosco pelos seus inesquecíveis legados. Melhor ainda será pensar que os dois merecem estar junto de Deus, assistindo à publicação deste livro, lá no Céu.

Estávamos, Paschoal e eu, no velório do Oscar, relembrando os grandes feitos do amigo, quando ele me disse que agora o prefácio do livro ficaria por minha conta. Parei, pensei, mas não falei para ele: “Por minha conta, e risco seu”.

Como era impossível substituir o Oscar neste prefácio, coloquei-me na confortável posição de um fã de ambos, bem como do time de grandes personalidades de São Caetano do Sul, no qual se incluem, além deles, Ayrton Filleti e Norberto Victor Barile, entre tantos outros.

Antes de ter sido apresentado a mim pelo Oscar, Paschoal Giardullo já era enaltecido pelos meus amigos, Ayrton e Norberto, que convivem comigo há mais de 50 anos, no campo profissional. Humildemente, decidi homenagear, nesta oportunidade, na pessoa do Paschoal, todos esses amigos, por tudo que me ensinaram com suas irrepreensíveis e exitosas experiências de vida.

Paschoal, desde os tempos de juventude e de estudante, nas décadas de 1950 e 1960, quando participou do Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, registrou a sua marcante passagem ao fazer parte da diretoria que empreendeu as iniciativas mais memoráveis, e que serviram para alavancar as atividades de uma era de ouro na história cultural da nossa cidade.

Mais tarde, já como geólogo formado pela Universidade de São Paulo, trabalhou na Cerâmica São Caetano, onde outro grande amigo dele e meu, o Prof. Dr. José de Souza Martins, trabalhou quando jovem como *office boy*.

Enquanto na Cerâmica São Caetano, Paschoal, como geólogo, pesquisou e desenvolveu assombrosas aparições minerais. Como sociólogo, Martins, mais tarde, pesquisou e desenvolveu assombrosas aparições infernais, em seu livro *A Aparição do Demônio na Fábrica: Origens Sociais do eu Dividido no Subúrbio Operário* (Editora 34). Por isso mesmo, neste prefácio, aproveito para recomendar este livro do Paschoal, que é “massa”, e o livro do Martins, que é “diabólico”.

Como natural de São Caetano do Sul, fiquei imensamente feliz ao reviver, nas lembranças de Paschoal registradas neste livro, por meio de descrições detalhadas e primosas daquilo que era esta nossa cidade, os bons tempos de nossa juventude. Tais descrições detalhadas e primosas se repetem nas narrativas e histórias que ele conta sobre o início de dois preponderantes aspectos de sua vida: profissional e conjugal.

Chama a atenção especialmente a rica narrativa da autora envolvendo o cenário do que era o enorme conglomerado constituído pela Cerâmica São Caetano, tanto na parte industrial quanto na infraestrutura de apoio, chegando às casas construídas na vila dos engenheiros, anexa à fábrica.

As histórias da vida profissional relatadas por Paschoal, por tratarem de prospecção mineral, jazidas e nomes como: feldspato, dolomita, talco e calcita, poderiam deixar a expectativa de uma linguagem técnica, pesada, enfadonha. Ao contrário, o geólogo passa de forma simples, objetiva e atraente pelos cenários das jazidas graças à riqueza da matéria-prima que compõe a sua verve. Por isso, o leitor jamais será pego de calça curta por uma explicação complexa. A linguagem fluente, leve e agradável, quando muito, poderia pegá-lo de “calcita” curta.

Entre as explicações esclarecedoras e importantes sobre a história da Cerâmica São Caetano, Paschoal nos leva a conhecer e a entender que a empresa ganhou fama e projeção, no segmento de pisos, graças à excelência dos materiais que produzia com a melhor qualidade do mercado, desenvolvendo até mesmo produtos em algumas cores que somente essa empresa conseguia fabricar.

Convidamos os leitores a se deliciarem, em especial, com os “causos” que aconteciam nas expedições das pesquisas que Paschoal realizava, praticamente a quase todos os rincões do Brasil, em busca de matérias-primas cerâmicas.

As situações pitorescas ou inusitadas desfilam de forma prazerosa e, por vezes, surpreendente. Dentre tantos exemplos dessas situações, o leitor vai descobrir porque o Paschoal, não sendo fumante, sempre portava cigarros. Ou, então, porque um geólogo, que deveria se envolver com plantas desenhadas das adjacências de onde havia jazida, às vezes era obrigado a entender profundamente de plantas “plantadas” mesmo.

As expedições do Paschoal, nas quais aconteciam tais situações, se davam sempre que existiam indícios da possível presença de minerais, de interesse da Cerâmica São Caetano, e boa parte delas ocorria em condições precárias de locomoção e acessibilidade.

Além das dificuldades para desenvolver tais pesquisas, nem sempre as áreas prospectadas resultavam em jazidas economicamente viáveis. Portanto, nada mais perfeito do que a conclusão a que este livro nos conduz: Paschoal foi um autêntico bandeirante de jazidas, porém com uma vantagem sobre os bandeirantes ori-

ginais: aqueles desbravaram o Brasil e nem sempre encontraram pedras preciosas. Paschoal também desbravou este país, porém ele sempre preferiu garimpar coisas mais preciosas, como a alegria de viver, a família, os amigos, a fé em Deus!

Por falar em Deus, é preciso agradecer a Ele por esta oportunidade. Agradecer ao saudoso amigo Oscar por ter me apresentado ao Paschoal Giardullo. E agradecer a este último pelo honroso convite e o privilégio de prefaciar este livro. Desejo enaltecer o trabalho da jornalista Silvana Baierl que, brilhantemente, alinhavou a história de vida do Paschoal e deu à luz esta magnífica publicação.

Cabe ainda assinalar outro preito de gratidão ao Oscar Garbelotto que, indo à nossa frente, do Paschoal e minha, nos abriu as portas e nos ensinou os caminhos que nos conduziram juntos até a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e a esta publicação. Mais do que um livro, este é um registro saboroso sobre a vida e a amizade. Consolida a visão de que os autênticos amigos ultrapassam o conceito de tempo: uma amizade verdadeira é permanente, é eterna!

Por isso mesmo, encerramos enfatizando o valor da amizade e defendendo a tese de que poderíamos ser avaliados pelo número de amigos sinceros, os quais conseguimos juntar na vida terrena, como um dos méritos para alcançar a vida eterna!

Parabéns por esta obra ao geólogo, bandeirante, escritor e amigo perene Paschoal Giardullo! Que Deus o ilumine e abençoe sempre!

Boa leitura, ótimo e agradável divertimento, caros amigos leitores.

João Tarcísio Mariani

Membro do conselho diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e presidente do Grupo dos Amigos do Movimento Autonomista de São Caetano (Gama)

**Nos *caminhos*
da geologia,
da cerâmica
e da arte**

A trajetória de
PASCHOAL GIARDULLO

CAPÍTULO I

E um meteorito anuncia a sua chegada

Em 16 de agosto de 1937, em uma fria tarde de inverno, um asteroide se projetou pelos céus de uma pacata cidade do Rio Grande do Sul, na região Sul do Brasil. Horário: 16h30. Testemunhas contaram que, primeiramente, ouviram um som semelhante a um silvo, e uma bola brilhante cortou o céu, deixando um rastro de fumaça, seguido por um forte estrondo. O fenômeno ficou conhecido como o *Meteorito de Putinga*, e gerou fragmentos que se espalharam pelo vilarejo de Putinga, atingindo também os municípios de Anta Gorda, Arvorezinha, Ilópolis, São José do Herval e Encantado. Há quem diga que, após a queda do projétil, pedras com um brilho de vidro rolaram pela encosta do morro.

Nesse mesmo dia, às 9h, nascia o primogênito do casal Anna Antonietta Helena Giardullo e Daniel Giardullo, na Rua Coronel Silva Castro, nº 3, no Bairro de Heliópolis, em São Paulo. Recebeu o nome de Paschoal, em homenagem ao avô paterno, um italiano natural de Castellabate, perto de Nápoles, que imigrou para o Brasil trazido pela família Matarazzo, para trabalhar na chácara do Piquiri, no Bairro do Tatuapé, em São Paulo, onde nasceram seus filhos José e Daniel, do seu casamento com Luiza Pepe Giardullo. O avô materno, também italiano, chamava-se Nicolau Borrelli, natural de Roma, e se casou com Annunciata Guarino. Moravam no Brás, bairro onde nasceu a sua mãe, Anna Antonietta Helena Borrelli, a segunda de sete filhos e que, na época do casamento, morava na Alameda Sarutaiá, no Jardim Paulista.

O Heliópolis daquela época era completamente diferente do atual, e se concentrava perto do Sacomã, onde existiu a Cerâmica Sacomã, produtora de ladrilhos e tijolos. A parte mais antiga era constituída de moradias simples, como aquela onde Paschoal Giardullo nasceu. Eram casas térreas e sobrados, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC). O acesso era feito por bondes, cujo ponto terminal era perto do local onde se encontra atualmente o Hospital Heliópolis, e que ia até a Praça João Mendes, no Centro de São Paulo. Também atravessava o bairro uma linha de ônibus que saía do Parque Dom Pedro II e ia até Santo André, passando por São Caetano do Sul. A Avenida Almirante Delamare tinha apenas uma faixa de calçamento de para-

lelepípedos, seguindo até o Rio dos Meninos, na divisa com o município sul-são-caetanense. Também ali ficava o Frigorífico Ceratti, que já fabricava mortadelas e outros embutidos.

Paschoal Giardullo mudou-se em seguida, em 1939, para a Rua Baraldi, em São Caetano do Sul, onde nasceu a sua irmã Luiza. Logo depois, voltou para o bairro de São Paulo, agora para uma das casas do IAPC, na Avenida Almirante Delamare. O seu pai já tinha aberto um escritório de contabilidade em São Caetano do Sul, na parte superior do Cinemax, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, em frente à Rua João Pessoa, a uma quadra da estação de trem.

“A Estrada de Ferro São Paulo Railway atravessava e dividia São Caetano do Sul. A travessia era feita apenas em dois pontos: a porteira da Avenida Conde Francisco Matarazzo e o pontilhão da rua que a interligava com o bairro de Utinga. A estrada de ferro era muito importante, porque os transportes de carga e passageiros eram feitos principalmente neste trajeto. Nessa época, estávamos em plena Segunda Guerra Mundial, e começou a faltar gasolina. Os ônibus para Santo André começaram a usar gasogênio, que utilizava carvão como combustível, que trazia sérios problemas. Nessa ocasião meu pai, para ir ao escritório, precisava pegar o bonde em Heliópolis, descer na estação do Ipiranga e tomar um trem para São Caetano. Para simplificar, mudou-se para a cidade, instalando-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo, em cima da loja de ferragens do Pereira & Bertini, que ficava em frente ao colégio das freiras (*Externato Santo Antônio*), na esquina da Rua Manoel Coelho.”

Ficaram pouco tempo nesse endereço. Porque seu pai logo comprou uma casa, na Rua Santo Antônio, nº 884, hoje Avenida Senador Roberto Simonsen, nº 452, quase na esquina com a Rua São Francisco, onde Giardullo permaneceu até se casar. Essa casa ainda existe. É térrea com um porão habitável e um quintal com árvores frutíferas e galinheiro. Tinha uma saída para a Rua São Francisco. Na esquina desta, havia a loja de armários da dona Nair e o açougue do Luiz Barontini. Na atual Rua Roberto Simonsen, antiga Rua Santo Antônio, tinha calçamento de paralelepípedos apenas na parte central, construída quando o então presidente da República, Getúlio Vargas, veio visitar a Cerâmica São Caetano (1941). Havia também uma linha de ônibus, a qual ligava a estação ao bairro da indústria cerâmica. Da casa de Paschoal Giardullo até a estação, eram cerca de 10 minutos de caminhada.

Respeito ao civismo

Em 1945, Giardullo começou a estudar no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, que naquela época ficava na Rua Monte Alegre, em frente à Rua Manoel Coelho, onde ele se formou no curso primário (atual ensino fundamental I), em 15 de dezembro de 1948. A escola funcionava em um prédio amarelo, térreo, com um imenso porão habitável, com cerca de três metros de altura. A parte de cima tinha cerca de quatro metros de pé direito, além de um terraço em toda a lateral, com acesso ao pátio, na época, não pavimentado. Os estudantes usavam um guarda-pó branco e, nas carteiras de madeira existiam dois tinteiros. Os alunos usavam lápis, borracha e caneta com pena. “Sim, já existiam as canetas tinteiras, mas, naquela época, era coisa de luxo”.

Os alunos se reuniam no pátio, alinhados por turmas para subir a escada ou descer ao porão, mantendo-se em fila e no mais absoluto silêncio. “Aguardávamos na sala a entrada do professor, que nos dava ordem para sentarmos”. Todos sabiam cantar o hino nacional, o hino à bandeira, e havia total respeito aos professores e ao diretor. “E ainda, de quebra, levávamos umas reguadas quando fazíamos barulho.”

As ruas no entorno da escola não eram calçadas. Nessa época, São Caetano ainda era subdistrito de Santo André, e era dividido pela Estrada de Ferro. Para ir à parte antiga, era necessário passar pela porteira da Avenida Conde Francisco Matarazzo. As melhores lojas, bares, restaurantes ficavam nessa via, tanto antes como depois das porteiras, que eram feitas de madeira e operadas manualmente. Uma escada passava sobre a estação, usada pelos pedestres quando o acesso estava interdito. A sinalização do local era feita toda por funcionários e havia uma cabine elevada próxima da porteira, onde uma pessoa acionava os sinais e travava a porteira para evitar sua abertura, enquanto não passasse o trem. Nessa época, a tração era a vapor e começava a eletrificação do trecho. Quando chovia muito, a via inundava na quadra entre a Rua João Pessoa e a cancela.

O escritório do seu pai, no prédio do Cinemax, ocupava um ponto estratégico em São Caetano. Ele preparava a escrituração fiscal e contábil de bares, restaurantes, açougues, lojas de modas, sapatarias, pastelarias e também de algumas indústrias importantes, como a Cerâmica Tupã, que fabricava telhas e foi comprada pela Cerâmica São Caetano (sua sede se localizava onde atualmen-

te está o Conjunto Parque Residencial dos Radialistas, no Bairro São José), além da fábrica de pregos Fermo, especializada em todos os tipos de pregos. Esta, há tempos, encerrou as atividades, e ficava na Rua Amazonas, num prédio que ainda hoje existe, perto da Rua Gonzaga. Também atendia a Porcelana São Paulo, hoje chamada Porcelana Teixeira, ainda em funcionamento no mesmo lugar daquela época, na Rua Major Carlos Del Prete, e que tem pouco mais de 75 anos.

Entre a lista de clientes também havia uma serraria de mármore, cuja firma chamava-se Alfredo Navari, e ficava na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul. Possuía o maior tear de cortar granito daquela época. Serrava granitos e mármore, a maioria importados, e que eram transportados para São Caetano do Sul em trens. Para levá-los da estação até a serraria, a empresa utilizava um caminhão francês *Berliet* com pneus maciços. Muitos dos granitos e mármore dos grandes túmulos dos cemitérios da Consolação foi serrada ali, naquela empresa. “E meu pai ainda fazia a contabilidade da Torreção e Moagem de Café São Caetano, da família Musumeci, que ficava na Rua João Pessoa, e da distribuidora da Antártica, dos irmãos Garbelotto, situada na Rua 28 de Julho, no Bairro da Fundação.”

Desencadeando a emancipação

São Caetano do Sul daquela época já tinha um razoável parque industrial, a começar pela General Motors, que montava automóveis e fabricava as geladeiras da linha Frigidaire; a Cerâmica São Caetano, que fabricava ladrilhos e refratários; o Moinho Santa Clara, na área de moagem de trigo; a Anderson Clayton, que beneficiava e reprensava algodão; a Refinadora de Óleos Brasil; a Usina Colombina, fabricante de ácidos e lança-perfumes; a Ferro Enamel do Brasil, produtora de fitas cerâmicas e para esmaltação de chapas; a Laminação Nacional de Metais, do grupo Pignatari, a qual laminava e fazia ligas de cobre; e a Fábrica de Chocolates Pan, que, como muitas outras, gerava boa renda de impostos, mas que não era aplicada no então subdistrito. Essa situação, entre outras de ordem política, de saúde e de infraestrutura, deu origem ao movimento autonomista, que emancipou o distrito, transformando São Caetano do Sul em município, no mês de outubro de 1948. Formalmente, a primeira administração iniciou-se em abril de 1949, sendo o primeiro prefeito o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrini.

no. “Meu pai, Daniel Giardullo, assumiu como o primeiro diretor da Fazenda, com a árdua tarefa de organizar a arrecadação.”

“A primeira sede da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul estava situada na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldi. Na parte inferior funcionava a tesouraria, onde eram impressos os recibos de impostos. Na sala da esquina, ficava o gabinete do prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, e na última sala da Rua Rio Grande do Sul, permanecia a sede da Diretoria da Fazenda, exatamente onde trabalhava o meu pai. Os primeiros tempos não foram fáceis.”

Enquanto isso, depois de estudar por alguns meses no cursinho de admissão, Giardullo ingressou na primeira série do ginásio (atual ensino fundamental II), na segunda turma do Ginásio de São Caetano, instalado na esquina das ruas Baraldi e Amazonas. No local, havia um sobrado com salas de aula e um grande recinto, destinado às aulas de Ciências e Canto, e uma quadra de basquete e vôlei, onde os alunos ensaiavam para os desfiles de Sete de Setembro e de aniversário de São Caetano do Sul. No mesmo local, aconteciam as aulas de Educação Física. Tudo foi demolido e, hoje, o terreno abriga um estacionamento.

Com a ida de seu pai para a prefeitura, Giardullo passou a se dedicar mais ao escritório de Contabilidade, arquivando documentos, fazendo serviços de *office boy*, entregando e buscando livros e documentos, providenciando pagamentos, comprando selos e estampilhas. Os impostos estaduais eram pagos na Coletoria Estadual; enquanto os federais, na Coletoria Federal; e os municipais, na prefeitura municipal. Os bancos recebiam duplicatas e depósitos, pagavam cheques e emprestavam dinheiro. Não existiam computadores e a maioria das máquinas de somar, calcular ou escrever eram manuais. Muito mais tarde, apareceram as máquinas elétricas.

“Para receber um cheque no banco, você o entregava no balcão para um funcionário que lhe dava uma chapinha numerada e anotava esse número no verso do cheque. Depois o entregava a um funcionário que ficava atrás dos guichês dos caixas, que pegava uma ficha, normalmente do tamanho de duas folhas de tamanho A4, que era a conta corrente do cliente. Lançava manualmente o cheque, descontando do saldo. Conferia a assinatura e, se tinha fundos, mandava para o caixa, que chamava o número da ficha e fazia o pagamento. Algum tempo depois, esse serviço foi mecani-

zado. A ficha era colocada em uma máquina, o funcionário digitava o saldo existente, o número do cheque, seu valor, e a máquina se encarregava de calcular o novo saldo. Se este fosse positivo, o funcionário mandava para o caixa; se negativo, devolvia o cheque. Ou, se o cliente fosse conhecido, passava para o gerente que decidia se pagava ou não.”

Eram tempos em que não existiam celulares, computadores, televisão e os telefones eram manuais e funcionavam com auxílio da telefonista. Havia 500 telefones na cidade e, tempos depois, instalaram mais 300 aparelhos. No escritório do pai de Giardullo havia telefone, e, muito mais tarde, a família passou a ter o equipamento em casa, exatamente no período em que o jovem Paschoal estava encerrando o grupo escolar. “Dizia-se, naquele tempo, que duas pessoas na cidade conheciam a vida de todos os seus moradores: a telefonista e o gerente do banco.”

Cinema com paletó e gravata

Durante o ensino fundamental II, Giardullo começou a se interessar pelas entidades de classe, como o Centro Estudantino de Cultura e o grêmio do Ginásio de São Caetano do Sul, que tinha um jornal-mural. Ele colaborava na organização das festividades e até mesmo atuava nas reivindicações dos estudantes junto à diretoria da escola. “Desfilávamos obrigatoriamente na data de fundação de São Caetano (28 de julho) e na Independência do Brasil (7 de setembro). Todos sabiam quando era o Dia da Bandeira. E todos nós sabíamos cantar o hino nacional, o hino à bandeira e mais alguns.”

A formatura foi realizada no dia 30 de dezembro de 1952, e teve missa solene em ação de graças, no altar-mor da Igreja Matriz Sagrada Família, com a presença de prefeito, vereadores e demais autoridades. Às 19h45, aconteceu a solenidade de colação de grau no Cinemax.

O passo seguinte foi entrar no ensino médio e, em função de desentendimentos com a diretoria do Ginásio de São Caetano, uma grande parte dos formandos foi para o Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Américo Brasiliense, em Santo André, no período noturno. “Íamos de trem e voltávamos no último horário.”

Com isso, a sua vida teve uma grande mudança. O fato de estudar à noite deixava o dia vago para que trabalhasse no escritório do pai. Além de atuar como *office boy*, ele começou a escrever

livros, fazer faturas e duplicatas na máquina de escrever, copiar faturas e diários contábeis. Ainda não existiam computadores, os livros eram escriturados manualmente e, para isso, era preciso ter boa caligrafia. Como isso não era fácil, e as máquinas de escrever se tornavam cada vez melhores, a contabilidade passou a ser feita nesses equipamentos, usando-se fita copiativa. Depois, essas páginas datilografadas eram copiadas para os livros: “diário” e “contas correntes”, em uma operação relativamente simples, mas que exigia cuidado para que tudo ficasse legível e para que as folhas de papel fino e transparente dos livros não fossem arrancadas. E essa era uma das especialidades de Paschoal Giardullo.

Antes de serem usados, os livros novos deviam ser rubricados na Junta Comercial do Estado de São Paulo, que ficava na Rua Barão de Itapetininga, no centro do comércio nobre da capital, e da Cinelândia, daquele tempo. Como filho do dono do escritório, levar e buscar os livros ao local ficava, na maior parte das vezes, por conta de Giardullo. Esta tarefa lhe dava a chance de pegar matinês nos cinemas de São Paulo, que lançavam os filmes cerca de um mês antes de serem exibidos em São Caetano do Sul.

“Para entrar nos cinemas de São Paulo, você deveria obrigatoriamente trajar paletó e gravata. O único que deixava entrar de paletó, sem gravata, era o Marrocos, mas somente no balcão. O preço dos cinemas, na capital, era alto. Não havia meia-entrada. O escritório pagava as passagens de ônibus ou trem, mais um sanduíche de salsicha no Largo do Café, mas a entrada do cinema era por minha conta.”

Estudar à noite e em outra cidade era algo novo e, uma aventura, principalmente no retorno para casa. Era o momento de fazer algumas brincadeiras entre os amigos. Os vagões dos trens eram de madeira, divididos em duas classes: a primeira, com bancos de palhinha e encosto para a cabeça forrado de tecido branco removível; e a segunda, com bancos de madeira, nenhuma forração, e sem o conforto do encosto para a cabeça. Originalmente, os vagões contavam apenas com portas nas extremidades, o que dificultava a entrada e a saída. Eles foram reformados, abrindo-se uma porta grande no meio deles. A reforma também alterou um pouco a disposição dos bancos, para ampliar o espaço para os passageiros que viajavam de pé. Todo trem tinha um guarda que picotava os bilhetes ou passes. Nas estações, eram eles que apitavam para dar partida ao trem. As fechaduras das portas eram todas iguais. Uma chave qua-

drada, sob domínio do guarda, abria e fechava as portas. “Logo conseguimos fazer uma cópia, que usávamos para travar uma das portas, o que complicava a entrada e a saída dos passageiros e obrigava o guarda a correr para resolver o problema e não atrasar o trem.”

Normalmente, ao chegar a São Caetano, Giardullo seguia com os amigos para o Bar dos Autonomistas, que ficava na esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua João Pessoa, em frente ao Cine Max, onde ficava o escritório do seu pai. Era um momento para conversar sobre namoro, bailes, futebol, futuro e, em algumas ocasiões, jogava-se bilhar. Geralmente, antes da meia-noite, cada um seguia, a pé, para suas casas.

A primeira conta bancária

Em 1953, Giardullo, então com 16 anos, abriu sua primeira conta bancária, no Banco Mercantil de São Paulo, cuja agência ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, quase na esquina da Rua Manoel Coelho. No mesmo ano, ele ficou sócio do Clube Comercial e começou a se dedicar à dança.

Na mesma ocasião, o escritório do pai começou a se tornar ponto de encontro e estudos da turma, após o expediente. “Fazíamos a programação das idas a São Paulo, à noite, atrás de bailes e outras diversões que nem sempre davam muito certo. Como os ônibus só circulavam até a meia-noite e ninguém da turma tinha carro, muitas vezes, tínhamos de ficar no Parque D. Pedro até às 6h, esperando pela saída do primeiro ônibus.”

O despertar de um geólogo

Em 1955, Giardullo terminava o curso científico no Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Américo Brasiliense, em Santo André. A entrega dos certificados aconteceu no dia 5 de janeiro de 1956, na Escola Industrial Júlio de Mesquita.

O passo seguinte seria entrar no cursinho para tentar uma vaga no curso de Engenharia. Giardullo cursou o Anglo-Latino, com sede na Rua Tamandaré, no período da tarde. Para chegar até lá, seguia de trem, vindo de São Caetano do Sul. Descia na estação do Ipiranga e tomava um ônibus em direção à Praça João Mendes. A ida era fácil, mas a volta, já naquele tempo, era bem complicada. Os ônibus saíam lotados do ponto inicial, na Praça João Mendes. E como a sede do cursinho ficava três pontos adiante, era difícil entrar. E ainda era preciso atravessar todo veículo para descer na

estação do Ipiranga, duas paradas antes do largo da Vila Prudente, onde desciam uma boa parte da lotação. “Tudo foi uma questão de pegar o jeito de fazer isso.”

São Caetano do Sul já estava em sua segunda legislatura, tendo como prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), isso estimulou em Giardullo o interesse pela política. Além disso, a sede do Partido Social Democrata (PSD) era no escritório do seu pai, fator que permitiu ao jovem rapaz conhecer os meandros da política. Pelo escritório de Daniel Giardullo circularam muitos políticos da época, em campanha ou em apoio aos candidatos do município.

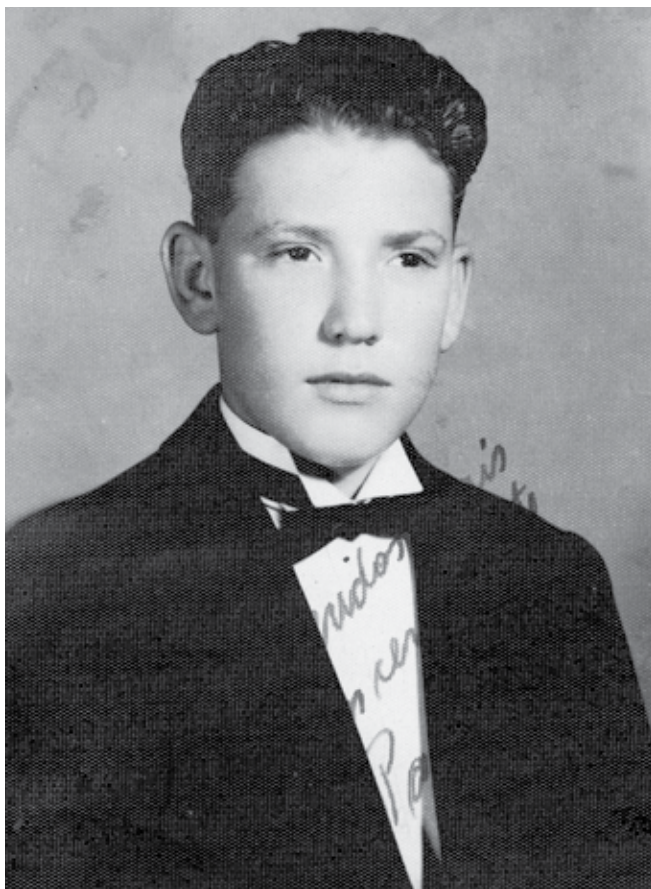
Terminado um ano de cursinho, uma experiência memorável para um rapaz que teve aulas com os melhores professores, Paschoal Giardullo percebeu o quanto deficiente tinha sido o ensino dos cursos ginásial e científico. Ele prestou vestibular para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), mas não foi aprovado. Mas essa não era a sua meta. Em seguida, prestou vestibular para a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, e também não conseguiu. Estava se preparando para mais um ano de cursinho, quando, na seção de Educação da *Folha de São Paulo*, leu a notícia sobre a criação dos cursos de Geologia. Quando foi buscar mais informações sobre o assunto, ficou sabendo que todos da primeira turma receberiam bolsas de estudo, com valor relativo a um salário mínimo e meio. Prestou o vestibular e... entrou! Paschoal Giardullo não sabia, mas seu destino parecia mesmo estar traçado. Seu talento para Geologia estava levemente sendo despertado...



Família reunida para o batizado de Paschoal Giardullo, que aparece no colo da avó materna Anunciata. Foto de 1937



Paschoal Giardullo em 1939, ao completar 2 anos de idade



Paschoal Giardullo em registro de sua formatura do então ginásio. Foto de 30 de dezembro de 1952



Família Giardullo em foto de 1952. A partir da esquerda, vemos: Daniel Giardullo (pai), Luiza Giardullo (irmã), Anna Antonietta Helena Giardullo (mãe) e Paschoal Giardullo

CAPÍTULO 2

Geologia e os estudos no Palacete da Glete

Antes de descrever a primeira turma de geólogos formados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), é importante retratar o que fazem os geólogos e os engenheiros de minas, como foi a criação das faculdades e cursos especializados, assim como o Palacete da Glete, sede das primeiras aulas do curso em São Paulo.

Geólogo

É um profissional de nível superior, que estuda a estrutura e os processos que formaram a Terra, sua evolução ao longo dos tempos, e os aspectos práticos da aplicação desses conhecimentos na pesquisa de minérios, águas subterrâneas, petróleo e gás, bem como os aspectos da Geologia ligados à Engenharia, como túneis, barragens, cortes, cidades, abertura de estradas, meio ambiente, etc.

Engenheiro de minas

Engenharia de Minas é o ramo da Engenharia que se ocupa do aproveitamento dos recursos da Terra, especialmente por meio da exploração de minas, utilizando seus conhecimentos na extração, beneficiamento, especificação de equipamentos, disposição de rejeitos, abertura de túneis, estradas, pontes, controle do meio ambiente, entre outros.

No Brasil, o primeiro curso de Engenharia de Minas foi criado em 12 de outubro de 1876, por D. Pedro II, em Ouro Preto (MG), dirigido por Claude-Henri Gorceix. Ele foi o pioneiro, no Brasil, em estudos geológicos, mineralógicos e de metalurgia.

Universidade de São Paulo

A Universidade de São Paulo foi criada por decreto do então governador Armando de Sales Oliveira, no dia 25 de janeiro de 1934. A ela foram agregadas as instituições de ensino superior existentes em São Paulo e a mais nova, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL).

Para implantação das cadeiras das áreas de Química, Física, Geologia, Mineralogia, Letras, Ciências Sociais, Geografia, Zoologia e Botânica, a Faculdade de Filosofia, mandou à Europa, além de seu diretor, vários professores, para convidar e contratar docen-

tes de instituições europeias, principalmente da França, Alemanha, Itália e de Portugal. Esses profissionais contratados fizeram escola na jovem universidade, transformando a FFCL em um grande laboratório de debates culturais, literários e políticos, dando base para seu desenvolvimento. Durante os anos seguintes essas cadeiras foram implantadas e ampliadas, com a inserção de outros professores contratados no exterior.

No início da década de 1950, os alunos que finalizavam o terceiro ano do curso de História Natural, podiam fazer especialização em Geologia, com duração de dois anos. O que atraiu formandos de História Natural, Engenharia de Minas, Engenharia Civil e Agronomia, vindos de vários Estados do Brasil, e que estavam trabalhando em universidades, institutos de pesquisa e órgãos governamentais.

Com o desenvolvimento do Brasil, cada vez mais sentia-se a necessidade de se formar profissionais qualificados nas Geociências. Além do setor mineral, estavam surgindo necessidades e especialidades que exigiam profissionais habilitados em novas áreas do saber, como Geologia aplicada à Engenharia, Prospecção Geoquímica, Geofísica Aplicada, Hidrogeologia e Planejamento Urbano.

Na metade dos anos 1950, os professores Viktor Leinz, Josué Carmargo Mendes, Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama e Rui Ribeiro Franco elaboraram uma proposta para a criação de um curso de Geologia na FFCL. Depois de tramitar pelo Conselho Técnico Administrativo e pela Congregação, finalmente sua criação foi aprovada, sendo encaminhada ao Conselho Universitário e, na sequência, à Assembleia Legislativa. Finalmente, em 5 de fevereiro de 1957, foi promulgada a lei estadual nº 3.821, criando o curso de Geologia na Universidade de São Paulo.

Em 1956, o Ministério de Educação e Cultura havia concebido a Campanha para a Formação de Geólogos (Cage), que estudou e propôs a criação de quatro cursos de Geologia nas seguintes capitais do país: Porto Alegre, São Paulo, Ouro Preto e Recife, considerando as necessidades e a diversidade geográfica. O currículo proposto, com quatro anos de duração, em tempo integral, baseou-se no projeto então em andamento na USP.

Em 18 de janeiro de 1957, por decreto do presidente da República, Juscelino Kubitschek, foram instituídos os cursos de Geologia propostos pela Cage. Todos os alunos das primeiras turmas tinham bolsas de estudo, que valiam pouco mais de um salário

mínimo e meio. O curso tinha quatro anos de duração, em tempo integral. Entre eles, o curso de São Paulo foi o único que não ficou junto a uma escola de Engenharia, porque a FFCL já tinha todos os departamentos funcionando.

O vestibular aconteceu em março de 1957, após todos os outros vestibulares de Engenharia, Medicina, Arquitetura, Direito, entre outros, tendo as aulas iniciadas no mês de abril. O acordo final com a Cage foi publicado no *Diário Oficial da União*, de 23 de setembro. No entanto, a campanha não liberou os recursos programados, alegando que o curso de Geologia, já em funcionamento, não seria objeto do acordo.

Os alunos, desiludidos e cansados da espera pelas prometidas bolsas de estudo, fizeram uma greve que teve ampla divulgação e repercussão na Congregação da FFCL, no Conselho Universitário, na Assembleia Legislativa, no governo do Estado e nos órgãos da imprensa. Finalmente, o acordo foi acertado e as verbas liberadas, para o contentamento dos alunos que receberam todos os valores atrasados.

Palacete da Glete

Naquela época, boa parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estava sediada em um casarão, conhecido como Palacete da Glete, situado na Alameda Glete, em frente ao Palácio de Campos Elíseos, então sede do governo do Estado de São Paulo. O imóvel ficava no aristocrático bairro dos Campos Elíseos, um dos redutos da aristocracia paulistana nos áureos tempos da cultura do café.

Foi propriedade do médico e industrial carioca Jorge Street, que o adquiriu em 1916, de Firmiano de Moraes Pinto, que viria a ser prefeito da cidade de São Paulo de 1920 a 1926. O palacete original era bem mais simples, mas foi alvo de profunda reforma em 1920, alterando suas características originais. Foi adquirido pelo governo do Estado, na administração do interventor federal, José Joaquim Cardoso de Melo Neto, após manifestação favorável do então Congresso Legislativo do Estado, para abrigar a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, criada pelo decreto-lei nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. Nessa época, o diretor da FFCL era o professor Ernesto de Souza Campos, que foi o responsável pela execução de extenso projeto de reforma do imóvel. Em 1937, a parte administrativa dessa unidade foi transferida para o local que marcaria a sua história, na Rua Maria Antônia, nº 258.

Na época da criação do curso de Geologia funcionavam na Glete os cursos de Química, Botânica, Geografia, Biologia, Mineralogia, Petrografia, Paleontologia e Geologia. No pátio central, ficavam localizadas as estufas do departamento de Botânica.

A cidade universitária estava sendo construída, e lá já funcionavam os departamentos de Física e Zoologia, além do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). As instalações desses departamentos eram boas, mas os acessos eram bastante precários.

A chegada dos geólogos

Antes da chegada da primeira turma de estudantes de Geologia, o ambiente no Palacete da Glete era bastante pacato. Os alunos da Química ficavam praticamente sozinhos no prédio reservado para o curso, enquanto os estudantes de História Natural e Geografia, em sua maioria mulheres, compartilhavam do pouco espaço do pátio.

Uma grande área do pátio era ocupada pelas estufas da Botânica e pelo bar e restaurante, localizados abaixo de uma grande figueira, que existe até hoje no local, e que ficou conhecida como Figueira da Glete. Passou a ser patrimônio ambiental do Estado de São Paulo, estando imune ao corte. Isso foi possível graças ao decreto nº 30.443, de 20 de setembro de 1989, assinado pelo então governador Orestes Quécia. Em 23 de dezembro de 1994, o governo de Luis Antônio Fleury Filho, retificou o tombamento da figueira, pelo decreto nº 39.743, publicado no *Diário Oficial do Estado*, em 24 de dezembro de 1994.

O Palacete da Glete, conhecido também como Palacete Jorge Street, abrigou, na verdade, todas as “raízes” dos atuais institutos de Biociências, Química, Geociências e Psicologia da USP, precisamente no período de 1938 a 1969. Edifício repleto de grandes recordações para seus estudantes, foi inexplicavelmente demolido na década de 1970. Hoje abriga um estacionamento, onde ainda é possível observar vestígios de seus alicerces e revestimentos originais dos pisos.

Antes de sua demolição, muitos fatos históricos aconteceram no Palacete da Glete. A partir de 1957, com a criação do curso de Geologia, de repente, 40 rapazes começaram a frequentar o local, estes que, originalmente, tinham prestado vestibulares para as mais diversas carreiras. Normalmente não usavam paletó e gravata, mas calças jeans e camisas mais casuais. Jogavam futebol e,

principalmente, se interessavam pelas meninas. Isso foi uma revolução no ambiente. Logo começaram a organizar bailinhos, que eram realizados nas noites de sextas-feiras, terminando somente aos sábados pela manhã.

Como era o primeiro ano de um curso recém-criado, faltava espaço apropriado. Daí, por exemplo, as aulas de Botânica serem realizadas à noite. As aulas de Mineralogia, dos cursos de História Natural e Química, eram realizadas no auditório da *Folha de São Paulo*, na Alameda Barão de Limeira; as aulas de Física e Zoologia, na Cidade Universitária, que estava em construção; e Matemática tinha salas na Rua Maria Antônia. Também foi necessária a contratação de professores estrangeiros, que ministravam aulas em Inglês. Sendo assim, durante o primeiro ano, os alunos de Geologia também recebiam aulas de Inglês e Alemão.

“Como eu morava em São Caetano do Sul, e os professores consideravam a cidade como sendo no interior do Estado, eu usava esse fato para sair mais cedo das aulas de Botânica, alegando o horário do último trem. Eu caminhava da minha casa, na Avenida Roberto Simonsen, até a estação ferroviária, por cerca de 10 minutos. Até a Estação da Luz eram mais 18 minutos de trem. Nessa época, já funcionavam nos subúrbios as composições elétricas da marca *Budd* e, da Estação da Luz até a Alameda Glete, eu seguia por mais 10 minutos a pé. Naquele tempo, essa região de São Paulo ainda não estava degradada e era gostoso percorrer as ruas da capital.”

O grêmio da FFCL, entidade associativa que representava os estudantes e funcionários, com sede na Rua Maria Antônia, em amplas e bem equipadas instalações, era extremamente politizado. Tinha reconhecida representatividade política, com tendências esquerdistas. Seus integrantes entravam em greve de solidariedade por qualquer coisa, conduta com a qual os estudantes de Geologia não concordavam, e as greves eram declaradas por uma pequena minoria. Como isso não interessava aos futuros geólogos, já que poderia acarretar a perda das bolsas de estudo, eles começaram a comparecer, em massa, às assembleias e, na votação, conseguiam impedir algumas paralisações. Em alguns casos, os encontros geravam grandes brigas, nas quais cadeiras e mesas voavam pelos ares.

Ainda em 1957, no primeiro ano do curso, em função, principalmente, dos problemas encontrados em sua implantação, foi fundado o Centro Paulista de Estudos Geológicos (Cepege), uma iniciativa surpreendente para os padrões da época.

Os assuntos estudados no primeiro ano do curso não eram bem aqueles esperados por uma turma de Geologia, ávidos por receberem informações sobre Mineralogia, Petrografia, Estratigrafia, Geologia Física e Histórica, Física, Paleontologia, etc. O professor Leopoldo Magno Coutinho, terceiro assistente do professor Mário Guimarães Ferri, catedrático de Botânica que ministrava as aulas práticas da área, comenta a rotina de suas aulas em seu depoimento para o livro *Geologia USP – 50 anos* (GOMES, 2007)¹:

Seu interesse (*dos alunos*) era, justificadamente, muito mais voltado para jazidas minerais e sua exploração, prospecção de petróleo, sua extração, refino, etc. E eu querendo ensinar-lhes, na prática, que o tomate era um fruto do tipo baga, bicarpelar, que a cenoura era uma raiz tuberosa pivotante, que a cebola era um bulbo tunicado, que o copo de leite era uma inflorescência chamada espádice, provida de uma espata branca...

Para complicar ainda mais, além do previsível e compreensível desinteresse, alguns desses alunos comiam os materiais das aulas práticas, quando esses eram comestíveis.

Quando eu via os tomates e as cenouras, preparados para a aula, iam pouco a pouco desaparecendo. E eu precisava desses materiais para aula prática idêntica que seria dada a alunos do curso de Geografia, que também tinham a mesma disciplina de Botânica. Mas o que estaria acontecendo com os tomates e as cenouras? Bem mais tarde é que eu fui descobrindo o seu gástrico destino. Mas tudo acabou bem.

Os problemas no curso de Botânica não se resumiram apenas ao fato dos alunos consumirem tudo o que era comestível, mas também ao relacionamento com a professora Berta Lange de Morretes, que ministrava as aulas teóricas e práticas. Certa noite, durante uma projeção de slides sobre formas de vegetais, uma foto colorida de um cogumelo chamado *phallus impudicus* gerou uma série de suspiros e gemidos na classe. A professora acendeu as luzes e passou o resto da aula dando uma lição de moral a todos.

Outra novidade que os alunos de Geologia introduziram na Glete foi o trote. Fizeram um acordo com a turma do terceiro ano de História Natural, que havia passado para o segundo ano de Geologia, deixando que eles cortassem o cabelo dos colegas. Consequentemente, estes poderiam cortar o cabelo dos alunos das próximas turmas.

¹GOMES, Celso de Barros. *Geologia USP - 50 Anos*. São Paulo: EDUSP, Instituto de Geociências da USP, 2007, p. 81.

“Podem imaginar a repercussão disso? O trote não era violento. Colocávamos os calouros para discursar, em cima de uma pedra posicionada junto à entrada e, em seguida, para o desespero da Botânica, colocávamos dentro das estufas e abríamos a água, para que eles se acalmassem.”

A partir do segundo ano, as matérias começaram a ser bem mais interessantes para quem ia seguir a carreira de geólogo. Isso fez com que os alunos que descobriram que não tinham vocação, fossem desistindo.

O curso contava com um ônibus, dos primeiros monoblocos fabricados pela Mercedes Benz no Brasil, e uma Rural Willys, sendo ambos usados para levar os alunos para excursões. Algumas delas, realizadas no começo do curso, como para Perus (zona noroeste de São Paulo) e São Roque, no interior do Estado, eram feitas de trem.

No primeiro ano, a turma de Paschoal Giardullo fez uma excursão para Rio Claro (SP) a convite da prefeitura da cidade, para conhecer as perfurações de poços de petróleo feitas no distrito de Assistência. Depois disso, no fim da tarde, antes de embarcarmos para São Paulo, foram conhecer a Cervejaria Caracu, que ficava na região central do município. Depois da visita, foram conduzidos ao depósito das cervejas prontas para serem despachadas e, encontraram dois tabuleiros repletos de sanduíches e bebidas. O anfitrião anunciou: “Podem tomar tudo o que vocês conseguirem!”.

“Não é preciso dizer que, quando entramos no trem, estavam todos bem alegres, e quando o trem parou em Campinas, alguns mais afoitos desceram pela janela e foram flagrados pelos guardas. Tudo ficou bem complicado. Depois de muita negociação para não atrasar o trem, nos deixaram vir até São Paulo. Ao chegarmos à Estação da Luz, ficamos retidos no vagão para mais negociações. A essa altura, já estavam todos sóbrios.”

A turma de Giardullo era dividida em painéis, as principais eram: da italianada; dos despanelados, que reuniam aqueles que não pertenciam a nenhuma painel; e dos desajustados, da qual Paschoal fazia parte e que era acusada de tudo o que acontecia de errado, na escola e nas viagens.

Giardullo nunca fez parte da elite do curso. Sempre era aprovado com notas razoáveis, mas nunca ficou em dependência. No início do terceiro ano, descobriu que não era preciso saber, mas sim convencer, os professores sobre o seu interesse e o quanto se esforçava. Isso era relativamente fácil, bastava ser simpático com

as secretárias, frequentar as bibliotecas e, durante as aulas, sentar-se nos lugares localizados na metade anterior da sala. No fim do terceiro ano, Giardullo era citado como exemplo de aluno interessado e estudioso!

Quanto aos esportes, o futebol foi o que mais teve alunos adeptos. A Geologia chegou a ter um time de futebol de primeira linha. Outros esportes, como xadrez e remo, eram praticados com entusiasmo. Giardullo também fez parte da equipe de remo, que treinava no Clube de Regatas Tietê, mas que durou somente o primeiro ano da faculdade.

E o presidente recebe os primeiros formandos em Geologia do Brasil

A conclusão do curso da primeira turma de Geologia teve enorme repercussão. Os formandos de São Paulo, de Ouro Preto (MG) e de Porto Alegre (RS) foram convidados para a cerimônia de audiência pública que seria realizada em Brasília (DF), no dia 8 de dezembro de 1960, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Havia duas opções para a ida ao Distrito Federal: com o avião da Força Aérea Brasileira, ficando quatro dias na cidade; ou com o ônibus da faculdade, permanecendo apenas dois dias na capital do país. “Optamos pela segunda possibilidade e combinamos que seria uma viagem de lazer. Aproveitaríamos a paisagem, a descontração, os amigos e o fato de já sermos geólogos.”

Dois professores acompanharam a turma na viagem: Henry Mau e Sergio Estanislau do Amaral, ambos muito amigos dos alunos. Os dois concordaram em tornar a viagem a mais agradável possível. O roteiro incluía uma parada para banho na Cachoeira do Marimbondo (entre os municípios de Icém e Fronteira, em São Paulo) e pernoite em São José do Rio Preto (SP).

Apesar de tudo combinado, André Davino, um dos formandos, trouxe um altímetro (instrumento usado para medir alturas ou altitudes) e resolveu fazer um perfil altimétrico do caminho. Houve uma reclamação geral e foi avisado que o equipamento poderia sumir. A panela dos desajustados ficou encarregada de executar a tarefa. Quando todos estavam jantando, o grupo foi até o hotel onde Davino estava hospedado. Conseguiram uma cópia da chave do quarto. Entraram, reviraram tudo, acharam o altímetro e o levaram embora. Na saída, viram o seu par de botas, e para comemorar, pegaram a pasta de dentes

e esvaziaram o tubo, despejando metade do conteúdo em cada bota. Exatamente na ponta do calçado, para não ser vista, somente sentida ao calçá-las.

No dia seguinte, e no resto da viagem, ele pedia a devolução do altímetro, e reclamava da pasta de dentes na bota, para todos os membros da panela dos desajustados. O altímetro só foi devolvido na chegada a São Paulo.

“Ficamos hospedados em um alojamento para visitantes. Conhecemos Brasília, que era um imenso acampamento de obras. Prontos estavam os prédios dos ministérios, parte da Praça dos Três Poderes, o aeroporto, e algumas das superquadras. Tudo com muito pó vermelho, mas com um aspecto que denotava: um dia seria uma bela cidade.

Fomos recebidos pelo presidente da República, no Palácio da Alvorada, e, enquanto ele despachava com deputados e senadores, os garçons serviam água mineral. As taças foram levadas como *souvenir* do acontecimento. A minha, com o emblema da República, resistiu até a minha terceira mudança de residência.”

Kubitschek cumprimentou cada um dos geólogos que ali estavam. Em nome das turmas, discursou o representante de São Paulo, Francisco Geraldo Chaves, que saudou o presidente, agradecendo o seu empenho e ambicionada meta: a “formação de geólogos brasileiros, visando proporcionar, em bases concretas, o conhecimento da Geologia e o tombamento das riquezas minerais do subsolo brasileiro”. Também o parabenizou pela criação do Ministério das Minas e Energia, e pediu a sua ajuda na tramitação, na Câmara Federal, do projeto que tratava da regulamentação da profissão de geólogo.

A formatura da turma de 1960 também foi revestida de grande pompa. A sessão solene de colação de grau aconteceu no dia 9 de janeiro de 1961, no Theatro Municipal de São Paulo. Como patrono da turma, foi escolhido o presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, e, como paraninfo, o professor Viktor Leinz, coordenador do curso de Geologia. O orador da turma, Fernão Paes de Barros, enfatizou a importância do conhecimento e aproveitamento da grande riqueza mineral do subsolo brasileiro para o desenvolvimento futuro do país. Nesse mesmo dia, pela manhã, foi celebrada missa de ação de graças, na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, na Rua Martiniano de Carvalho, na Bela Vista, em São Paulo. O encerramento das festividades ocorreu no dia 13 de janeiro,

com a realização de um baile de gala, no tradicional Club Transatlântico, abrilhantado por uma das mais famosas orquestras da época, a de Osmar Milani.

Formandos da primeira turma de Geologia da Universidade de São Paulo – 1960

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| 1 – Adolpho José Melfi | 13- Igor Bittencourt |
| 2 – Altamir Benedicto de Oliveira | 14- José Aluísio de Vasconcelos |
| 3 – Aluísio Castanho Maciel | 15- José Eduardo Machado |
| 4 – André Davino | 16- José Júlio de Castro Carneiro |
| 5 – Antonio Carlos Rocha Campos | 17- José Vicente Valarelli |
| 6 – Carlos de Carvalho Torres | 18- Luiz de Oliveira Costa |
| 7 – Celso de Barros Gomes | 19- Milton Assis Kanji |
| 8 – Fernando Pellerin de Araújo | 20- Neuza Maria Pereira de Mello |
| 9 – Fernão Paes de Barros | 21- Paschoal Giardullo |
| 10- Francisco Geraldo Chaves | 22- Umberto Giuseppe Cordani |
| 11- Giuseppina Giaquinto | 23- Vicente Antonio Vitorio Girardi |
| 12- Henrique Della Piazza | 24- Wilson Scarpelli |



Alunos da primeira turma de Geologia da Universidade de São Paulo posam para foto na Cidade Universitária, onde eram realizadas as aulas de Física, no ano de 1957. Com os estudantes estão os professores Giorgio Eugenio Oscare Giacaglia (o quarto, em pé, da esquerda para a direita) e Ruy Borges da Silva (o segundo, em pé, a partir da direita)



Alunos da primeira turma de Geologia durante aula prática no laboratório do departamento de Física, na Cidade Universitária, em 1957



Formandos de Geologia durante visita a Brasília, em 1960



Formandos de São Paulo, de Ouro Preto (MG) e de Porto Alegre (RS) durante audiência pública com o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (sentado, à direita), no dia 8 de dezembro de 1960



Paschoal Giardullo e Edna durante baile de formatura do curso de Geologia, realizado no dia 13 de janeiro de 1961

CAPÍTULO 3

E a jornada começa com a Cerâmica São Caetano

De repente, Giardullo se viu no terceiro ano de Geologia, no ano de 1959. Era hora de pensar no futuro e arrumar um estágio para sentir, na prática, o que era a vida de um geólogo. Já era sabido que seriam abertas vagas na Companhia Vale do Rio Doce, na Petrobrás, no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e em algumas outras mineradoras de grande porte. Ele se lembrou das pequenas minerações que conhecia, mas não acreditava que eram instituições capazes de contratar um geólogo. Então resolveu falar com seu pai: “Pai, será que a Cerâmica São Caetano teria emprego para um geólogo?”.

Essa pergunta fez com que Daniel Giardullo ligasse para o amigo Urames Pires dos Santos (1925-2018), que trabalhava na Cerâmica São Caetano. Santos disse que não sabia, mas gostaria de conversar com Paschoal Giardullo. Marcou data e hora. E lá foi o jovem, ansioso para saber se poderia fazer alguma coisa em favor daquela indústria.

Ao chegar, Giardullo conversou com Santos, que, na época, era vereador na Câmara Municipal de São Caetano do Sul (Urames Pires dos Santos foi vereador na segunda legislatura municipal, de 1953 a 1957, e na terceira, no período de 1957 a 1961) e também responsável pelo controle do recebimento e estocagem de todas as matérias-primas usadas pela Cerâmica São Caetano.

Santos explicou que a produtora dessas matérias-primas era a Companhia Paulista de Mineração (Copami), que fazia parte do grupo da Cerâmica São Caetano. E confirmou a possibilidade de ter uma vaga na empresa. Porém, o responsável pela contratação seria Cid Muniz Barreto, engenheiro e assistente da diretoria da Copami. Santos se comprometeu a falar com o colega e retornar em seguida com uma resposta para Giardullo. Alguns dias depois, telefonou confirmando uma entrevista com Barreto. Esse primeiro encontro durou três horas, e o estudante de Geologia deixou a sede da empresa com um estágio garantido para as férias de julho.

Para isso, Barreto pediu que ele falasse com o professor Rui Ribeiro Franco, do Departamento de Petrografia da universidade, pedindo uma carta de apresentação. Naquele mesmo dia, Giardullo conversou com o docente que, imediatamente, sugeriu ao estudante alguns livros sobre argilas e outros materiais produzidos pela

Copami. No entanto, o jovem deveria ter falado com o professor Evaristo, que coordenava os estágios, para encaminhar uma correspondência para a empresa. E assim foi feito. “Expliquei que a carta tinha de ser enviada para a Cerâmica São Caetano, em São Caetano do Sul, endereçada ao Dr. Cid Muniz Barreto, porque se esta seguisse para o escritório central, na Avenida Paulista, iria parar no departamento errado e, provavelmente, o estágio seria negado.”

O professor Evaristo mandou a carta. Feito isso, passou a cobrar de Paschoal Giardullo uma resposta. Depois de quase um mês, ele chamou seu aluno e, com um ar de desdém, disse: “Você não falou que tinha conseguido um estágio? Olha aí a resposta!”. Uma carta muito atenciosa da Cerâmica São Caetano confirmava que não seria possível conceder o estágio, por falta de estrutura para tanto.

Com a mensagem em mãos, Giardullo telefonou para Santos, que passou a ligação para Barreto. Este, porém, respondeu que era para esquecer a carta, pois o estágio na Copami estava garantido. O estudante deveria ir à fábrica, na semana seguinte, para combinar os detalhes. E, finalizando, Barreto disse para Giardullo perguntar ao professor: “Quem foi a besta que mandou a carta para o escritório em São Paulo?”.

“Voltando à faculdade, o professor Evaristo quis saber o que tinha acontecido. Conteí em detalhes e terminei dizendo que o Dr. Cid Barreto queria saber quem foi a ‘besta’ que mandou a carta para o escritório central da Cerâmica São Caetano. Ele não respondeu, e eu comecei a estudar muito mais para poder passar na matéria da qual ele era assistente.”

Como combinado, na semana seguinte, Giardullo se dirigiu à Copami, na intenção de saber sobre a programação do estágio. Barreto explicou que o maior problema naquele momento era o suprimento de cianita, para uso na fabricação de refratários. Eles não possuíam jazidas, contavam apenas com um único fornecedor, que não conseguia suprir as necessidades. O estagiário foi designado a traçar um plano e localizar novos suprimentos.

Aproveitando os conhecimentos de seu pai no Departamento Nacional de Produção Mineral (Daniel Giardullo era contador de alguns mineradores de argila estabelecidos em São Caetano do Sul, e também executava serviços de despachante para o mesmo departamento, no Rio de Janeiro), Paschoal Giardullo foi então ao Rio para verificar o que acharia sobre cianita no Brasil. Na área de

fomento do DNPM, conseguiu uma listagem de todos os processos referentes ao mineral. Eles não chegavam a dez e todos estavam localizados em Minas Gerais, na região de Andrelândia, e entre Belo Horizonte e Diamantina.

“Montei um plano de viagem e mostrei ao Dr. Cid (como era chamado Cid Muniz Barreto). Ele aprovou e me mandou passar na última semana de junho, para conhecer o motorista que estaria a minha disposição, e me orientou sobre como agir para ter o dinheiro para a viagem. Naquele tempo, não existiam cartões de crédito ou débito, e fazer um saque fora da nossa agência era quase impossível. Por isso, tínhamos de sair com dinheiro em espécie em quantia suficiente para toda a viagem.”

De olhos abertos para uma ótima ideia

Giardullo voltou para a Copami nos últimos dias de junho, quando foi apresentado ao motorista que o acompanharia, Antonio Nestor Martins, com a recomendação de que ele deveria mostrar e explicar os detalhes referentes à Geologia e pesquisa, porque ele estava sendo treinado para ser pesquisador. E recebeu um monte de dinheiro para a viagem.

Partiram no dia 1º de julho, e seguiram diretamente para a região de Andrelândia, situada no sul de Minas Gerais, entre Juiz de Fora e São João del-Rei, uma cidade pequena onde ficava uma das pensões mais sujas nas quais Giardullo se hospedou em toda sua vida. O café da manhã se restringia a leite, café e um pão, e servidos em dois bules amassados e imundos. A dupla visitou as ocorrências, coletou amostras e seguiu para Belo Horizonte, que ainda era uma cidade pequena. Na capital mineira, se hospedaram no Hotel Everest, na Avenida Afonso Pena, a qual tinha, no centro, uma faixa para estacionamento; e bondes nas laterais.

Na manhã seguinte, a jornada começou. O grupo seguiu até uma ocorrência listada no DNPM, a única que tinha Decreto de Lavra e que ficava dentro da área da St. John D’el Rey Mining Company Limited, dona da mina de ouro de Morro Velho, até então explorada pelos ingleses, situada no caminho para Ouro Preto. “Fomos bem recebidos, e nos mostraram a ocorrência, que amostramos e fotografamos. Seguimos viagem e fomos até Gouveia, perto de Diamantina, onde existia outra ocorrência que também foi amostrada. Nos dias que se seguiram, percorremos toda a região de Diamantina. Seguindo as indicações recebidas, fomos parar em Capelinha, onde ficamos

alguns dias tentando localizar outras ocorrências. Andamos pelo vale do Rio Doce e chegamos a Governador Valadares. De lá, voltamos para São Paulo, chegando numa sexta-feira à noite.”

No fim de semana, o estagiário preparou o relatório, revelou as fotos e, na segunda-feira cedo, já estava na Copami entregando o resultado de sua pesquisa, incluindo amostras e prestação de contas. Era 20 de julho. Barreto leu o relatório, avaliou as fotos feitas em branco e preto, analisou as amostras e perguntou: “Quando você poderá repetir a viagem para mostrar tudo para mim?”. “A partir de amanhã”, respondeu Giardullo.

Barreto avisou que eles sairiam novamente na quarta-feira. Porém, iriam demorar um pouco mais para retornar, pois ele e Louis Guttan, engenheiro responsável pela manutenção da companhia, seguiriam para Caravelas (BA), para fazer pesca submarina no arquipélago de Abrolhos. Giardullo achou a ideia ótima!!

Partiram cedo na quarta-feira, em um veículo utilitário (uma Kombi) sem o banco intermediário. O espaço serviu para colocar os apetrechos de caça submarina, enxada, cabos de aço e um tiorfor, equipamento manual para ajudar a desencalhar o veículo, se necessário. Dormiram em Belo Horizonte (MG) e, no dia seguinte, seguiram viagem. Giardullo mostrou tudo o que tinha visto e chegaram a Capelinha. Daí em diante, a aventura realmente começou.

Os mapas da época eram precários. O que havia eram guias impressos por petrolíferas como Esso e Texaco, que mostravam as estradas principais. O grupo queria chegar rapidamente ao município de Teófilo Otoni, e escolheram uma rota que passava pelas cidades de Setubinha, Malacacheta e Poté. De Capelinha até Setubinha, eram estradas péssimas que passavam por dentro de fazendas, com centenas de porteiras. A alimentação, nessas aventuras, se resumia a sardinha enlatada e bolachas de água e sal.

“Fomos a uma venda para comprar esses mantimentos e o vendedor nos recomendou comer em uma pensão. Concordamos, mas chegando lá, a dona informou que já não tinha almoço, porque eram quase 14h. Perguntamos se ela poderia preparar algo. Ela disse só ter ovos. Aceitamos e ela afirmou que tudo ficaria pronto em meia hora. Voltamos à venda para comprar corda, pois a amostra da estrada recomendava isso, e, quando voltamos, a mesa do almoço estava posta. Sentamos e ela trouxe um prato com nove ovos fritos. A nosso pedido, ela trouxe farinha. Resumindo: um almoço de três ovos fritos com farinha para cada.”

Voltamos à estrada, que parecia bem melhor no trecho seguinte, apesar de continuar sendo de terra e estreita. Os três chegaram a Teófilo Otoni no período da tarde. Continuaram até Nanuque, na divisa de Minas Gerais com o Espírito Santo, onde pernoitaram.

A cidade mineira de Nanuque parecia uma cidade de faroeste. Sem calçamento, com algumas construções de madeira, serrarias e uma grande movimentação de caminhões, carros, cavalos e pessoas. Um comércio bastante desenvolvido. Ali, passaram mais uma noite.

No dia seguinte, bem cedo, seguiram para o norte, em direção a Teixeira de Freitas, um vilarejo baiano à beira da estrada que ia para o sul do Estado, atualmente conhecida como BR-101. Chegando a Teixeira de Freitas à tarde, resolveram pernoitar na cidade. Segundo informações, a estrada piorava muito em direção a Caravelas, outro município da Bahia. “Ninguém acreditava que nosso veículo conseguiria chegar lá. Nessa época, a Petrobras realizava pesquisas, perfurando poços na região do distrito de Cumuruxatiba, ao norte de Caravelas, e a exploração de madeira na região era intensa. Principalmente em tempos de chuva, as estradas do sul do Estado da Bahia ficavam péssimas.”

Aos olhos de um geólogo, as mais belas paisagens

O dia nasceu e, logo cedo, o grupo partiu para Caravelas. Realmente, a estrada havia piorado. Os caminhões que puxavam madeira deixavam sulcos no centro da estrada, dificultando o trânsito de veículos pequenos e sem tração nas quatro rodas. Foi tudo ótimo até a entrada da cidade, onde havia um enorme atoleiro repleto de água. “Conseguimos passar, mas a solução foi tirar as botas e enfiar o pé no barro, amarrar o trefor em um mourão de cerca e desatolar facilmente o veículo, para espanto dos que estavam observando.”

Seguiram para o melhor hotel da cidade, um sobradão centenário com um pé direito com cerca de quatro metros, enormes quartos divididos por tapumes de três metros. “Claro, para você saber o que os vizinhos estavam fazendo e falando”.

Almoçaram uma belíssima moqueca e alugaram um barco para viajar até Abrolhos logo cedo, na manhã seguinte. Na cidade, o único barco a motor era o da Capitania dos Portos, então alugaram um saveiro a velas, cuja tripulação conhecia toda a região. A viagem era estimada em três horas.

“Aproveitamos a tarde para conhecer a região. Caravelas estava decadente. A estrada de ferro (Bahia-Minas) tinha sido desativada e estava sendo desmontada. O que sustentava a cidade era a exploração de madeira, as pesquisas da Petrobras e as plantações de coco, sendo uma parte delas da Cooperativa Agrícola de Cotia. Mais uma bela peixada à noite e, no dia seguinte, acordei com uma tremenda caminheira (*diarreia*). Mesmo assim, fui conhecer Abrolhos.”

Saíram assim que o dia começava a clarear, dispostos a aproveitar os ventos que sopravam a partir do continente. A viagem durou pouco mais de três horas. Chegaram a Abrolhos, onde Giardullo vislumbrou as paisagens mais lindas e espetaculares que já havia visto. O arquipélago apresenta uma formação de corais com um colorido espetacular que, na maré baixa, ficam parcialmente expostos, em um mar limpíssimo. Eles colocaram os apetrechos de mergulho e caíram no mar, na tentativa de pescar algumas lagostas. O barco ia seguindo o grupo de mergulhadores, aproveitando para capturar alguns peixes. Como não sabia nadar, Giardullo colocou boias, óculos e permaneceu na superfície, observando os corais, a vegetação e os peixes. “Era um espetáculo indescritível. À tarde, aproveitando os ventos que sopram do mar para o continente, voltamos em menos de três horas e sem nenhuma lagosta.”

Dormiram em Caravelas e, no dia seguinte cedo, foram para Vitória (ES), onde também pernотaram. Na noite do dia subsequente, estavam todos em casa.

Giardullo disse a eles que iria pesquisar outros estágios e, dentro de um mês, diria se ficaria ou não na Copami. Conversou com colegas e chegou à conclusão de que teria muito mais campo de trabalho na área dos minerais industriais. Além disso, a sede da empresa era em São Paulo, onde tudo acontece. “Voltei à Copami no fim de agosto e disse que iria trabalhar lá. E ficou combinado que, assim que terminassem as aulas, eu começaria.”

Arquipélago de Abrolhos – De ontem para hoje

Abrolhos está ao alcance de poucos privilegiados. E para alguns, é um lugar praticamente inatingível, assim como é impossível pescar nas águas mornas do arquipélago. Mas há aqueles que estão muito além dos imprevistos. Abençoados pela boa maré, Giardullo, Guttan e Barreto, vivenciaram momentos raros para os dias atuais: pescar, nadar e capturar lagostas entre as cinco ilhas de Abrolhos.

A vida marinha, a vegetação e a realidade que Paschoal Giardullo testemunhou se transformou, 20 anos depois de sua visita, no Parque Nacional Marinho de Abrolhos, instituído em 1983. O parque surgiu exatamente como resultado da preocupação com a poluição, que começou entre os anos 1960 e 1980. É o primeiro no gênero do Brasil, totalmente protegido.

Está localizado a 72 km de Caravelas (BA) e recebe cerca de 20 mil visitantes por ano. É formado por cinco ilhas com solo arenoso e exposto a luz solar direta. A principal é Santa Bárbara, sendo a única habitada, formada por uma pequena população de moradores, militares e pesquisadores do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Turistas são permitidos para visitas à Ilha Siriba, sob monitoramento. A Ilha Redonda abriga a desova das tartarugas e tem difícil acesso de bote, em razão da presença de corais de franjas. A Ilha Sueste é inatingível, enquanto a Guarita, a menor de todas, tem superfície formada por grandes blocos de rochas vulcânicas. Esta última serve de local para a reprodução de pássaros tipo beneditos. Tem apenas 100 metros de extensão e está a 13 metros acima do nível do mar. Seu solo é pouco profundo, sem a presença de água doce, o que também limita o crescimento de uma vegetação mais alta.

Para chegar ao Arquipélago de Abrolhos, a estrutura atual é excelente. Catamarãs transportam passageiros entre o porto mais próximo de Caravelas, ao sul da Bahia, em uma viagem que dura três horas. Porém, esse tempo pode parecer muito menor, entre os meses de julho e novembro. Isso ocorre porque, nesse período, as baleias jubarte migram para a região, preparando-se para a temporada de reprodução. Elas chegam da Antártica, em busca das águas de temperaturas mais amenas da Bahia e do norte do Espírito Santo. Desde 1986, ano em que a pesca das baleias foi oficialmente proibida, a população dos mamíferos marinhos aumentou consideravelmente, cerca de 7% ao ano. A observação é monitorada, mesmo sabendo-se que atualmente a fauna local não teme a presença humana, em razão da extrema preservação e cuidado com os animais.

O primeiro sinal de aproximação com as ilhas surge com o topo do farol, instalado na Ilha de Santa Bárbara em 1861, hoje sob a jurisdição da Marinha brasileira. Sua instalação aconteceu para evitar os inúmeros naufrágios. Ainda é possível mergulhar nas águas de Abrolhos e visitar o interior de dois navios naufragados.

Foi em 1503 que Américo Vespúcio escreveu uma carta, ao passar pelo arquipélago: “Ao se aproximar da terra, abra os olhos”. Ele se referiu à presença de uma intensa quantidade de corais, que dificultavam a navegação, e provocam inúmeros acidentes. Somente ali encontra-se a espécie do coral-cérebro. Também há grande incidência de recifes, chamados chapeirões. Alguns chegam a atingir 25 metros de altura.

Entre um mergulho e outro, de repente podemos nos surpreender nadando ao lado de cardumes de peixes exóticos, como o cirurgião-azul, de um tom fosforescente. Ou entre badejos, tão comuns na culinária brasileira e que, nos dias de hoje, Paschoal Giardullo jamais poderia pescar.

Estrada de Ferro Bahia-Minas – Um adeus e uma saudade

Ponta de Areia

Ponta de areia, ponto final
Da Bahia-Minas, estrada natural
Que ligava Minas ao porto, ao mar
Caminho de ferro mandaram arrancar

Velho maquinista com seu boné
Lembra do povo alegre que vinha cortejar
Maria fumaça não canta mais
Para moças flores janelas e quintais

Na praça vazia, um grito, um ai
Casas esquecidas, viúvas nos portais

Milton Nascimento e Fernando Brandt

Ainda persiste, sobrevive teimosa, parte da estrada de ferro Bahia-Minas, em um pequeno trecho no Estado de Minas Gerais. Hoje é conhecida como a Ferrovia do Adeus, título que mereceu após sua desativação, em 1966, exatamente no período em que Paschoal Giardullo iniciava suas pesquisas para a Cerâmica São Caetano, em busca de cianita. O último apito daquela Maria Fumaça ecoou nesse ano.

A ferrovia de 600 quilômetros foi construída aos poucos, até interligar totalmente Ponta de Areia (BA) a Araçuaí (em Minas Gerais e que naquele tempo ainda se escrevia Arassuaí). O primeiro trecho foi inaugurado em 1882, interligando Serra dos Aimorés (MG) e Caravelas (BA), passando a ser uma estrada importante na integração das duas regiões, e também uma abertura do Estado de Minas Gerais para o Atlântico.

Passava por outras cidades, como Mata (RS) e Charqueada, no sertão de Carlos Chagas (MG). Chegou a Teófilo Otoni em 1898, seguindo para distritos e cidades mineiras como Valão (ou Vallão, para a época), Ladainha, Novo Cruzeiro, Queixada, Engenheiro Schnoor, Alfredo Graça e, finalmente, Araçuaí. Relatos de sua história assemelham-se aos bons filmes dos faroestes norte-americanos, pois era uma ferrovia exposta a ataques de índios, surtos de febre amarela, chuvas contínuas e deslizamentos de terra que atrasavam o cronograma de partidas e chegadas.

Sua riqueza econômica se consolidou com o transporte de madeira. Mas, aos poucos, deu lugar à força da cultura do café. Até que a região se rendeu à abundância de águas-marinhas, topázios, turmalinas, olhos-de-gato, quartzos roxo, alexandritas, ametistas, crisoberilos, berilos, entre outras gemas. Grande parte se concentrava em Teófilo Otoni (MG), o que possibilitou que a cidade se tornasse um importante centro de lapidação, com centenas de empresas especializadas formais; e milhares informais. Hoje, acontece anualmente na cidade a Feira Internacional de Pedras Preciosas (Fipp).

A ferrovia mantém, ainda hoje, relíquias arquitetônicas, entre estações, pontilhões e túneis. Sua desativação ocorreu sob a promessa de ser substituída por uma rodovia, o que não aconteceu, dando lugar apenas a algumas estradas vicinais.

CAPÍTULO 4

Na Copami, o convívio com o mundo das matérias-primas cerâmicas

No início de janeiro de 1961, Paschoal Giardullo começou a trabalhar como geólogo na Companhia Paulista de Mineração (Copami), o braço minerador da Cerâmica São Caetano. A companhia era encarregada de fazer as pesquisas de matérias-primas naturais, abrir e explorar as jazidas e, ainda, cuidar dos beneficiamentos.

Conforme conta o geólogo, a indústria cerâmica no Brasil já estava bastante desenvolvida, com um setor formado por grandes unidades de cerâmica estrutural, fabricando telhas, tijolos, elementos vazados e pisos. O ramo da indústria de sanitários também evoluía e a maior parte das fábricas localizava-se no Estado de São Paulo.

“Naquela época, fabricávamos pisos e azulejos, e ambas as indústrias eram bastante desenvolvidas. Atualmente esse ramo é chamado de revestimentos cerâmicos e o Brasil é o segundo maior produtor mundial, depois da China. A indústria vidreira, tanto vidro plano como embalagens e artigos domésticos, também se mantinha bem desenvolvida, sendo a maior parte dela localizada no eixo Rio – São Paulo. A indústria de cerâmica branca, porcelana e louça de uso doméstico, adornos e isoladores elétricos, seguia do mesmo modo. Os refratários, de sílica, alumina, sílico-aluminosos e básicos, eram supridos pela indústria nacional.”

Giardullo ressalta o quanto se podia imaginar, em termos do consumo de matérias-primas naturais, as necessidades para suprir essas diferentes indústrias. Como o suprimento não era muito qualificado, uma grande parte desse conglomerado industrial tinha as suas próprias minerações.

A Cerâmica São Caetano usava uma série de matérias-primas específicas, e precisava garantir seus suprimentos, tanto em quantidade como em qualidade. Sendo assim, optou por criar uma empresa de mineração própria, a Copami, a qual supria a fábrica com a maior parte das matérias-primas naturais que ela consumia, além de pesquisar constantemente novas matérias-primas, para atender à fabricação de novos produtos.

“Toda a indústria cerâmica estava passando por um grande desenvolvimento, com o aparecimento de novos produtos, novos

processos de produção, equipamentos mais modernos, o que nos obrigava a desenvolver novas matérias-primas naturais.”

Na área dos pisos, a Cerâmica São Caetano produzia os melhores materiais, de alta qualidade, fabricando produtos com algumas cores, como verde, amarelo, preto e pérola, que somente ela conseguia fazer com perfeição. No período em que Giardullo permaneceu na Copami, foi introduzido um novo processo de fabricação e o tempo de queima para a produção dos ladrilhos caiu de 36 horas para 2 horas e 30 minutos. Isso obrigou a empresa a descobrir novas matérias-primas.

Na área de refratários, a especialidade da Cerâmica São Caetano consistia nos refratários de sílica, usados em fornos de vidro, altos fornos da indústria siderúrgica e em fornos de cimento, que foram sendo substituídos por refratários de alta alumina, sobre os quais a empresa dominava conhecimento técnico e matéria-prima; e os refratários básicos, feitos de magnesita e cromita, dos quais a Cerâmica São Caetano tinha tecnologia, mas não a matéria-prima.

Quando Paschoal Giardullo começou a trabalhar na Copami, esta explorava as seguintes jazidas:

Argilas - Jundiapéba – Mogi das Cruzes (SP); Biritiba Mirim – Biritiba Mirim (SP); Rio Pequeno – São Paulo (SP); Campo Verde – Jundiá (SP); Uberaba – Uberaba (MG); Poços de Caldas – Poços de Caldas (MG);
Quartzitos - Biritiba Ussu – Capela do Ribeirão – Quatinga - Mogi das Cruzes (SP);
Dolomito - Itararé – Itararé (SP);
Fonolito alterado - Barra do Pirai – Barra do Pirai (RJ);
Filitos - Pirapora do Bom Jesus – Pirapora do Bom Jesus (SP); Itapeva – Itapeva (SP);
Agalmatolito - Pará de Minas – Pará de Minas (MG).

A pesquisa baseava-se em dois campos distintos: novos materiais e o controle da lavra (extração de metais), feita sistematicamente visando um conhecimento detalhado da frente de lavra, de modo a garantir uma qualidade constante das matérias-primas produzidas. Novas pesquisas visavam descobrir materiais usados pela produção da cerâmica. Porém, a empresa não possuía jazidas.

“No momento em que eu comecei a trabalhar na empresa, dois materiais eram altamente prioritários: magnesita, para uso nos refratários; e cianita, que representava o mote do meu estágio também para os refratários.”

Assim que começou a trabalhar na Copami, Giardullo ainda permanecia com algumas dúvidas, naturais do processo. Entre elas, ele pensava se havia feito a escolha certa, ou se não teria sido melhor ter ido para a Petrobras, Vale do Rio Doce, ou alguma estatal, universidade ou órgão público. Com poucos meses de trabalho, esses questionamentos desapareceram. O jovem geólogo entendeu a grandeza de seu trabalho, e se viu diante de um mercado gigantesco e diversificado. Entendeu que estava atuando em uma grande companhia, perfeitamente engajada em pesquisa e desenvolvimento. A exploração das jazidas não utilizava métodos modernos, mas Giardullo enxergou um campo enorme para evoluir profissionalmente, conhecendo e implantando novos métodos de exploração. “Fui conduzido a conhecer sistemas de administração, custos e relações humanas.”

Era uma companhia muito bem estruturada. Contava com oficina mecânica de autos, nas jazidas de Jundiapéba e Rio Pequeno, e uma carpintaria na do Rio Pequeno, que era responsável pela construção e manutenção de todos os depósitos de material seco presentes em várias jazidas.

Naquela época, ainda existia muito trabalho manual e as lavras eram pouco mecanizadas. Algumas jazidas ainda utilizavam carroças com tração animal. Cada jazida tinha as suas peculiaridades. Os materiais produzidos obrigatoriamente exigiam análise e aprovação, antes de serem transportados para a Cerâmica São Caetano. A empresa contava também um departamento de topografia, com topógrafos e desenhistas especializados.

Em algumas jazidas, os materiais secavam ao sol, antes do transporte para a Cerâmica São Caetano, depois eram armazenados em barracões de madeira, padronizados, e feitos pela carpintaria da fábrica. As tesouras desses barracões, todas com dez metros de vão livre, eram compostas por peroba encavilhada, sem fixação com pregos ou parafusos.

A Copami recebia do laboratório da Cerâmica São Caetano as especificações químicas das matérias-primas que deveria produzir, bem como a quantidade adequada para cada lote. O material extraído era depositado em montes para a homogeneização. Depois de pronto, era amostrado, e analisado. Se estivessem de acordo com a especificação, eram liberados para o transporte para a fábrica, ou seguia para a secagem e armazenamento, para posterior envio. Normalmente, existia um monte em uso, outro em processo de amostragem e análise, e um terceiro em preparação.

Como nessa época não existiam computadores, as receitas para a feitura dos montes eram feitas manualmente, com o auxílio de calculadoras manuais, especificando a quantidade de cada argila (com seu determinado teor), que deveria ir para o monte, com a composição determinada pelo laboratório. “Confesso, era um trabalho chato, e torcíamos para dar certo na primeira amostragem do monte pronto, o que na maioria das vezes não ocorria.”

Estradas e frotas

O Brasil, na década de 1960, já contava com uma razoável rede de estradas de rodagem, tanto federais, como estaduais, embora a maioria ainda não estivesse completamente asfaltada. No sertão brasileiro, já existiam muitas estradas municipais, mas, em grande parte, precárias.

Quanto aos sistemas de comunicações, o problema era maior ainda. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos chegaria somente em 1969, passando a oferecer os serviços de transporte e entrega de cartas e encomendas. Havia serviço telefônico em todas as capitais e nas cidades importantes, mas a ligação entre os municípios era precária, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Toda a costa brasileira e as principais capitais dos Estados eram interligadas pela Western Telegraph Company, uma empresa inglesa que tinha cabos submarinos interligando o Brasil à Europa, Estados Unidos e ao restante da América do Sul. Quando havia urgência de comunicação, a opção era usar a Western, que entregava os telegramas no mesmo dia.

Também eram precários, nesta época, os mapas topográficos e geológicos, e a topografia era também bastante primitiva. Usava-se o teodolito, um instrumento ótico utilizado para medir ângulos horizontais e verticais, responsáveis pela leitura das distâncias e as coordenadas de um ponto do campo, determinadas em relação ao norte magnético, e todos esses dados eram anotados nas cadernetas de campo, e quando Giardullo chegava ao escritório, usava tábuas de logaritmos, para determinar o ponto correto e, manualmente, desenhar nas plantas.

Os levantamentos aerofotogramétricos (método de obtenção de dados topográficos por meio de fotografias aéreas, geralmente, com o fim de mapeamento) também eram de difícil acesso. Giardullo lembra que todo o Brasil foi fotografado durante a Segunda Guerra Mundial pela United States Air Force e algumas dessas imagens

eram acessíveis, mas a sua qualidade deixava a desejar. Havia outros levantamentos mais recentes, de algumas regiões brasileiras, como, por exemplo, do Vale do São Francisco, do Vale do Jequitinhonha, do quadrilátero ferrífero em Minas Gerais e de várias barragens. No Estado de São Paulo, havia levantamentos aerofotogramétricos recentes, feitos pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), para controle da área destinada à cafeicultura. “Essas fotos ficavam no Instituto Agrônomo de Campinas (SP), e o seu acesso era bastante complicado, pois havia poucos técnicos para interpretá-las, e transformá-las em mapas topográficos ou geológicos. Hoje, temos levantamentos feitos por satélites de todo o Brasil, atualizados praticamente toda a semana, com acesso bastante simplificado. E tudo isso no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).”

“Hoje, por meio de GPS, os teodolitos modernos gravam esses pontos e as respectivas distâncias em suportes digitais, e as impressoras tipo *plotters* desenham os mapas com muito mais precisão e rapidez. Como não tínhamos mapas geológicos em escala adequada, éramos obrigados a selecionar regiões para pesquisar as matérias-primas naturais e, daí em diante, percorrer essas áreas, buscando os afloramentos do material procurado. A Copami tinha dois pesquisadores principais, que exploravam as regiões que determinávamos, passando por diversos estabelecimentos comerciais, com amostras do material desejado, em busca de alguém que trabalhasse com pedras e pudesse dar informações que levassem às ocorrências. Eles também percorriam todas as estradas em fase de abertura para observar o que aparecia nos cortes. A maior parte das jazidas em funcionamento, quando eu entrei na companhia, foi descoberta desse modo.”

Na época em que Giardullo ingressou na Copami, duas pesquisas sobre talco estavam em andamento: uma em Itaiacoca, perto de Ponta Grossa (PR), e outra na Serra de São Lourenço, perto de Cajati (SP). Como somente as pesquisas no Paraná deram resultado, o pessoal que estava em São Lourenço foi deslocado para Minas Gerais, dando início à pesquisa de cianita no estado, usando as informações das pesquisas que Giardullo realizou durante o seu estágio.

Para dar suporte à sua frota, a Copami tinha uma oficina mecânica e de funilaria funcionando na jazida do Ribeirão Pequeno e uma oficina mecânica na jazida de Jundiapéba, ambas em São Paulo. Várias jazidas contavam com plantações de eucaliptos. Em Biritiba Mirim (SP), havia uma olaria e uma instalação para trata-

mento das madeiras usadas para fazer cercas nas propriedades da empresa (naquela época, não havia regras para o desmatamento). As terras onde se situavam as jazidas, na maior parte, eram de propriedade da Copami, com exceção de Jundiapéba, cuja proprietária era a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; e a jazida de filito claro de Pirapora do Bom Jesus (SP), que pertencia à Diocese de São Paulo.

“Logo que entrei na Copami, verifiquei que o controle do funcionamento das jazidas era precário, e comecei a implantar relatórios semanais de produção, feitos pelo encarregado, os quais deveriam estar na sede todo início de semana. Nas jazidas onde havia transporte de material todo o dia, isso se tornava mais fácil. Mas, naquelas onde os materiais eram transportados por lotes, em dias alternados, mandávamos os formulários a serem preenchidos, e envelopes subscritos e selados. O encarregado deveria postá-los na agência dos Correios mais próxima, toda segunda-feira.

Nessa época, os carros também não tinham tanta tecnologia, então, ao comprar um veículo novo, era preciso adquirir também um belo jogo de ferramentas e uma coleção de peças de reposição. No nosso caso, tínhamos de, obrigatoriamente, conhecer um pouco sobre mecânica, porque os socorros não eram fáceis. Quando entrei na Copami, a frota consistia em veículos das marcas Jeep e Volkswagen (Kombis), depois o DKW Candango (Vemag), e, mais tarde, as caminhonetes da Ford e da Chevrolet. Todos eram equipados com ferramentas, correntes para as rodas, cabos de aço para reboque, e tiflor, que levávamos em viagens de pesquisa.”

As jazidas funcionavam todos os dias, inclusive aos sábados, em regime de semana inglesa. Desde o princípio, Giardullo acreditava que o sábado deveria ser livre para os empregados, principalmente aqueles das jazidas mais isoladas, para que pudessem ir à cidade fazer compras. Mas isso ele nunca conseguiu. A argumentação contra era ‘se a fábrica da Cerâmica (*São Caetano*) funciona aos sábados, porque as jazidas não iriam funcionar?’. As jazidas eram pouco mecanizadas sendo que algumas ainda trabalhavam com carroças traçadas por burros. Em dois anos, Paschoal Giardullo conseguiu substituir todas por basculantes.

Quanto vale uma pesquisa?

Normalmente, amostras de rochas e minerais eram trazidas pessoalmente ou enviadas por meio de transportadoras, para que

fossem avaliadas pela Cerâmica São Caetano. O maior interesse dos remetentes era saber o valor do material.

Quando as amostras eram trazidas pessoalmente, Giardullo conversava com o portador e tentava descobrir como a amostra havia sido coletada. Verificava se representava realmente a matéria-prima existente, fazia uma estimativa da quantidade, da possibilidade de extração, e a mobilidade até o local. Enfim, o geólogo tentava obter o máximo de informações sobre a ocorrência. Se não tinha utilidade para a Cerâmica São Caetano, Giardullo explicava o motivo. A mesma avaliação era feita com os materiais encaminhados. Após essa primeira análise, eram enviados ao laboratório, que inicialmente fazia uma queima, e se apresentassem aspectos interessantes, era providenciada uma análise química dos mesmos.

“Se o material passasse nesse teste, entrávamos em contato com o remetente para combinarmos uma viagem ao local e verificar se tudo o que havia sido dito era verdade. Normalmente, 95% não passavam nos testes de laboratório e, dos que passavam, menos de 1% acabava se transformando em jazida.”

No caso das pesquisas conduzidas pela Copami, a amostragem era a mais perfeita possível, e somente eram enviadas amostras para análise, quando o material era realmente interessante. Normalmente, era feita uma queima inicial nos fornos túneis do setor de terracota ou de refratário. A partir desse resultado, as amostras seguiam para o laboratório fazer uma análise química e dizer se havia interesse em prosseguir nas pesquisas.

Durante todo esse tempo, Paschoal Giardullo testemunhou fatos memoráveis, que permanecem em sua memória. E grande parte deles serão relatados nos próximos capítulos.

Magnesita de Ubiraçava – Distrito de Brumado (BA)

Ao começar a trabalhar na Copami, Giardullo descobriu que, ao chegar uma amostra de magnesita, era preciso deixar tudo que estava sendo feito, e correr para ver se realmente existia o tal material.

Certa vez, Carlos R. Newlands, dono de uma grande fazenda no sertão da Bahia, mandou, por intermédio de sua filial em Belo Horizonte, uma amostra de magnesita do tipo grego, que, após analisada, mostrou-se verdadeira. Foi solicitada uma nova amostra e ele mandou várias delas, todas de magnesita. Diante disso, era imperiosa uma visita à ocorrência, que ficava em Ubiraçava, distrito de Brumado (BA). Depois de várias comunicações trocadas entre

ambas as partes, ficou acertada uma visita de Giardullo ao local. “Ficou combinado que eu iria de avião até Vitória da Conquista, na Bahia, e de lá eu seria levado até Ubiraçaba, onde ficava a jazida.”

No início de fevereiro de 1961, na semana do carnaval, Giardullo embarcou para o Rio de Janeiro e, de lá, em um bimotor DC-3, voou até Vitória da Conquista, na Bahia. “No aeroporto, Newlands estava à minha espera. Fomos para Brumado, e vi a caatinga pela primeira vez na minha vida. Como tinha chovido, tudo estava verde, mas os rios e os córregos estavam completamente secos. Chegamos ao distrito no fim da tarde, e me hospedei em um hotel bem simples. A cidade não tinha energia elétrica e nem água encanada. E o gerador funcionava apenas até às 22h.”

“No dia seguinte, saímos às 6h e fomos para uma fazenda localizada a 48 quilômetros de Brumado (sendo 31 deles pela estrada que liga a Caetité, e 17 por uma estrada municipal). Para quem estava acostumado com as fazendas da região Sudeste, aquilo era completamente diferente. Em primeiro lugar, por não ter água. Na entrada da fazenda, existia uma cacimba (um tipo de cova em terreno úmido ou pantanoso, feita para retirar água que mina do solo), com mais ou menos uns 50 metros de diâmetro, com um quarto de sua área cercada por madeiras retorcidas da caatinga. Ali, pessoas lavavam roupa e pegavam água para cozinhar, etc. No restante, vacas e cavalos bebiam água. A casa da fazenda tinha uma grande sala, alguns quartos e uma cozinha com fogão a lenha. Praticamente, sem mobília. Na sala, uma mesa grande, ao centro, e muitas cadeiras. Conheci o fazendeiro, conversamos um pouco e fomos ver as pesquisas, com mais dois auxiliares para abrir picadas, quebrar pedras e tudo o que fosse necessário para eu conhecer a jazida e colher amostras.”

A ocorrência estava situada em uma serra, localizada na área da fazenda e percorria suas imediações. Alguns pontos já haviam sido explorados e, em outros, existiam apenas afloramentos. O que Giardullo notou foram várias ocorrências de dolomito e alguns pontos de magnesita, do tipo grego, que ocorriam em veios que variavam por cerca de 30 centímetros. Mas nada demonstrou interesse econômico. O geólogo coletou uma série de amostras e levou ao laboratório, que confirmou ser a maior parte dela composta por dolomita. As magnesitas do tipo grego não sugeriam uma jazida.

“Voltamos para a sede ao entardecer, e havia um almoço à minha espera. Sentamos à mesa, o fazendeiro na cabeceira, eu e

Newlands de um lado e, do outro, o motorista. Na sala, cerca de dez pessoas observavam nossa refeição. Depois de almoçarmos, fiz uma coisa que serviu de lição para o resto da minha vida. Pedi água!! Imediatamente, trouxeram-me numa bandeja uma jarra e quatro copos, desses semelhantes aos sorteados nos parques de diversão e quermesses da época. Quando verteram o líquido da jarra, percebi que ele tinha a cor e a viscosidade de um achocolatado, e logo me lembrei do açude na entrada da fazenda. Tomei coragem, me lembrei de que, quando eu era criança, me faziam tomar Emulsão Scott. Sendo assim, bebi toda a água a mim servida. Nunca mais, em todo o meu tempo de trabalho, repeti esse erro. Quando não levava água, passava sede.”

Já era tarde quando Giardullo retornou ao hotel, em Brumado, chegando a tempo de tomar um banho frio, de cuia, e jantar, quando já não existia mais luz elétrica. O porteiro pediu que ele fosse até a cozinha para avisar que já estava pronto para jantar, quando ele, novamente, fez outra besteira: “Entre na cozinha e me deparei com as cozinheiras, os filhos e mais alguns agregados, todos sentados no chão, próximos ao fogão, comendo com as mãos, dentro de um recinto que, mesmo sem luz, não seguia muitas normas de limpeza. Aprendi mais uma coisa. Não entre na cozinha de pensões ou hotéis no sertão”.

Paschoal Giardullo jantou e, no dia seguinte cedo, uma sexta-feira de carnaval, preparou-se para mais uma jornada. “Levaram-me ao aeroporto de Vitória da Conquista, onde tomei um DC-3 até o Rio de Janeiro e, de lá, um voo para São Paulo. Vocês podem imaginar a satisfação de descer em Congonhas, em uma tarde de sexta-feira de carnaval, e me deparar com a civilização?”

Argila do tipo *flint clay* nas proximidades de Grão Mongol (MG)

Certa vez, a filial da Cerâmica São Caetano de Belo Horizonte (MG) mandou para o laboratório algumas amostras de uma argila *flint clay*, um tipo bem compacto, com aspecto de pedra. Analisada, verificou-se que era uma caulinita pura, interessante para fazer chamote (um tipo de matéria-prima) para refratários aluminosos. Paschoal Giardullo foi encarregado de analisar a ocorrência, aproveitando a viagem para visitar a jazida de Pará de Minas(MG).

De Belo Horizonte, Giardullo embarcou para Montes Claros, também em Minas Gerais, onde o dono da propriedade o aguarda-

va para levá-lo à jazida, situada a 15 quilômetros de Grão Mongol, e a 150 quilômetros de Montes Claros. Um trajeto todo percorrido por razoáveis estradas de terra.

Montes Claros era uma importante cidade do noroeste do Estado mineiro e um importante polo agroindustrial, com uma boa infraestrutura, comércio, hotéis, restaurantes, energia elétrica e água encanada. A ocorrência ficava em uma série de garimpos, dos quais eram extraídos cristais de quartzo, muitos deles de alta qualidade e que, naquela época, eram bem valiosos. Eles ocorriam em veios bastante irregulares, dentro de quartzitos, e a argila era o preenchimento dos veios. Os cristais, na maior parte das vezes, ficavam nas paredes dos veios; e a argila, em alguns pontos, ficava no meio.

O geólogo percorreu detalhadamente todos os buracos abertos para extração de quartzo, e não havia material que permitisse uma exploração econômica, por isso, voltou para São Paulo.

Magnesita do município de Datas (MG)

O caso a seguir é bem interessante. Paschoal Giardullo conta que já tinham descoberto a magnesita da jazida denominada Castela, quando entregaram uma amostra do mesmo material na filial de Belo Horizonte. Segundo o portador, o material era de Minas Gerais. Depois de duas análises, confirmou-se o resultado. O portador não queria revelar o local da coleta, feita por um cunhado dele, que era funcionário da Magnesita, e queria ganhar um prêmio pela indicação.

“Concordamos em pagar um prêmio, após ver a ocorrência. Depois de muita conversa, ele revelou que a magnesita tinha vindo de um local próximo de Diamantina (MG). Informei a ele que, teoricamente, a geologia da região não permitia a existência de magnesita, em um local onde só existiam quartzitos e, inclusive, diamantíferos. Mesmo assim, ele continuava afirmando que o valioso minério era realmente daquela região. Pressionado, resolvi conhecer o local. Poderia ser uma daquelas manifestações raras da natureza. Marcamos a data e fui a Belo Horizonte encontrar o conhecedor do local. Ele nos revelou que a ocorrência ficava em Datas, município próximo de Diamantina, conhecida pelos garimpos de diamante. Chegando ao local, cavalos já nos esperavam, prontos para nos levar até a ocorrência. Por coincidência, encontramos uma equipe do Departamento Nacional de Produ-

ção Mineral (DNPM) fazendo um levantamento geológico da região. Quando mencionei que estava atrás de magnesita, disseram que eu estava no local errado, pois ali apenas existiam quartzitos. Curiosamente, eles estavam com as fotografias aéreas de toda a região. Mostraram-me o material e realmente só existiam quartzitos. Mostrei para o meu acompanhante, que não entendeu nada e continuou jurando que existia magnesita, sugerindo que eu poderia, com aquelas fotos, descobrir sem a ajuda dele e, sendo assim, não pagar o prêmio. Resolvi arriscar...”

O grupo montou nos cavalos, aproximadamente, às 9h. Só viam quartzitos, com alguns garimpos já abandonados, e mais quartzitos. E Giardullo sempre ouvindo o rapaz afirmar: ‘É mais adiante!’. Por volta das 14h, ele avisou que estavam chegando ao local. Faltava um pouco mais de meia hora e... chegariam!!! “No local só havia quartzitos. Coletamos diversas amostras e todas indicavam o mesmo material: quartzito.”

O grupo tomou o caminho de volta, em silêncio. O geólogo sentia uma vontade de deixar o rapaz ali mesmo, a pé. Depois de umas duas horas de marcha, ele começou a falar que talvez fosse em outra direção, porque fazia muito tempo que tinha estado lá. Giardullo o lembrou das amostras que ele havia mandado, e o jovem disse que estas estavam há bastante tempo na sua casa, mas que ele mesmo havia coletado no local.

Às 17h, o grupo retornou à estrada e encontrou novamente o pessoal do DNPM, o qual queria saber se haviam encontrado algo. “Mostrei as amostras de quartzito e confirmei o que eles me mostraram nas fotos pela manhã”.

Paschoal Giardullo pernitoou em Diamantina. Afinal, para quem não está acostumado, permanecer por oito horas montado em um cavalo, mesmo sendo o animal um marchador, não é das melhores coisas da vida. Na manhã seguinte, o grupo voltou a Belo Horizonte e, de lá, para São Paulo. Após cerca de seis meses do acontecido, o rapaz retornou com novas amostras, dizendo que agora sabia exatamente o local da ocorrência. “Ele está esperando a minha visita até hoje”.

Fora estes casos, Giardullo lembra que existiram muitos outros, mas vamos passar ao relato das principais jazidas, mostrando detalhes do seu funcionamento e, principalmente, do controle de qualidade do material extraído.

As medidas de controle implantadas, a necessidade de novas

matérias-primas e o aumento da produção mostraram, em um curto espaço de tempo, que só um geólogo não era suficiente, o que levou à decisão de contratar mais um profissional. “Colocamos um anúncio no jornal *O Estado de São Paulo*, e recebemos uma dezena de respostas. Uma delas veio de um geólogo da minha turma: José Júlio de Castro Carneiro, que estava trabalhando no Rio de Janeiro e pensava em mudar de emprego. Barreto me chamou e perguntou minha opinião sobre contratá-lo. Carneiro era cearense, não fazia parte da minha panela, mas nos dávamos muito bem. Aprovei a contratação e ele passou a trabalhar conosco.”

A casa da Cerâmica

Quando ingressou na Copami, Paschoal Giardullo ainda era solteiro, e namorava com a Edna, com quem planejava casar-se em dezembro daquele ano (1961). Naquela ocasião, começaram a procurar uma casa em São Caetano do Sul (SP) e, em uma conversa com Urames Pires dos Santos - responsável pelo transporte, recebimento e estoque de matérias-primas, tanto nas jazidas quanto na fábrica -, ele falou das casas existentes na Cerâmica São Caetano, mais especificamente na chamada ‘vila dos engenheiros’. No local, existiam quatro casas, entre as quais uma estava vaga há muito tempo. Ele falou com Victor Geraldo Simonsen, dono da empresa, e pediu para Giardullo escrever uma carta, fazendo a solicitação e explicando que o seu serviço o obrigava a deixar a esposa muito tempo sozinha. A vila da fábrica representava um local seguro para sua nova família. Principalmente porque, naquele tempo, não havia as facilidades de comunicação. Passado todos os trâmites, a casa foi “alugada” para Giardullo.

A Cerâmica São Caetano mantinha a vila dos engenheiros, construída como residência para os engenheiros que trabalhavam na fábrica. Havia quatro casas muito boas, contornadas por um parque. Todas ainda existem e estão localizadas diante do Espaço Verde Chico Mendes, ao lado da sede do Sistema de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental, cercadas por um muro.

O acesso a este parque era feito por um caminho de terra, vindo da Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira e seguindo por onde hoje temos o acesso ao Chico Mendes, margeando um riacho. Em dia de chuvas, esse caminho se tornava intransitável. Atualmente é a Avenida Fernando Simonsen. O outro acesso se dava pela Rua Primeiro de Maio, onde existia um portão de acesso

para um caminho que alcançava as casas, bem na frente da número 1, onde morava a família de Urames Pires dos Santos. Na casa 2, residia a família de Waldomiro Vilella, engenheiro responsável pelas construções e manutenções prediais da Cerâmica São Caetano. A nº3 era ocupada pela família de Nelson Sotto Maior, que tinha sido o gerente da seção de fabricação dos ladrilhos (terracota) e, nessa época, tinha passado para o departamento de venda e assistência técnica da seção de refratários. A casa de número 4, bem à frente da 3, ficou reservada para a família de Paschoal Giardullo. Ainda não existia o acesso por meio da Rua Espírito Santo.

Cada unidade residencial era abastecida com água de poço artesiano e protegida por guardas, disponíveis 24 horas por dia. Um jardineiro cuidava do terreno e havia uma charrete para levar as crianças para a escola e as esposas para a feira ou para as compras. Toda a propriedade era cercada e a vegetação era a remanescente da fazenda original. O barreiro velho, área onde hoje é o Espaço Verde Chico Mendes, já estava paralisado. Era usado como o acesso às casas, a partir da Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira, e para depósito das argilas que vinham de outras jazidas.

Giardullo descreve que todas as casas tinham três dormitórios, uma imensa sala de estar, uma sala de jantar, cozinha, banheiro com banheira, lavanderia, um pequeno escritório e uma garagem. “Antes da minha mudança, reformaram a cozinha e a lavanderia, colocando um piso de porcelana, o mais novo lançamento da Cerâmica São Caetano. Trocaram o aquecedor elétrico. A casa possuía instalação de água quente até na máquina de lavar roupa. Pintaram todo o imóvel, raspam e enceraram todos os pisos de madeira. Na fachada, havia um belíssimo terraço, onde pedi para colocar ganchos de rede. Todos os quartos tinham armários embutidos de cedro.”

“A residência só foi entregue aos nossos cuidados em março de 1962. Casei, fui para lua de mel e, na volta fui à Bahia, de caminhão, para dar continuidade à abertura da jazida de magnesita de Sentosé. Nesse tempo, eu morava com meu sogro, em uma casa localizada na Avenida Goiás. Recebi a residência da Cerâmica São Caetano, e mudei para lá com todos os eletrodomésticos, uma mesa na sala de jantar, um armário e dois tapetes para sala de estar. O resto estava vazio e, gradativamente, a mobiliamos e decoramos com todo carinho. Edna se entrosou muito bem com as vizinhas e, em conjunto, fizemos memoráveis festas. Telma, nossa filha mais velha, nasceu enquanto morávamos na vila da Cerâmica São Caetano.”

O geólogo conta que a vida na vila dos engenheiros era bastante calma. Com exceção do casal Giardullo, que ainda não tinha filhos, os demais todos já possuíam filhos pequenos. Todos tinham carros e dirigiam. A charrete geralmente era mais usada pelos empregados, durante as compras, ou para levar as crianças para a escola.

“Como Edna era a única motorista da casa, quando nos casamos ficamos com o carro da família, que eu usava para ir trabalhar às vezes, ou ela me levava e ficava com o carro para as tarefas do dia. Em uma dessas ocasiões em que ela usaria o carro, eu resolvi ir trabalhar de charrete. A sede da Copami ficava no fundo da fábrica da Cerâmica São Caetano, perto da oficina dos automóveis. Era um local todo calçado de paralelepípedos. O nosso escritório tinha uma porta principal, com acesso ao escritório, e um grande salão onde ficavam os funcionários e as secretárias, no qual se situavam também todas as salas dos chefes e engenheiros. Essa porta sempre ficava fechada. O dia que eu fui trabalhar conduzido pela charrete, ela atravessou toda a área externa da fábrica, e parou diante da porta da Copami. Todos na sala ficaram curiosos para saber quem estava chegando com aquele tipo de transporte. Eu desci, abri a porta e quando entrei, uma das secretárias falou em voz alta: ‘Chegou o príncipe!’. Foi uma gargalhada geral, e quase ganhei um apelido.”

A parte mais complicada da vila era o acesso. O portão, sempre aberto durante o expediente, se localizava na Rua Armando de Ar-ruda Pereira, beirando um córrego. Nesse terreno, eram depositadas as argilas provenientes das jazidas. Quando chovia, a área se tornava intransitável. Não existia entrada a partir da Rua Espírito Santo. O acesso oficial era permitido por um portão, situado na esquina das ruas Primeiro de Maio e Eduardo Prado.

Paschoal Giardullo permaneceu na casa durante todo o tempo que trabalhou na Copami e mais seis meses após ter saído da empresa, em 30 de abril de 1966.



Registro da visita de Giardullo a uma jazida de *flint clay*, na região de Grão Mongol, em Minas Gerais, em 1962

Na tabela abaixo nos temos todas as ocorrências de magnetita na região de Ubrapoua, com a especificação dos trabalhos executados em cada depósito

Depósito	Estado	Estado	Prospeção
CRUZINHO	NÃO	NÃO	NÃO
BOQUEIRÃO	SIM	SIM	SIM
PONTAL	SIM	NÃO	NÃO
SANTA MARIA	NÃO	NÃO	NÃO
CALDEIRÃO	NÃO	NÃO	NÃO
BARANHEIRAS	PARCIALMENTE	PARCIALMENTE	NÃO
PARELA FURADA	PARCIALMENTE	PARCIALMENTE	NÃO
PÉ DO MORRO	PARCIALMENTE	NÃO	NÃO
PEDRA VERDE	NÃO	NÃO	NÃO
BARROSA	PARCIALMENTE	NÃO	NÃO
SANTA RITA	NÃO	NÃO	NÃO

Faço localização das ocorrências, como pode ser visto na foto abaixo tem-se a impressão de que todos fazem parte de um mesmo corpo (massa) ou são diversas lentes dentro de uma mesma formação.



BOQUEIRÃO

A ocorrência de Boqueirão está situada no fundo da povoação de Ubrapoua como pode ser visto na foto abaixo, e de todas as que apresenta maiores condições de prospecção, de tal forma que pode-se fazer um ideal bastante preciso de seu volume e do seu comportamento estrutural.

Página de relatório produzido por Paschoal Giardullo para a Cerâmica São Caetano depois de visita à região de Brumado, na Bahia



Registro de visita a região de Brumado, na Bahia, para verificação de uma ocorrência de magnetita



Casa onde Giardullo e Edna moraram, na vila dos engenheiros, em São Caetano do Sul



CAPÍTULO 5

Quando bastavam o namoro e a dança

Tendo concluído o curso de Geologia e com um bom emprego, estava na hora de cumprir mais um objetivo de vida. Em 31 de outubro de 1961, Edna Benatti e Paschoal Giardullo casaram-se na capela do Hospital São Caetano, em São Caetano do Sul (SP), às 10h. A cerimônia no cartório já havia acontecido no dia 28 de outubro. Esse foi o final de quatro anos de namoro sério, depois de muitos anos de amizade.

Essa amizade começou no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, nos ensaios para os desfiles do aniversário de São Caetano e de Sete de Setembro. Edna participava da fanfarra do colégio, onde cursou Contabilidade, formando-se em 1956. Era a única mulher da sua turma. Giardullo era assíduo frequentador dos ensaios.

O relacionamento continuou nos bailes e foi se estreitando, já que os pais de ambos tinham contato próximo. O pai de Edna, Adolpho Benatti, tinha sido chefe da estação de trem de São Caetano do Sul, no tempo da São Paulo Railway Company, e se aposentou quando a companhia passou a ser estatal, a Santos – Jundiaí. Dono de uma caligrafia ótima, Benatti tinha conhecimentos de Contabilidade, e trabalhava algumas noites por semana no escritório do pai de Giardullo, escriturando os diários e contas-correntes das empresas.

Edna nasceu em Mauá (SP). Quando seu pai foi transferido para São Caetano do Sul, passou a morar nas casas da estrada de ferro, situadas no interior do pátio de manobras. Ao ser promovido a chefe da estação, Benatti fixou residência no local. Antes de se aposentar, adquiriu uma casa na Avenida Goiás, nº 1.185, por intermédio da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários. “Edna morava neste endereço, quando começamos a namorar. Ela trabalhava como notista na Usina Colombina, em São Caetano do Sul. Naquela época, além de produtos químicos, a empresa também produzia lança-perfume. Depois de formada como contadora, ela decidiu trabalhar com o pai, fazendo a contabilidade da Sebadubo, empresa concorrente das indústrias das famílias Dal’Mas e Braido que, como estas, recolhia ossos e gorduras dos açougues para produzir matérias-primas para sabonetes e ossos calcinados para adubos. Ficava no Rudge Ramos, bairro de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. Edna permaneceu lá até o nosso casa-

mento. Toda a família dela: o pai; a mãe, dona Ida; e as irmãs, Dinorá, Iracema e Alice, eram engajadas nos movimentos sociais do município, aos quais se dedicaram muito, principalmente para a construção do Hospital São Caetano, a partir do final da década de 1940”.

Edna também jogava vôlei e chegou a fazer parte da equipe de São Caetano, nos Jogos Abertos. Gostava de andar de bicicleta, e foi uma das primeiras mulheres da cidade a ter licença para dirigir. Seu primeiro carro foi um Ford Anglia, depois um Sinca 8 e, finalmente, um Fiat 1200. Como era a motorista da família, Edna permaneceu com o carro após o casamento. Seu pai e sua irmã Dinorá aprenderam a dirigir para substituí-la. A rua da vila dos engenheiros e as vias no entorno foram o local de treinamento para ambos.

“Eu adorava dançar, e como Edna o fazia muito bem, eu sempre dava um jeito de dançar com ela, logo que a orquestra começava a tocar. Nos encontrávamos, às vezes, em bailes de clubes de Santo André, como o Rhodia e o Aramaçan, e no Moinho São Jorge, que naquele tempo era o mais novo e luxuoso salão de bailes. Em São Caetano, o melhor baile era no Clube Comercial, que também oferecia *matinê* e *soirée* aos domingos. No clube da General Motors e no São Caetano Esporte Clube, havia bailes quase todos os sábados à noite.”

Os principais cinemas de São Caetano, na década de 1960, eram o Cine Max, o Primax, o Copacabana e o Cine Vitória. Os cines Max e Primax pertenciam ao mesmo dono. Durante a semana, todos passavam dois filmes mais o *Jornal Nacional*, além dos trailers dos filmes das próximas semanas. O filme que passava primeiro no Cine Max, passava na sequência no Primax, e no intervalo eles trocavam os rolos de filmes. Um táxi levava os rolos e trazia os rolos de um para o outro. Todos os cinemas tinham dois projetores. Enquanto um estava projetando o carretel do filme, o maquinista, no outro projetor, rebobinava o que tinha sido projetado, e colocava o seguinte, já deixando preparado para a mudança, que ocorria quando aparecia na tela um sinal indicando que o carretel estava acabando. “A troca tinha de ser feita rapidamente para evitar que os espectadores percebessem. Às vezes, ele se distraía e a tela ficava branca, normalmente gerando uma vaia dos espectadores.”

Aos domingos, os cinemas de São Caetano tinham *matinê* e duas sessões à noite, uma às 18h, e outra às 21h. O que dava tempo de ir à primeira sessão, levar a namorada para casa, e ainda pegar o fim do baile, que terminava às 22h.

Às vezes, principalmente aos sábados à noite, os amigos se reuniam, sem as namoradas, e iam para São Paulo, para algum baile que tivessem conseguido convite. Os mais frequentados eram o salão do Aeroporto de Congonhas, o Esplanada, que tinha três salões, e a Casa de Portugal. Se o baile estivesse animado, o grupo ficava até às 4h. Depois seguiam caminhando até o Parque D. Pedro, onde aguardavam o primeiro ônibus, que saía às 6h. Em outras vezes, arriscavam uma ida a algum taxi-dancing, e a locais como Avenida, Maravilhoso e Lilás, salões onde tocavam as melhores orquestras da época, como Osmar Milani, Sílvio Mazuca e Severino Araújo, que também tinham as melhores dançarinas.

“Em 1958, começou a circular um trem às 2h30 da manhã que saía da Estação da Luz e ia até Santo André, sendo apenas a locomotiva e dois vagões. Logo ele ganhou o apelido de ‘cata-bêbados’. Nele conviviam harmoniosamente, trabalhadores, feirantes e boêmios, uns indo, ou retornando do trabalho, e outros voltando da boemia.”

“Voltando a falar do nosso casamento. A data estava confirmada: 8 de dezembro de 1961. Mas então surgiu uma oportunidade. O meu chefe na Companhia Paulista de Mineração (Copami), o Dr. Cid, me chama no fim de agosto e avisa que eu deveria representar a empresa no Congresso Brasileiro de Geologia, que aconteceria em Florianópolis (SC), no dia 3 de novembro daquele ano. A viagem seria de carro, para aproveitar o trajeto e passar nas jazidas do Estado do Paraná. Diante da oportunidade de termos uma lua de mel, viajando de carro para Florianópolis, e ainda com uma boa parte das despesas por conta da empresa, decidimos adiantar o casamento para o dia 31 de outubro. Assim, poderíamos viajar no mesmo dia para Curitiba (PR).”

“Casamos às 10h, na capela do Hospital de São Caetano, em uma cerimônia simples, mas muito bonita, com as famílias e os amigos presentes. Depois da cerimônia fomos para a casa da Edna, onde havia salgadinhos e um bolo com champanhe somente para a família. Seguimos, em uma Kombi, para a aventura da viagem de lua de mel. Chegamos a Curitiba às 19h, onde pernoitamos no Hotel Bourbon, o melhor naquela época. Passamos o dia seguinte conhecendo a cidade, que ainda era pequena, mas já contava com os restaurantes de Santa Felicidade (*região de Curitiba famosa por sua gastronomia*), abrigados em barracões, situados longe do centro.

Fomos obtendo informações sobre a situação das estradas, que

dali para frente eram todas de terra. Na temporada do nosso casamento, chovia muito. No dia seguinte, bem cedo, partimos para Blumenau (SC), passando pelo município catarinense de Pomerode, por uma estrada de terra, mas em boas condições. Almoçamos em Pomerode, uma cidade pequena muito semelhante à Alemanha, inclusive grande parte dos moradores falava alemão. A comida e os doces eram sensacionais. No fim da tarde, chegamos a Blumenau, que estava totalmente inundada. O Rio Itajaí-Açu tinha subido 11 metros. O Hotel Glória, o melhor da cidade, estava com água cobrindo o balcão da recepção. Um barco veio nos buscar na porta do meio da Kombi, e entramos na recepção ainda na embarcação, que nos deixou diante da escada de acesso para o primeiro andar. Apesar de todo esse transtorno, o hotel funcionava normalmente e os apartamentos eram limpíssimos. Para sair de lá, chamávamos um barco no terraço do primeiro andar.”

Blumenau era uma cidade muito interessante, com bons restaurantes e confeitarias sensacionais. Destaques para locais como a Catedral São Paulo Apóstolo e o Teatro Carlos Gomes, além de sua indústria e comércio de roupas e cristais.

A continuação da viagem seria ir até Gaspar, ainda em Santa Catarina, atravessar o Rio Itajaí-Açu e seguir para Florianópolis. Com a enchente, a balsa que atravessava o rio não estava funcionando. Sabendo que a ponte sobre o Rio Itajaí-Açu, que estava em final de construção, e substituiria a balsa, tinha sido liberada, o casal voltou em direção à cidade de Luiz Alves para ter acesso à ponte.

A ponte em si estava pronta. O que estava em implantação eram os aterros de acesso, que tinham mais de dois quilômetros e, com a chuva, estavam praticamente intransitáveis, incluindo alguns caminhões atolados e rebocados por tratores. Quando chegamos no fim da fila, os caminhoneiros olhavam para a Kombi e achavam que o casal jamais conseguiria atravessar. Giardullo caminhou e verificou que todos os caminhões estavam na pista da direita. A pista contrária era um lamaçal, mas estava livre. “Decidi enfrentar esses dois quilômetros, porque a saída da ponte, no outro lado, estava pavimentada, apenas com água passando por cima.”

O geólogo recém-casado não havia imaginado que encontraria tantos atoleiros na viagem. E ele não levou correntes para as rodas, nem cabo de aço e tirfor para reboque. Nas viagens de pesquisa, já havia enfrentado muitas situações semelhantes, facilmente resol-

vidas apenas com as correntes nas rodas. Começou a travessia bem devagar e com calma. Tudo estava indo muito bem, até que chegou um trator para rebocar os caminhões. Ele desviou para pista da direita, mas deixou um rastro que começou a dar problemas. A solução seria subir no para-choque traseiro da Kombi, em razão da falta das correntes para os pneus. Com Edna na direção do veículo, Giardullo se posicionou em sua traseira, recomendando à esposa que não parasse de acelerar quando a Kombi andasse.

No começo a coisa fluiu bem, mas à medida que se aproximavam da ponte, a quantidade de lama aumentava. “Eu subi no para-choque, balançava o veículo, que andava. Quando parava, eu descia e empurrava, normalmente levando uma lavada de lama. Em um desses movimentos, uma das minhas botas ficou enterrada, mas conseguimos chegar à ponte. E eu, claro, sem uma das botas e completamente enlameado. Do outro lado, tinha, aproximadamente, 15 centímetros de água correndo sobre a pista já pavimentada, por um trecho de cerca de 500 metros, no fim do qual visualizamos um posto de gasolina, onde paramos. Eu me lavei e troquei as roupas. Seguimos para Itajaí (SC), onde pernoitamos em um ótimo hotel.”

O restaurante do hotel ficava no último andar do prédio, com uma bela vista para a cidade, tendo o porto como pano de fundo. A temporada de camarões havia começado, o que deixou o casal muito contente. Na manhã seguinte, seguiram viagem, ainda por estradas de terra, em direção a Balneário Camboriú (SC), que, naquele tempo, era um simples povoado cheio de casas de pescadores. Na manhã seguinte, os dois foram à praia, almoçaram e seguiram viagem para Florianópolis.

Ao chegar a Tijucas, em Santa Catarina, o Rio Tijucas tinha transbordado e o acesso à ponte estava fechado. Novamente, o casal enfrentou um imprevisto, seguindo o rio até uma ponte antiga. Atravessaram e, nesse percurso, encontraram uns colegas de São Paulo, que também estavam indo para o congresso. Seguiram em caravana até Florianópolis, a tempo de Giardullo se inscrever no evento e assistir a sua abertura.

“Era a primeira vez, desde minha formatura, que eu revia os colegas, e todos queriam saber tudo. Porque eu era, entre eles, aquele com mais histórias para contar. O que fazia um geólogo em uma indústria de cerâmica? E eu explicava o que era uma cerâmica, as matérias-primas, as pesquisas, as explorações, o quanto eu ganhava, e o futuro que eu vislumbrava.”

Paschoal Giardullo lembra que Florianópolis era uma cidade pequena, com o mercado municipal bem no centro de tudo, e onde havia muita cerâmica para vender, além de alguns restaurantes. A parte mais interessante era a Lagoa da Conceição, com seus restaurantes especializados em frutos do mar, e as praias quase desertas do outro lado da ilha. Principalmente a Praia da Joaquina, hoje muito famosa.

Terminado o congresso, a volta foi pela BR-116, que também era de terra até Curitiba, onde o casal passou a noite e, no dia seguinte, seguiu para Ponta Grossa (PR), onde a Copami estava realizando pesquisas sobre talco. O retorno passou por cidades como Piraí do Sul e Jaguariaíva, no Paraná, e Itararé e Itapeva (para visitar a jazida de filito), daí para São Paulo pela Rodovia Raposo Tavares, que era asfaltada a partir de Itapetininga (SP).

“De volta à Copami, recebi a notícia que iria para a recém-descoberta jazida de magnetita, em Sento Sé, na Bahia, dentro de 15 dias. E faria o trajeto de caminhão, para substituir José Júlio de Castro Carneiro (*geólogo que havia estudado com Giardullo*), que estava no local começando as pesquisas e a abertura da jazida. Mas isso é também outra boa história.”

Giardullo e Edna tiveram três filhos: Telma, nascida em 10 de outubro de 1963; Théo, em 26 de junho de 1966; e Caio, nascido em 5 de janeiro de 1968. Ambos viveram juntos até 8 de fevereiro de 2019, quando Edna faleceu. Mãe, esposa, amiga, conselheira e companheira dedicada, sempre fez parte da vida profissional do marido, incentivando-o e colaborando em todos os seus empreendimentos. Era muito conhecida em toda a comunidade cerâmica e auxiliava na organização e promoção de cada edição do Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo (Contaf), sobre o qual teremos mais informações em capítulos posteriores. Todos os filhos são técnicos em cerâmica, formados pelo Serviço Nacional da Indústria (Senai). Telma, a filha mais velha, é arquiteta. Théo formou-se em Educação Física e hoje toma conta da fábrica de argilas, denominada Paschoal Giardullo Massas, além de contribuir na administração da empresa e na revista *Mão na Massa*. O filho mais novo, Caio, é formado em Administração de Empresas, sendo também proprietário da Arte Brasil Materiais, além de trabalhar ao lado do pai, na produção da *Mão na Massa* e na organização do congresso.



Casamento de Paschoal Giardullo e Edna Benatti, realizado no dia 31 de outubro de 1961, na capela do Hospital São Caetano



Flagrante do casal Giardullo e Edna durante viagem de lua de mel, em novembro de 1961, em Camburiú



Edna e Paschoal Giardullo em foto de 2017

Família Giardullo reunida no Natal de 2017



CAPÍTULO 6

Uma viagem pelas principais jazidas da Copami

Jundiapéba

No Estado de São Paulo, a principal jazida em operação era, sem dúvida, a de argila localizada em Jundiapéba, distrito do município de Mogi das Cruzes. O terreno e o decreto de lavra pertenciam à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. A Companhia Paulista de Mineração (Copami) arrendava o decreto de lavra apenas para extrair a argila.

O acesso, a partir de São Caetano do Sul, percorria uma estrada entre Ribeirão Pires e Suzano. Como ainda não existia a Rodovia Índio Tibiriçá, a opção era seguir até a jazida pela antiga estrada Rio-São Paulo. Outra alternativa era atravessar a cidade de São Paulo, via Penha, Ermelino Matarazzo e Poá, até chegar a Suzano, e novamente tráfegar pela antiga Rio-São Paulo. A comunicação com a jazida era realizada por mensagens, levadas pelos caminhões que transportavam o material dos depósitos de Varinhas para a Cerâmica São Caetano. Na jazida não havia telefone, e nem tão pouco chegavam os telegramas até lá.

A região foi completamente pesquisada, com furos de trado manual (equipamento utilizado para perfuração de solo) em uma malha quadrada de 100 metros. As amostras coletadas foram avaliadas quanto à cor, plasticidade e resíduo de areia, e analisadas quimicamente. As áreas foram selecionadas, com as argilas que se enquadravam nas características desejadas. Nessa época, havia quatro frentes de lavra, que produziam argilas com composição química muito próximas. O início da exploração dessa jazida data da década de 1940.

Extração e processos manuais em Jundiapéba

“Durante a minha permanência na Copami, toda a extração era feita manualmente, e o material retirado era levado até os pontões por vagonetas que corriam sobre trilhos e eram empurradas por dois homens, em um percurso que chegava a ter 300 metros. A argila tinha uma cobertura de terra e turfa, que era desprezada na extração, e que em alguns locais tinha mais de um metro de espessura. Abaixo, tínhamos algumas camadas de argila, que variavam na coloração e na quantidade de areia livre. Essas camadas chegavam a ter um metro e meio de espessura, e eram extraídas e levadas

até os pontões separadamente. O início dos trabalhos de extração começava por se locar a área com base nos relatórios das análises das amostras colhidas nas sondagens.

Uma vez selecionado o lugar, locava-se a linha de vagonetas que transportaria o minério extraído. Deixava-se um espaço de dois metros entre a linha e o buraco que seria aberto, para depositar o material extraído e, em seguida, embarcado nas vagonetas. Feito isso, começava-se a retirar manualmente a cobertura de uma área, com dois metros de largura, por 40 a 50 metros de comprimento, paralela à linha de vagonetas. Esse material era depositado no lado oposto da linha de vagonetas. Quando estava tudo limpo, ou seja, no topo das camadas de argila, iniciava-se a extração de cada camada e o material extraído era depositado na área paralela à linha de vagonetas para, numa próxima etapa, ser jogado nas vagonetas e serem empurrados até os pontões, onde seriam descarregados. Isso prosseguia até a retirada da última camada de argila aproveitável.

Quando isso acontecia, mudava-se a linha de vagonetas dois metros para a frente, e iniciava-se a descoberta de mais uma faixa de dois metros, só que agora a cobertura era jogada no buraco, no qual havia sido extraída a argila. Isso continuava até acabar a argila aprovada pelas análises das amostras de sondagem.”

A extração era elaborada manualmente. Inicialmente, retirava-se turfa (espécie de musgo) e terra de cobertura, acima da camada de argila, que era jogada dentro da área onde já fora extraída. A seguir, era processada sua extração, separando-se as camadas pela cor e teor de areia, que eram jogadas por cima da turfa, sendo que esta ainda não tinha sido extraída. Nesse local, também estavam assentados os trilhos, pelos quais corriam as vagonetas, que transportavam o material até o pontão dessa frente de lavra.

O pontão, uma estrutura de madeira de eucalipto, tinha cerca de quatro metros de altura e 20 metros de comprimento, com uma rampa para as vagonetas subirem e descarregarem a argila. Em cada pontão, existia um guincho operado por um motor a diesel, que puxava as vagonetas para sua parte de cima. Ali, a argila era descarregada manualmente. Da frente de lavra até o pontão, as vagonetas eram empurradas por dois operadores, que as traziam de volta para frente, para serem carregadas novamente. O local do qual a argila era extraída rapidamente se enchia de água. Existiam bombas, operadas por motores a diesel, que esgotavam a água jogando-a em canais previamente abertos até um riacho.

Quando terminava a extração da camada de argila, os trilhos das vagonetas eram recolocados mais adiante, e a operação se repetia: tirava-se a cobertura e novamente a camada de argila era transportada para os pontões, e daí para os depósitos gerais. As quatro frentes de lavra e os quatro pontões funcionavam da mesma maneira. Nos pontões, os diferentes tipos de argila eram descarregados separadamente, para serem levados por basculantes para os depósitos gerais.

O material descarregado nos pontões era amostrado diariamente, e encaminhado para análise no laboratório uma vez por semana. A Estrada das Varinhas atravessava a jazida e, em suas margens, situavam-se os pontões. Alguns quilômetros à frente, à beira da mesma estrada, a Copami possuía uma grande área, para a qual toda a argila extraída era transportada, funcionando como os depósitos gerais. Após análise, o material era levado por basculantes, e colocado em um dos quatro montes existentes, de acordo com o seu teor de alumínio.

Nessa área eram preparados os montes homogêneos, com análise pré-estabelecida pela Cerâmica São Caetano. A equipe recebia uma ordem para preparar um monte de argila, com uma tonelagem (geralmente cinco mil toneladas) e análise química especificada pela Cerâmica São Caetano. O primeiro passo, feito manualmente e por tentativa, era estabelecer a porcentagem de cada um dos tipos de argila a ser colocada no monte. Não existiam computadores, apenas as calculadoras manuais Facit.

Em seguida, o montante era calculado em toneladas e, em seguida, em viagens de basculante. Os basculantes da jazida carregavam até quatro metros cúbicos. Era estabelecida a área que o monte deveria ocupar - geralmente 20 x 32 metros -, e calculava-se a sua altura. Uma estaca de madeira marcava a área do monte, identificado com uma placa. Cada viagem de basculante ocupava uma área de 4 x 4 metros, sendo necessárias 40 viagens para uma camada. A área onde cada viagem da camada deveria ser descarregada era demarcada por estacas de bambu, e cada viagem era descarregada no centro dela. Completada a camada, vinha a carregadeira, usada para carregar os basculantes, que alisava e compactava a camada, ficando pronta para ser feita a seguinte. E as operações se repetiam até terminar o monte.

Depois de pronto, o monte era sondado com trado manual, e as amostras enviadas para o laboratório para análise. Se tudo estivesse

se correto, era liberado para ser transportado para a Cerâmica São Caetano. Isso, porém, nem sempre ocorria. “Neste caso, tínhamos de recalcular manualmente o que e quanto deveria ser acrescentado, para fazer a correção. Novamente sondar, amostrar e enviar as amostras coletadas para análise. Se estivesse correto, era liberado. Se estivesse muito próximo do desejado, era liberado com restrições, e a fábrica usava o material corrigindo a sua formulação, com material de outros montes aprovados e que estavam em suas instalações.”

Ao lado da jazida, um leprosário

Entre todas as jazidas da Copami, Jundiapéba tinha a maior quantidade de equipamentos: 18 basculantes; quatro carregadeiras de esteira Caterpillar - duas 933 e duas 955; e motores estacionários Jenbach, para os guinchos e as bombas d’água. Quando Giardullo assumiu o trabalho na jazida, os basculantes eram modelo International KB-7 a gasolina. Depois, foram substituídos por GMC, com motor a diesel marítimo de dois tempos. “No início, esses equipamentos nos deram muitos problemas, porque os mecânicos e motoristas não eram familiarizados com eles.”

A estrutura contava com um escritório, almoxarifado e uma grande oficina mecânica para fazer a manutenção de todo o equipamento. Também existia um consultório médico, já que a Copami aceitava apenas atestados emitidos por médico próprio. A produção girava em torno de cinco mil toneladas de argila por mês, operando com 250 funcionários. Existia um encarregado geral e outros para a extração e depósito geral.

A pesquisa de detalhe, próxima das frentes de lavra, era constante. E havia, ainda, o leprosário de Santo Ângelo, localizado na Estrada das Varinhas, entre as frentes de lavra e os depósitos gerais. Era praticamente uma vila, com muitas casas, venda, hospital, área de lazer, campo de futebol e cinema. Uma área toda com muros, onde os leprosos eram mantidos em confinamento. “Alguns fugiam para ir até o vilarejo de Jundiapéba, e seguiam pelas trilhas que abríamos para fazer as sondagens de detalhe, perto das frentes de lavra. De vez em quando, andando por essas picadas, encontrávamos algum leproso que nos pedia cigarros. Eu nunca fumei, mas quando tinha que seguir por esses caminhos, eu sempre levava um maço de cigarros para dar a eles. Tudo era uma verdadeira aventura, pois os mapas topográficos das frentes de lavra eram atualizados somente a cada três meses pelos nossos topógrafos.”

Paschoal Giardullo ressalta que a rotatividade dos trabalhadores da jazida era razoável, o que gerava alguns problemas. As condições de trabalho não eram as melhores, principalmente para quem trabalhava na extração e nas vagonetas. Também não era fácil ter bons mecânicos para lidar com a diversidade de equipamentos usados. Durante o período de chuvas, a jazida quase parava de funcionar. No frio, era difícil colocar os motores estacionários em funcionamento pela manhã, por conta das geadas. Portanto, o clima provocava atrasos nas operações. “Essa jazida só foi mecanizada alguns anos depois da minha saída, e 200 empregados foram substituídos por duas escavadeiras.”

A importância da jazida de Uberaba

A jazida de argila de alta alumina - acima de 70% de Al_2O_3 (óxido de alumínio) - localizada em Uberaba, no Estado de Minas Gerais, era importantíssima para a Cerâmica São Caetano. De sua extração, eram fabricados os refratários de alta alumina, cujo mercado a empresa dominava. O terreno e os decretos de lavra eram da Copami.

O acesso à jazida, a partir de São Paulo, era feito por rodovia, acessando a Anhanguera, com pista dupla até Campinas, e pista única até Ribeirão Preto, onde terminava a pavimentação, seguindo em terra até a divisa com Minas Gerais. A partir deste ponto, até Uberaba, era calçada com pedras ajustadas, tipo pé de moleque. De Uberaba até a jazida, Giardullo ainda percorria 50 quilômetros de estrada de terra, em péssimas condições. A três quilômetros da jazida, ficava a estação de Eli, da Estrada de Ferro Sorocabana, para onde era encaminhada a argila já calcinada e embalada em sacos de ráfia, que iria para São Caetano do Sul.

Inicialmente era explorada uma argila de várzea recente, rica em matéria orgânica, de cor preta, extraída manualmente em torrões. Após secagem, eram calcinados a 900 graus, e ganhavam uma coloração creme. Feito isso, eram ensacados e despachados de trem para a fábrica da Cerâmica São Caetano. Seu teor de alumina ficava em torno de 65%. Existia outro tipo de argila branca contendo impurezas de areia na parte mais alta da várzea, onde também havia argila preta. Para retirar esta contaminação, era obtida uma argila que, depois de calcinada, sempre tinha mais do que 70% de alumina. “Quando ingressei na Copami já estava estabelecido em laboratório um processo de lavagem. Coube a mim implantá-lo e colocá-lo em operação.”

O processo era relativamente simples: a argila era extraída e transportada para um monte perto da instalação de lavagem. Uma correia transportadora, alimentada manualmente, jogava essa argila em um grande liquidificador, com água e silicato de sódio, para ajudar na defloculação (quebra ou dispersão de aglomerados por ação físico-química). O material desagregado - água, argila e areia - transbordava desse desagregador, e caía em uma canaleta dupla, com 1,5 metros de largura, por 20 metros de comprimento com comportas a cada quatro metros, que ficavam abertas. Quando começava a operação, fechávamos a primeira comporta de uma das canaletas e a areia ia sedimentando: nas proximidades da alimentação, ficava a mais grossa; e a fina se depositava próxima da comporta. A quantidade de areia depositada era controlada, e quando, na metade desse primeiro depósito atingia-se uma altura predeterminada, fechava-se a próxima comporta e assim sucessivamente, até a última. Quando a areia depositada, nesse último trecho, alcançava a altura determinada, encerrava-se o trabalho nessa canaletas, passando a usar a outra. “Imediatamente começávamos a limpar manualmente a área depositada, para deixá-la livre para quando a outra remessa enchesse. A quantidade de areia e a granulometria dela era variável, o que exigia um controle constante do processo.”

A argila lavada caía em um tanque de onde era bombeada para os terreiros de secagem. Estes tanques eram pavimentados e tinham a medida de 50 x 50 metros, com uma borda de 30 centímetros. No início, existiam quatro tanques. O material depositado levava, em média, um mês para secar, isso em um período sem chuvas. “Para melhorar a eficiência da secagem, passamos a floccular a argila lavada, e, para isso, usávamos ácido sulfúrico, que era levado para a jazida dentro de bombonas de vidro, em caixas de madeira com capim. O ácido era retirado das bombonas manualmente por uma bomba plástica, colocado em um regador plástico e jogado no tanque, onde ficava o material lavado, que tinha recebido um batedor para misturar a argila com o ácido. A argila flocculada ficava pastosa e era bombeada para o centro dos terreiros, formando um cone. Sob a chuva, a água não se misturava com a argila flocculada, e não atrasava a secagem. Depois da minha saída, esse processo foi substituído por centrífugas para retirar a água após a lavagem. Antes disso, chegou-se a ter dez terreiros de secagem.”

O material era retirado dos terreiros com cerca de 25% de umidade, marombado para formar tijolos. Feita a secagem, eram calcinados a 900 graus, em fornos a lenha, ensacados e enviados para São Caetano do Sul, por ferrovia.

A jazida de Uberaba tinha uma vila com 18 casas, água encanada, escritório, oficina mecânica, almoxarifado, instalação para preparo das argilas para calcinação e quatro fornos. No local, também havia uma pequena represa, uma horta, um pomar, e uma casa para hóspedes, onde Giardullo se hospedava quando trabalhava na jazida. A energia elétrica era fornecida por um gerador grande, para funcionar tudo, e um pequeno, que fornecia eletricidade apenas para a iluminação.

Um geólogo especializado em plantio de eucaliptos

Era uma jazida bem interessante, mas que tinha um grande problema: a falta de lenha para a calcinação. A vegetação de toda essa região é constituída de cerrados e campos, e a madeira não é das melhores. “Estávamos desmatando cada vez mais longe da jazida, o que significava aumento de custos, e como as estradas eram extremamente precárias, éramos obrigados a manter grandes estoques para a época das chuvas. Achei que deveríamos reflorestar com eucalipto, como já fazíamos em outras jazidas.”

Paschoal Giardullo conversou com Cid Barreto e descobriu que já tinha ocorrido uma tentativa, sem resultados. Mas ele sugeriu que o geólogo visitasse um terreno da Copami, na estação de Palestina, onde havia sido realizada a experiência. “Se eu conseguisse realizar um novo reflorestamento, seria ótimo.”

O geólogo visitou o local dez anos depois da primeira experiência realizada. Encontrou eucaliptos com mais de dez metros de altura, ao lado de outros que não chegavam a três metros. E em boa parte da área não havia plantio. Giardullo decidiu estudar a espécie. Descobriu que os eucaliptos foram introduzidos no Brasil pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF). O agrônomo Edmundo Navarro de Andrade responsabilizou-se pelo projeto, chegando a publicar um livro, com o título *O Eucalipto*, que narra todo o trabalho e as experiências para introduzir essa espécie no Brasil. A CPEF precisava de madeira para dormentes, postes e combustível. Com mais de 600 espécies, o eucalipto é indicado para todo o tipo de clima. A CPEF tinha um horto florestal em Rio Claro (SP), hoje chamado Floresta Estadual Edmundo Navarro de

Andrade e coordenado pelo governo do Estado. “Um local que merece uma visita. Seus móveis, assoalhos, portas, entre outros elementos, foram produzidos com eucalipto de várias espécies.”

“Visitei o horto de Rio Claro, na ocasião da transferência para a Secretaria da Agricultura do Estado, após a nacionalização de CPEF. Para minha surpresa, o diretor era um agrônomo e filho de Navarro de Andrade. Expliquei o meu problema e ele considerou perfeitamente possível produzir eucalipto nessa região. Ensinou-me como colher amostras do solo, indicou o melhor local para analisá-las e, feito isso, eu poderia levar o material analisado para ele verificar. Assim fiz e, em menos de um mês, lá estava eu com as análises das amostras. Em sua avaliação, o solo era muito ácido, faltava matéria orgânica e, pela amostragem das fotos, a incidência de cupim era muito alta.”

O que deveria ser feito? Arar, destorroar, calar e combater os cupins. Para a primeira experiência, determinar qual a melhor espécie para o nosso uso. Paschoal Giardullo recebeu uma coleção de mudas para plantar e observar. A plantação deveria ser feita no início da época das chuvas, em outubro, para poder recuperar as falhas no início de março, fim do período chuvoso. “Estávamos em agosto. Arei, destorroei e calei uma área próxima da casa. Plantei lab-lab (uma leguminosa empregada como adubação verde), para fornecer a matéria orgânica.”

No início de outubro, o geólogo buscou as mudas, arrou novamente para incorporar a lab-lab à terra e fornecer matéria orgânica. Destorroou, preparou as covas e em cada uma colocou uma colher de chá de adubo e aldrim (hexaclorobenzeno, hoje proibido para combater os cupins). Ganhou mudas de eucaliptos grandis, saligna, alba e citriodora. Plantou o citriodora mais perto da casa, para aproveitar o perfume dessa espécie. Logo atrás, separados em blocos distintos, plantou os outros três tipos. No fim de março, replantou algumas poucas mudas. Todas cresceram, formando árvores excelentes e bem homogêneas.

“Contei tudo ao agrônomo e ele achou que poderíamos plantar o necessário para o nosso consumo. Para isso, eu deveria preparar um canteiro de mudas e produzi-las usando sementes australianas certificadas. Segui as orientações e preparei os canteiros, comprei as sementes certificadas e treinei um pessoal só para plantar eucaliptos. Decidimos começar plantando cinco alqueires por ano. Aramos, calamos, destorroamos, sem o menor problema. Naque-

la época, não se usava saquinhos plásticos para fazer as mudas, usava-se o ‘torrão paulista’, uma mistura de vários tipos de terra, prensados em uma máquina própria. Era um vasinho de terra sextavado, com uma perfuração ao meio, onde eram plantadas as sementes, sendo duas em cada. Lembrando que a semente de eucalipto é mais ou menos do tamanho de uma cabeça de alfinete. Esses torrões eram semeados em canteiros no chão. O buraco cheio de terra cobria as sementes, e ambas, geralmente, germinavam. Depois de certo tempo, eliminávamos a muda que estivesse menor. Os eucaliptos cresciam ali até atingir um tamanho aproximado de 20 centímetros, quando eram transplantados para as covas abertas no terreno.”

Tudo correu normalmente e, no fim do mês de março seguinte, Giardullo tinha os primeiros cinco alqueires reflorestados de eucalipto. Começaram, então, os preparativos para a plantação de mais cinco alqueires. Ele se manteve firme em seus objetivos. Comprou as sementes mas, desta vez, somente eucaliptos saligna e alba, que estavam mais bonitos. “Aramos, calamos, destorroamos, preparamos os torrões, semeamos e, de repente, começaram a aparecer umas mudas amareladas, e, simplesmente, pararam de crescer”. Ele levou as amostras para Rio Claro e o agrônomo, após avaliação, afirmou ser um fungo. As plantas deveriam ser levadas ao Instituto Biológico, em São Paulo, para análise, que confirmou a situação. Sendo assim, ele deveria abandonar a sementeira com tudo o que lá existia: ferramentas, botas e equipamentos. Inclusive não deixar ninguém circular no local, além de mudar a sementeira para um lugar afastado.

“Estávamos a menos de um mês para começar a plantação e, de repente, não tínhamos mais mudas. Foi uma corrida, mas com o auxílio de Navarro de Andrade, conseguimos comprar mudas suficientes para executar o plantio já programado.”

A partir disso, Paschoal Giardullo montou novos canteiros de mudas, com mais cuidado e controle, e a programação de reflorestamento prosseguiu normalmente. O primeiro corte dos eucaliptos plantados ocorreu após sua saída da Copami. No triângulo mineiro, ela foi a primeira empresa a plantar eucaliptos comercialmente. Hoje, esses chapadões estão cheios de eucaliptos, pinus e cana de açúcar.

Existia, naquela época, junto à estação de Eli, um grupo escolar estadual. Todos os dias, o basculante se encarregava de levar

as crianças residentes na vila da jazida, para as aulas. E, na escola, elas eram a maioria. “Resolvemos, então, fazer um grupo escolar - como eram chamadas as escolas de ensino fundamental da época -, junto à vila dos operários, com salas bem iluminadas e arejadas, instalações sanitárias adequadas e um bom alojamento para as professoras, que passavam a semana na escola. O projeto foi aprovado, a escola erguida e posta em funcionamento. Passamos a transportar os poucos alunos que moravam perto da estação para a nossa escola, que acabou sendo entregue para a administração do Estado.”

Após a compra da Cerâmica São Caetano pela Magnesita S/A, a jazida de Uberaba continuou funcionando. A empresa fechou a fábrica de cerâmica e a maior parte das jazidas. Mas Uberaba foi mantida.

Na jazida de Pirapora do Bom Jesus, pescaria nos finais de semana

Na região de Pirapora do Bom Jesus, no Estado de São Paulo, existiam duas jazidas de filito denominadas A-66-A e A-74-B. A primeira produzia um filito de coloração vermelha, base da mistura para a produção dos ladrilhos vermelhos da Cerâmica São Caetano; a segunda, um filito de coloração bege, mais duro, e que era usado na fabricação dos ladrilhos amarelos, verdes e perolados. A propriedade do terreno da jazida do A-66-A e do decreto de lavra era da Copami; a propriedade e o decreto de lavra do A-74-B, era da Mitra Arquidiocesana de São Paulo, sendo a Copami apenas uma arrendatária.

Ambas as jazidas ficavam à beira da represa formada pela barragem de Pirapora do Bom Jesus. Naquele tempo, a água do local era limpa e disponível para pesca. Na propriedade da Copami, havia a casa do feitor, alojamento para solteiros, pátio pavimentado para secagem e depósito para o material seco, além de uma grande plantação de bananas, que o encarregado explorava e vendia nos fins de semana aos romeiros, que frequentemente visitavam o santuário da cidade. O material dessa jazida era extremamente homogêneo. Após extraído, era colocado nos terreiros para secagem e recolhido aos barracões posteriormente.

A extração era manual e o transporte interno feito com carroças tracionadas por burros e basculante. As carroças eram usadas principalmente para esparramar e recolher o material dos terreiros. A

extração e a secagem variavam entre 800 e 1 mil toneladas por mês. Na jazida dos filitos A-74-B, a extração também era manual. Como o material era mais heterogêneo, ficavam organizados em montes homogeneizados de 1 mil toneladas cada um. O basculante executava o transporte interno. Para o transporte a descoberto e os rejeitos, eram utilizadas vagonetas.

Eram jazidas sem grandes problemas. Inclusive, era permitido que alguns funcionários da Cerâmica São Caetano frequentassem o local para pescar, nos fins de semana.

Em Jundiá, um vizinho muito excêntrico

Quando Paschoal Giardullo ingressou na Copami, a jazida de argila de origem glacial, localizada em Jundiá (SP), já não tinha muita importância. Porém, ela havia sido fundamental no tempo em que a Cerâmica São Caetano fabricava telhas. A jazida tinha três camadas, com características bem diferentes. A primeira e a mais superficial era o resultado de uma profunda alteração por intemperismo do sedimento original, gerando um material muito plástico, de coloração vermelha. Tinha cerca de seis metros de espessura e era bastante homogênea.

A segunda camada, também plástica e de coloração marrom, era, igualmente, uma alteração por intemperismo do sedimento original. Media aproximadamente oito metros de espessura, e era lavrada separadamente das outras. A terceira e mais profunda camada era o sedimento original, um varvito - rocha formada em lagos de frente de geleiras -, caracterizado por camadas mais claras e espessas e outras mais finas e pretas.

Cada conjunto de duas camadas representa um ano de sedimentação. A mais espessa e clara foi depositada no verão; a mais fina e preta é resultado da deposição no inverno. Ocorre quando a superfície de um lago congela e só o material fino, que estava em suspensão, e a matéria orgânica são depositados. “Esse tipo de rocha é muito abundante na região de Itu (SP) e em outras regiões do Brasil. É também chamada de ardósia, sendo muito usada para pisos, revestimentos, fabricação de mesas, bancos, etc, podendo ser bruta ou polida.”

O material da jazida de Jundiá era verde acinzentado, e muito mais duro do que as camadas superiores. A extração era toda manual, usando basculantes para o transporte interno.

“Tínhamos uma vila operária e uma casa para o feitor. Todas

com luz elétrica e água encanada. Mas o grande problema dessa jazida, e o que dava mais trabalho, era o fato de ela ser vizinha da Fazenda Campo Verde, de propriedade de Victor Simonsen, dono da Cerâmica São Caetano. Simonsen morava em São Paulo, e tinha essa propriedade como área de lazer. No local, havia uma casa muito boa, uma excelente piscina, um pavilhão de música, imensos gramados, e um canhão que funcionava no ponto mais alto – utilizado para saudar os visitantes e que acabou levando Simonsen a ter problemas com o Exército. Tudo isso ornamentado por um lago. As instalações elétricas e de som, para transmitir música para uma grande parte da propriedade, eram subterrâneas. O pavilhão de música abrigava uma das maiores coleções de discos do Brasil.”

Mas um dia, Simonsen resolveu trazer o seu iate de São Vicente para o lago. Quando descarregaram a embarcação, verificou-se que devido ao seu calado (designação dada à profundidade a que se encontra o ponto mais baixo da quilha de uma embarcação, em relação à superfície da água), ela conseguiria navegar apenas uns poucos metros. A solução seria aumentar a altura da barragem, mas a água atingiria a propriedade vizinha, cujo proprietário não permitia a inundação, nem tão pouco sua venda. Depois de muitos estudos, decidiram afundar o lago e proteger todas as suas margens. Isso feito, construiu-se um atracadouro, e o barco conseguia navegar pelo lago, com capitão fardado e todos os atrativos para oferecer grandes festas a bordo. A linha de força que levava energia para a fazenda e para a jazida era particular. Sua manutenção, principalmente em épocas de chuva, era feita pela jazida.

“Em sua fazenda, ele também criava faisões. Quando alguns escapavam, vinham para a jazida e acabavam virando a mistura na refeição dos empregados, o que gerava reclamações de Simonsen. Quando a Copami era dirigida por Cid Barreto, eu só tomava conhecimento dos fatos. Depois da sua saída, assumiu o cargo, Renato Martins de Siqueira, e eu passei a ser chamado para comunicar aos empregados da jazida que eles não deveriam mais comer os faisões que fugiam, e que os animais deveriam ser devolvidos. De vez em quando, Simonsen resolvia jogar futebol com os empregados da fazenda. Ele buscava os meus funcionários para jogar contra. Eles adoravam, mas o meu serviço acabava atrasando. Resumindo, a jazida não apresentava problemas técnicos, apresentava problemas no trato com o vizinho”.

Rio Pequeno – Uma jazida causa histeria na vizinhança

Rio Pequeno era uma jazida situada no bairro de mesmo nome, dentro do município de São Paulo, nas proximidades de Osasco. O decreto de lavra era da Copami, mas a área pertencia a um dos integrantes da família Matarazzo. Lá estava instalada uma oficina mecânica e uma funilaria, bem como a carpintaria, responsável pela construção de todos os barracões das jazidas. Eram argilas da bacia terciária de São Paulo, muito semelhantes às de São Caetano do Sul. Existiam duas camadas de argila: a camada superior, chamada de 44-I; e a inferior - a melhor, chamada de 44-L. As argilas estavam sendo substituídas, pois a jazida cada vez se aproximava da cidade. A extração era toda manual e o material sofria uma rigorosa escolha, em razão de haver alguns pontos contaminados por crostas de manganês, o que causava pintas pretas nos ladrilhos. Como o material era muito duro, eram utilizados explosivos para fraturá-lo e facilitar a extração.

“Começava-se fazendo um furo manualmente, com cerca de seis metros de profundidade. Colocavam-se dez bananas de dinamite para formar uma panela lá em baixo. Em seguida, eram colocadas 30 bananas. Entupíamos o furo e detonávamos. Esse procedimento fraturava todo o material, sem arremessar para o alto. Era desmontado manualmente, com auxílio de picaretas e alavancas e, depois, escolhido. Como estávamos já em zona urbana, certo dia, a prefeitura de São Paulo caçou a licença do nosso paiol de explosivos.”

Em novembro de 1963, veio a decisão de devolver parte do terreno, mas antes extrair todo o 44-L lá existente. Sobre ele, ainda havia a camada do 44-I. Para concluir o processo, trouxeram uma carregadeira e basculantes de Jundiapéba. Mas como o material era duro, o rendimento era pequeno e o esforço da máquina grande. “Resolvemos dinamitá-la. Não tínhamos mais o paiol, mas a licença do Exército ainda era válida, então calculamos a necessidade real e compramos o explosivo para ser todo usado em um mesmo dia. E todos nós sabíamos dos problemas que teríamos com os vizinhos.”

O combinado foi fazer todos os furos: 36, no total. Carregar as primeiras dez bananas em cada um, e detonar todos de uma vez, logo no início do expediente, antes das 9h. Em seguida, carregar as 30 bananas em cada um e detonar tudo logo depois do almoço. Cada detonação era precedida de um aviso para os moradores das proximidades. Uma sirene tocava durante cinco minutos, meia

hora antes da detonação. Como argila é um material plástico, as ondas da explosão se propagam e as casas próximas sentem. É algo semelhante a um caminhão pesado passando por nossas ruas. “Sabíamos que isso geraria protestos dos vizinhos. A ideia era atender à reclamação, avisando que não seriam mais usados explosivos na jazida”. Giardullo visitou a jazida na manhã do dia anterior, verificando os furos e acertando tudo para o dia das detonações.

No dia seguinte, às 7h, Antônio, o encarregado, estava na porta da casa de Paschoal Giardullo, na vila dos engenheiros, em São Caetano do Sul, para contar que ele resolveu adiantar o serviço e detonou uma parte dos furos. Ele já tinha em mãos uma intimação para comparecer à delegacia, às 16h daquele mesmo dia. O geólogo orientou o rapaz a voltar, dizendo que ele mesmo iria prestar depoimento. Mas havia um detalhe: tudo tinha de ser detonado antes daquele horário. No caminho, Giardullo passou na casa de Júlio Taczuk, encarregado de todas as obras da Copami.

Paschoal Giardullo solicitou ao encarregado carregar todos os furos já detonados com as primeiras dez bananas, na tarde do dia anterior, com as 30 bananas para a segunda explosão e os outros com as dez bananas para a explosão inicial, e foi acompanhar Taczuk na vila ao lado para descobrir quem havia notificado a polícia.

“Não foi difícil. O denunciante me recebeu resabiado. Apenas expliquei que eu nada tinha contra ele. Minha intenção era mostrar a ausência de perigo no que fazíamos. Nós o levamos até a jazida e eu peguei umas bananas de dinamite, parti na metade e dei para ele. Nessa altura, o pobre homem suava, temeroso. Eu disse: ‘Para mostrar como isso não é perigoso, vamos detonar um furo (só com as dez bananas), e permaneceremos sobre o terreno, para você sentir que não acontece nada’. Jogamos nove bananas dentro do furo, com cinco metros de profundidade. Colocamos o estopim na espoleta, e a prendemos no estopim, na última banana. Descemos calmamente o estopim até este chegar ao fundo. Deixamos um metro fora do furo e eu coloquei fogo no estopim. Usávamos um estopim lento, que queimou a parte externa e foi indo até a carga, levando, para isso, cerca de dois minutos e meio. Não se ouvia mais o barulho do estopim queimado. Apenas víamos uma fumacinha saindo do buraco. E nós três conversando e o rapaz cada vez mais nervoso. Até que tudo explodiu e sentimos apenas um estremecer do solo. Levamos ele de volta e quando lá chegamos todo mundo queria saber o que ele tinha visto. Ele continuava falando, mas

quase desmaiando. Anunciei que às 11h iríamos fazer a detonação. Todos seriam avisados pela sirene e eu ficaria junto. Eles poderiam escolher a casa que considerassem mais perigosa. Taczuk e eu ficaríamos lá dentro durante a detonação”.

O programado era detonar de uma vez todos os furos, aqueles não detonados na primeira operação, com as dez bananas. Às 11h, tocaram a sirene. Taczuk e Giardullo estavam na vila, no meio das mulheres, que representavam a maioria. Elas gritavam, agarravam os filhos, rezavam. Era um espetáculo indescritível. Enquanto isso, ambos foram para a casa a qual a vizinhança jurava que iria cair. Todos ficaram na rua, olhos fixos nos dois. Cada furo tinha um estopim um pouco maior que o anterior, para contar as detonações e saber se alguma delas tinha falhado. Eram 15 furos, e cada detonação era acompanhada de um tremor e uma gritaria. Terminadas as detonações, não aconteceu nada. Taczuk e Giardullo ficaram conversando, enquanto preparavam a segunda detonação, com 36 buracos e o triplo da carga, em cada um. Enquanto eles preparavam, os dois acalmavam o pessoal. Prometiam que após as operações, consertariam as avarias das casas. “Porém, estas não foram causadas pelas explosões, mas por deficiência nos alicerces, na construção ou nos materiais empregados”.

Às 14h, novo aviso e novo alvoroço. Mas dessa vez, bem menor. O solo tremeu muito mais. Felizmente, nada aconteceu. Taczuk e Giardullo terminaram a aventura tomando café na casa de um dos moradores. Às 16h, Antonio, Taczuk e o denunciante seguiram para a delegacia e o caso foi encerrado. As máquinas e os basculantes, em menos de uma semana, extraíram quase 10 mil toneladas do material que estava sobre aquele que queriam produzir.

Paschoal Giardullo conta que nessa mesma jazida, aconteceu outro fato curioso. Naquela época, existia um segredo muito grande relacionado às matérias-primas naturais e suas particularidades, envolvendo o que acontecia realmente no produto acabado. O taguá dessa jazida, em algumas partes, era contaminado por manganês. Caso não fosse retirado, criava pintas pretas nos ladrilhos, como mencionado anteriormente. Uma parte do material extraído era separada e as crostas de manganês raspadas. As duas operações eram feitas manualmente, em um processo bem demorado. Para ser bem feito, causava aumento nos custos do material.

“Era proibido dizer que o material das crostas era manganês. Algum concorrente poderia ficar sabendo. Os resíduos extraídos

tinham de ser enterrados fora da jazida. No laboratório, era chamada de substância X. Para terem certeza de que estávamos fazendo direito, e que os funcionários todos estavam cientes do perigo que representava para a produção a falta de cuidado com a limpeza do material, uma equipe da Cerâmica resolveu ir à jazida para falar pessoalmente com o encarregado e os funcionários.”

No dia marcado, todos estavam lá: Paschoal Giardullo, Cid Muniz Barreto, Renato Martins de Siqueira - da divisão de terracota, Barzagui, do laboratório de pesquisas, e Walter Ferreira, da semi-industrial. Lá chegando, o geólogo mostrou a jazida, explicou a geologia, o método de lavra, os depósitos de material escolhido, os quais já estavam analisados e aprovados. Barzagui resolveu fazer uma preleção para os funcionários. Falou, falou, mostrou, sempre se referindo à substância X. Depois de toda explanação, virou-se para o encarregado e perguntou seriamente: ‘O senhor entendeu? E o encarregado, rapidamente, respondeu: - Sim, senhor! Não podemos deixar nem um pouco de manganês na argila’. Gargalhada geral e Giardullo apenas querendo sumir. Na volta, o geólogo foi repreendido até chegar à fábrica.

Cianita – As melhores ocorrências entre fugitivos da polícia

No seu estágio na Copami, Paschoal Giardullo se lançou sozinho em busca de cianita. Visitou várias ocorrências e quando começou a trabalhar, montou um programa de pesquisa, na região entre Diamantina e Capelinha, no Estado de Minas Gerais. Designou um dos pesquisadores, José Casimiro Rucks, para se responsabilizar pela pesquisa. Os resultados mostraram que as melhores ocorrências estavam na região de São José da Safira. Como os episódios de cianita nessa região não constituem grandes jazidas, resolveram comprar o material extraído por garimpeiros. Isso porque a necessidade era pequena, cerca de 20 toneladas por mês. O principal garimpo era explorado por um rapaz conhecido como Zé Branco. O local era de difícil acesso. O material extraído era transportado por tropa até o ponto onde era embarcado para Belo Horizonte e, de lá, para São Paulo.

“Resolvemos melhorar o transporte, porque seu custo por tropas estava ficando muito caro. E lá fui eu conhecer o garimpo e estudar aberturas de estrada. Fui de jipe até o ponto onde as tropas descarregavam o minério. Dali para frente, pouco mais de dez quilômetros, a cavalo. A primeira parte do trajeto era pelo vale de um

rio, um terreno quase plano e no qual, facilmente, abríamos uma estrada. No fim do vale, tínhamos uns três quilômetros de subida, com grandes rochas em alguns locais. Finalmente, chegava-se ao acampamento com muitos guardas bem armados. Era fim de tarde e iríamos dormir no local para, no dia seguinte, conhecer o garimpo e discutirmos a estrada.”

Zé Branco era fugitivo da polícia por conta de alguns homicídios. Morava com duas mulheres e tinha filhos - com as duas. Um deles, também fugitivo, morava no mesmo local, com a esposa e filhos. Enquanto preparavam o jantar, a conversa começou a ir para o porquê deles estarem ali escondidos. Zé Branco contou que seu filho tinha dado seis tiros em um rapaz, em Capelinha. Giardullo, querendo fazer graça, perguntou: ‘- Matou o cara?’. E Zé Branco respondeu todo triste: ‘Não matou, dotô. Colocaram o cara em um avião, levaram para Belo Horizonte e ele se salvou. É por isso que ele tem problema até hoje’. Essa conversa transcorreu na frente das mulheres, das crianças e de várias pessoas que lá estavam.

No dia seguinte, o geólogo visitou os garimpos. Decidiram que a estrada seria aberta até o fim do vale, no local onde o caminhão chegaria para carregar o material. A parte da serra, com cerca de três quilômetros, seria aberta depois. Voltaram a cavalo, até o local onde se encontrava o veículo. Desse ponto, seguiram para Governador Valadares. “Continuamos pesquisando a região e descobrimos outra ocorrência melhor. A Copami comprou a fazenda e requereu a jazida, o que aconteceu pouco antes da minha saída.”

Outras jazidas importantes eram Itapeva, no Estado de São Paulo; e Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. A primeira começou a ficar importante com a fabricação dos ladrilhos por monoqueima, em forno de passagem, com um ciclo de duas horas e meia, e na fabricação de refratários para as caçambas de alto forno. A segunda oferecia um material fundamental para a fabricação dos ladrilhos pérola, que só a Cerâmica São Caetano conseguia fazer.

CAPÍTULO 7

Jazida de magnesita da Fazenda Castela - Sento Sé

A descoberta da jazida de magnesita em Sento Sé, no Estado da Bahia, tem toda uma história anterior. Um pesquisador baiano, chamado Jó Ferreira Braga, mandou, alguns anos antes do ingresso de Paschoal Giardullo na Companhia Paulista de Mineração (Copami), umas amostras que foram analisadas e confirmadas como magnesita. Foram pedidas novas remessas, sendo do mesmo material. Depois de troca de cartas e telegramas, ficou acertada a ida de Cid Barreto à Bahia, acompanhado de um químico, para fazer análises de identificação no campo. Eles foram de avião até Petrolina, em Pernambuco, que fica do outro lado do Rio São Francisco, em frente à Juazeiro, na Bahia.

Alugaram um caminhão e foram até o município baiano de Remanso, em uma viagem de pouco mais de 200 quilômetros. Naquela época, o trajeto durava quase um dia, porque as estradas eram péssimas. Lá chegando, encontraram Braga, que morava em uma casa cheia de amostras de todos os tipos de pedras. Começaram a testá-las. No dia seguinte, continuaram a testagem, mas nenhuma foi comprovada como magnesita. “Eles já estavam irritados e disseram que só testariam amostras iguais àquela que ele tinha mandado para São Paulo. Aí ele confessou que o material enviado havia sido pego em um caminhão, em Juazeiro, mas aquelas que ele estava mostrando eram iguais. Resolveram voltar e, para chegar a Juazeiro, alugaram um barco a vela, com a promessa de que fariam a viagem em, no máximo, um dia. Deram dinheiro ao barqueiro para comprar mantimentos para a viagem e ele trouxe rapadura e farinha. Para beber, água do Rio São Francisco”.

Viajaram uma parte da tarde, durante a noite toda e chegaram a Petrolina na metade da manhã, extremamente cansados. Voltando para São Paulo, riscaram o nome de Braga da lista dos pesquisadores que tinham credibilidade. Mesmo assim, ele continuou a mandar material, que nunca era magnesita. Até que, no começo de 1961, ele enviou umas amostras que eram da matéria-prima. Novamente pediram mais, e ele mandou. Foi então que começaram a trocar cartas e telegramas para marcar uma nova viagem, na intenção de conhecer a ocorrência. Enfim, foram para Remanso, Cid Barreto e Louis Guttin, engenheiro encarregado da manutenção da Copami.

Na manhã do sábado da semana que eles viajaram, Giardullo

foi acordado em casa por Barreto, que perguntou se ele sabia fazer o teste químico para identificar a magnesita. “Respondi que sim, e ele pediu que eu fosse até o laboratório da Cerâmica São Caetano para testar as amostras que eles haviam trazido. Afinal, ele achava que eram de magnesita e, se fossem, tínhamos descoberto uma enorme jazida.”

“Levantei, tomei café e fui correndo para a empresa. Eram 34 amostras, 31 de magnesita. Na segunda-feira, foi um alvoroço total na fábrica. Começaram as negociações para comprar a propriedade e requerer a área. O início da pesquisa se deu no mês de outubro, quando Barreto, Guttin e o geólogo José Júlio de Castro Carneiro foram para a Fazenda Castela, em Sento Sé, à beira do Rio São Francisco. Ele foi escolhido, porque eu iria para o Congresso Brasileiro de Geologia, e me casaria naquele 31 de outubro. Além de solteiro, Carneiro era cearense.”

Paschoal Giardullo iria para Sento Sé posteriormente, em novembro de 1961, para dar continuidade aos trabalhos iniciados por Carneiro. Sua viagem foi em caminhão, pela Rio-Bahia, uma estrada de terra, e ele levou desde macarrão até dinamite. Mas antes, para entendermos muitas situações, ele relata como era a região onde estava a jazida, e um pouco sobre a cidade de Salvador (BA).

Antes da barragem de Sobradinho

No fim de 1961, a barragem de Sobradinho, na Bahia, não existia. Era apenas um projeto que a maioria dos habitantes da região não acreditava que um dia seria finalizado. O Rio São Francisco era navegável desde Pirapora, em Minas Gerais, até Juazeiro, na Bahia. No período das secas, quando o rio baixava, a navegação era interrompida na região de Sobradinho, devido às corredeiras que existiam nessa área. As cargas provenientes de Pirapora eram descarregadas para embarcações menores, que atravessavam as corredeiras e eram novamente carregadas em barcos maiores, para seguir até Juazeiro. Ou o processo era feito com auxílio de caminhões. Na volta, acontecia do mesmo modo.

Juazeiro ficava em frente a Petrolina, no Estado de Pernambuco. Ambas eram interligadas por uma ponte de concreto, cuja parte central subia para a passagem dos vapores, quando o rio estava cheio. Era uma cidade importante, com um grande e variado comércio. A energia elétrica era fornecida por gerador, que funcionava apenas até às 22h. Em boa parte dela, havia água encanada,

retirada do São Francisco, mas com um tratamento precário, sem sistema de esgoto. Havia serviço telefônico e telégrafo na cidade, mas sem interurbanos. O transporte era feito pela ligação ferroviária entre Salvador e Recife.

Petrolina, na outra margem do rio, era uma cidade mais agradável, mas mantida com energia de gerador e a água encanada era captada do São Francisco, com tratamento sanitário rudimentar, também sem esgoto. Os melhores hotéis ficavam ali. Era um bispado e tinha uma grande catedral, com boa parte da cidade pavimentada, contava com algumas indústrias, principalmente agroindústrias. A região era política e economicamente dominada pela família Coelho. A cidade tinha um aeroporto, com pista pavimentada, e era o ponto de escala para os voos que vinham do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte e se dirigiam para Brasília (DF). Seu comércio era inferior ao de Salvador, e existia uma grande atividade comercial entre as duas cidades.

Sento Sé, onde estava localizada a jazida e sede da Copami, era apenas um povoado, apesar de ser a sede de um dos maiores municípios, em área, do Estado da Bahia. As estradas, praticamente todas margeando o São Francisco, a partir de Juazeiro, eram precárias e, depois de Sento Sé, ficavam piores. A economia da região era pobre. Havia uma pequena criação de gado e carneiros, que, na época das secas, sofria bastante. A energia elétrica era de gerador, e não havia água encanada, nem esgoto. Os serviços telefônico e telegráfico estavam disponíveis somente em Casa Nova (BA), do outro lado do rio.

Remanso ficava na margem oposta do São Francisco e era uma cidade um pouco melhor. A ligação por estrada de rodagem para Casa Nova e Juazeiro era bastante ruim, totalmente de terra. A ligação com o Piauí, via São Raimundo Nonato, também era de terra. Recebia energia elétrica de gerador, e não tinha água encanada, nem esgoto. Havia telégrafo, aeroporto com pista de terra e uma agência do Banco do Brasil. Fazia parte da linha de integração nacional, operada pela Real Aerovias, usando aviões DC-3, com voos para Salvador às segundas, quartas e sextas-feiras; e para Belo Horizonte, às terças, quintas-feiras e sábados.

“Quando vínhamos de São Paulo, normalmente descíamos em Remanso e de lá seguíamos de barco pelo São Francisco até a Fazenda Castela, nossa sede, em uma viagem que durava, em média, duas horas e meia, descendo o rio”.

Casa Nova também ficava na margem oposta do São Francisco. Era a sede da comarca, onde eram tratados os assuntos ligados à regularização das terras compradas na região. Era um município do Estado da Bahia, mas para seguir por estrada de rodagem a Juazeiro, era necessário atravessar Petrolina. Era melhor que Sento Sé e Remanso, tinha energia de gerador, embora sem água encanada ou esgoto. Contava com telégrafo, mas não tinha banco e nem aeroporto.

Casa Nova, Remanso e Sento Sé foram inundadas com o fechamento da barragem de Sobradinho, e hoje o que existe são cidades novas, planejadas, com energia elétrica, água encanada, esgoto, telecomunicações e estradas asfaltadas. Casa Nova é hoje um centro de produção de frutas, uvas finas e vinhos, com qualidade reconhecida internacionalmente.

Salvador, na década de 1960, era uma cidade muitíssimo menor do que é hoje, mas com um encanto todo especial e um povo extremamente acolhedor. Seu coração era a região central, onde ficam localizados locais como a Praça Castro Alves, Elevador Lacerda, Pelourinho, cidade baixa e região da Ribeira. O Mercado Modelo não era como o atual e ficava situado onde hoje está a escultura de Mario Cravo. O Mercado do Peixe de Água dos Meninos já existia.

Entre os vários hotéis, o grande ponto turístico era o Hotel da Bahia, no Centro; e o mais novo - e melhor - era o Hotel Plaza, na Avenida Sete de Setembro, e, em seguida, o Grande Hotel da Barra.

Hoje, do Aeroporto Internacional de Salvador até o Centro, segue-se por avenidas que atravessam a cidade. Naquele tempo, era uma estrada asfaltada, que saía do aeroporto, passando pelo arco de bambus, que existe até hoje, e que seguia em direção à praia, em um percurso pequeno, com bom comércio. Chegando às praias, o caminho margeava o mar passando por pequenas povoações, começando por Piatã, Patamares, Jardim de Alá e dos Namorados, situados no meio de belíssimos coqueirais. Depois passava por Pituba, que já era importante, seguida de Rio Vermelho, Ondina e, finalmente, a Barra, onde se pegava a Avenida Sete de Setembro, em direção ao Centro.

Naquela época, já existiam alguns restaurantes importantes, notadamente dois franceses, o Chez Bernard, perto do Palácio do Governo; e o Chez Bouillon, na subida da Avenida Sete, perto da Barra, de onde se tinha uma das mais bonitas vistas da Baía de Todos os Santos e do Iate Clube da Bahia, o qual possuía um dos

mais luxuosos restaurantes da época. Na praia de Ondina, ficava o Restaurante Iemanjá, que existe até hoje, e onde se faz uma das melhores moquecas da capital baiana. E escondido, existia o Boteco do Tião, que era extremamente simples, mas que também fazia sucesso por sua moqueca. Na Avenida Sete, principalmente perto da Barra, residiam as famílias mais ricas da cidade.

Histórias do Coronel

“Como estávamos próximos de abrir a jazida e íamos usar explosivos, estávamos terminando os paióis e era preciso tirar as licenças, principalmente a do Exército. Para tanto, precisávamos de uma certidão negativa de tributos municipais e eu fiquei encarregado de obtê-la. Fui especialmente à prefeitura de Sento Sé, que se resumia a uma sala onde ficavam alguns funcionários, uma área pequena destinada ao gabinete do prefeito e outra sala maior, onde ficava o ‘Coronel’. Era ele quem realmente mandava no município. Falei com um funcionário, que nunca tinha ouvido falar nisso. Ele logo mandou chamar o prefeito, que eu já conhecia. Este sabia o que eu queria, mas só podia liberar as certidões, se o Coronel autorizasse. Ele estava viajando. Não teve jeito, tive de voltar outro dia para conhecê-lo.”

Na semana seguinte, Paschoal Giardullo voltou a Sento Sé, passou na casa de Zuquinha, dono do cartório local, e com ele foi conhecer o Coronel, que era seu amigo. Foi um encontro muito interessante, porque ele queria saber o que realmente seria feito na Fazenda Castela. O geólogo explicou que precisaria muito da ajuda dele. O Coronel queria conhecer todos os detalhes das suas atividades, e quanto isso poderia ajudá-lo ou prejudicá-lo.

“Confesso que cheguei a acreditar que o Coronel considerou ser melhor nos apoiar, porque dessa conversa em diante conseguimos fazer bons negócios. Tornamo-nos amigos. Ele pediu que o prefeito nos fornecesse a certidão. Rascunhei o documento para o funcionário da prefeitura, que o datilografou. O Coronel deu seu visto, o prefeito assinou e eu saí com a certidão. Pudemos licenciar o nosso paiol.”

Nessa região, o que tinha valor eram as terras situadas na beira do rio. Ninguém possuía escrituras e registros delas. Eram simplesmente posses. Essas terras foram distribuídas por D. Pedro II. Depois que Paschoal Giardullo se tornou um amigo do Coronel, ficou mais fácil negociar e comprar as posses. A Cerâmica São Caetano

se tornou dona de cinco quilômetros de beira de rio, e o quanto quisesse para o interior.

“A nossa jazida ficava a 15 quilômetros da beira do rio. Nós nos responsabilizávamos pelas negociações das terras, mas no fechamento do negócio vinham os advogados de São Paulo, que sempre acabavam dando alguma coisa a mais do que havíamos combinado.”

Em 1962, aconteceram eleições gerais para governador, deputados estaduais e federais, senador, prefeitos e vereadores. Isso ocorreu no dia 7 de outubro. No final do mês de agosto, Paschoal Giardullo recebeu um pedido do Coronel, para fazer um comício na Castela. Pedido atendido e, numa tarde, ele apareceu na fazenda com uma comitiva. Pediu para reunir o pessoal. Feito isso, subiu no veículo e discursou, falando sobre o quanto ele fazia por todos de Sento Sé. E pediu a todos para votarem no seu filho, candidato a prefeito. Concluindo, indagou sobre quem ainda não tinha título de eleitor. Cerca de dez funcionários se manifestaram. O Coronel chamou o fotógrafo, presente na comitiva, que registrou um a um, colocando todos encostados numa parede branca como fundo. Em seguida, eram encaminhados para uma sala, onde assinavam o título. Para quem não sabia ler e escrever, em sua maioria, eles perguntavam o nome, escreviam em uma folha de papel e davam ao futuro eleitor para copiar, até que ficasse bem parecido com o que estava escrito. Quando isso acontecia, davam o título para o futuro eleitor desenhar o nome e pronto! Estava tudo resolvido!

Giardullo perguntou a um deles como faria no dia da eleição. Afinal, naquele tempo ainda era preciso preencher uma cédula. E teve a resposta: “Não tem problema, já vem tudo pronto. É só colocar na urna!”. “Não preciso confirmar que o candidato do Coronel foi eleito com uma grande vantagem sobre o adversário.”

Os ilustres visitantes

A chegada de pessoas vindas de São Paulo para a Fazenda Castela, sempre causava algum problema, seja com alojamento, comida, privacidade ou com conforto, para que todos se sentissem bem. Assim, ao retornarem, falariam bem de sua experiência.

“Como já contei, os baianos eram muito curiosos e interessados em conhecer os forasteiros. Gostavam de falar com eles, rir do seu sotaque e de suas expressões. Quando saíamos de São Paulo, normalmente já sabíamos quem e quando seríamos visitados,

para providenciar o transfer do aeroporto de Remanso até a sede, bem como as acomodações, alimentação e o suporte para o seu trabalho, assim como garantir seu bom retorno para São Paulo. E preferencialmente, que todos retornassem contentes e satisfeitos, porque isso contava pontos para o nosso trabalho.”

Algumas visitas foram realmente memoráveis. Quando o diretor da Copami, Renato Martins de Siqueira, visitou a Fazenda Castela, o alojamento ainda se resumia a uma cozinha sem vidros nas janelas. Ele queria fazer uma pescaria no rio e em uma lagoa famosa, localizada próxima à sede. Era um homem metódico e organizado, mas muito curioso por conhecer tudo.

Paschoal Giardullo abasteceu a cozinha, recomendou um tratamento especial para a cozinheira, assim como para a funcionária encarregada da limpeza da casa. Colocou tudo em ordem para esperar o ilustre visitante.

“Dr. Renato chegou em uma segunda-feira, desembarcando de avião em Remanso. Consigo, trouxe uma pequena mala e um estojo de pesca, daqueles que tem tudo de mais moderno para a época, incluindo uma vara com carretilha, iscas artificiais e uma vontade de pescar o maior peixe. O nosso barqueiro estava a sua espera e o trouxe para o acampamento, onde foi recebido com um belo jantar. Ele achou nossas instalações ainda precárias e, principalmente, com pouca privacidade. Isso porque, naturalmente, a notícia da chegada de um diretor da companhia tinha se espalhado, e muita gente chegava a nossa fazenda apenas para vê-lo. Por volta das 2h da madrugada da segunda noite, bate em nossa porta um barqueiro, que trazia telhas. Ele precisava que eu contasse as telhas para ele descarregar o barco. Fui lá, contei todo o material, vi que eram boas e autorizei a descarga. Na minha volta, encontrei o Dr. Renato acordado. Ele ficou por mais de meia hora me recriminando, e dizendo que era preciso ter ordem e privacidade. E na manhã seguinte, logo às 6h, ele veio receber, quando ainda nem tínhamos tomado café, e refez toda a recriminação.”

Giardullo conta que Siqueira somente não conheceu o Coronel, porque este estava viajando. Mas pôde ser apresentado ao prefeito, ao Zuquinha, e sua esposa, dona Carmosina, e também ao gerente do Banco do Brasil de Remanso. “Essas visitas apareciam na Fazenda Castela a qualquer hora do dia ou da noite, querendo conversar.”

À noite, trabalhadores e prestadores de serviço circulavam perto da casa até aproximadamente às 21h, horário em que todos se reco-

lhiam. Era neste momento que começava a privacidade, e o momento certo para falar sobre os trabalhos e o futuro da Castela.

Siqueira pescou um pouco na beira do rio. Porém, o que ele mais queria era ir para a lagoa do Curralinho, que ficava do outro lado. Nessa época, tinha cerca de dois quilômetros de extensão. Nas cheias, o rio ultrapassava a lagoa. Quando seu nível abaixava, a lagoa ficava menor, prendendo os peixes que ali cresciam. Só era permitida a pesca por anzol. Um pouco antes das cheias, os moradores faziam uma grande festa, durante a qual pescavam com rede, retirando, praticamente, todos os peixes, que eram limpos e salgados na beira do rio. Isso durava cerca de uma semana e rendia algumas toneladas dos mais diversos peixes.

“Reservamos um jipe do povoado de Bem-Bom, município localizado do outro lado do rio, para nos levar até a lagoa. Chegamos bem cedo e fomos até um ponto no qual, segundo os moradores, ‘dava bastante peixe’. Dr. Renato preparou as varas de pesca, verificou a cor da água para escolher a linha, selecionou algumas iscas artificiais e partiu para a pescaria. Os peixes mal beliscavam as iscas, então mudamos de lugar, mas nada mudou. De repente apareceram uns molequinhos, com uma vara de galho de árvore, barbante como linha e uns insetos como isca. Era jogar na água e pegar peixe, alguns até razoáveis em tamanho. Mudamos mais uma vez de local e continuamos sem pescar absolutamente nada. Passadas duas horas tentando, sem sucesso, desistimos da pescaria e voltamos para a Castela.”

A Fazenda Castela recebia a visita de advogados da Cerâmica São Caetano. Durante uma das estadas de Paschoal Giardullo, Dr. Francisco Lotufo, diretor jurídico, esteve no local. “Foi uma visita normal. Levei-o a Sento Sé, para ele conhecer o cartório, onde conversou sobre escrituras, registros, certidões e outros assuntos técnicos. Não aconteceu nada de especial. Em outra ocasião, veio Adalberto Montenegro, um dos advogados da equipe. Sua intenção era comprar umas posses, e conhecer o cartório de Sento Sé. Era uma pessoa completamente despreparada para viver no campo. Chegou em uma segunda-feira à tarde, e ficou completamente deslocado. Jantou e fez questão de dormir debaixo de um mosquitoireiro, por medo das picadas de mosquitos. No dia seguinte, iríamos a casa de alguns caboclos para comprar as posses, e depois a Sento Sé, para comprar as posses de Zuquinha, do cartório. Acordei, tomei café e fui dar uma volta nas obras. Quando voltei, encontrei o

advogado trajando terno e gravata, com uma máquina de escrever portátil nas mãos. Cai na gargalhada e disse a ele que se ele aparecesse com aquelas roupas, seria confundido com algum fiscal. Poderiam até atirar nele. Completamente desacostumado, ele trocou as roupas e foi com uma camisa esporte e a máquina de escrever. Mas me fez uma recomendação: não queria tomar café na casa de ninguém. Ponderei que isso era impossível, e recomendei que ele tomasse apenas um gole.”

O café, nesse sertão, era vendido torrado, sem moer. Cada um moía dos mais variados jeitos, principalmente nesses moedores manuais, usados para pimenta-do-reino. Após a moagem, era colocado em uma cafeteira com o fundo maior, um tronco de cone, com água e rapadura. Após fervura, era servido vagarosamente. O pó, que era grosso, ficava nessa parte mais larga. O sabor não era diferente do café servido em São Paulo. Paschoal Giardullo relata, ainda, que não existiam as pequenas xícaras de café, somente as de chá, maiores. O pessoal servia o café e ficava muito contente quando o visitante repetia. A gozação era testemunhar, por exemplo, o advogado conseguindo tomá-lo. E falavam, em tom alto: “Doutor, se você quer mais café, é só pedir. O pessoal é nosso amigo”. “E, ouvindo isso, a dona da casa vinha correndo com mais café e ele tinha de dizer que estava ótimo, mas não podia tomar mais. Isso aconteceu várias vezes, porque a insistência do pessoal era grande. Não preciso dizer o quanto ele reclamava, em tom baixinho. Ele ficou uma semana em nossa companhia, e foi um período de muitas gozações”.

Mas, entre todas as visitas, a mais divertida foi a do topógrafo, Takanori Saito, filho de japoneses e que falava com certo sotaque. Naquela época, japoneses e descendentes eram raríssimos na região, e muitos moradores dali nunca tinham visto um. Avisaram a todos que chegaria um “japonês”, e que trabalharia lá por, no mínimo, 15 dias. Quando ele chegou, todos os trabalhadores queriam vê-lo e ouvi-lo falar, e o pessoal das redondezas andava alguns quilômetros só para isso. Durante o tempo todo que trabalhou lá, sempre se reuniam pessoas em torno dele.

Saito estacionava o teodolito sob um guarda-sol e, em volta, sempre havia alguém sentado no chão, olhando para ele e rindo quando ele dava ordens para os porta-miras (ajudantes do topógrafo, que transportam e localizam a mira de modo a se executar um levantamento topográfico), que também achavam o sotaque japonês engraçado. No começo, ele ficava nervoso, mas foi se acos-

tumando, e no fim já estava falando com sotaque baiano.

As coisas iam caminhando rapidamente. Com a estrada pronta, a jazida foi aberta, e demos início à construção dos fornos para calcinação, iguais aos existentes em Uberaba (MG), e, para isso, levaram três pedreiros de Tambaú (SP). Eles vieram de ônibus para São Paulo, Giardullo os conduziu, de avião, para Belo Horizonte, onde passaram a noite e, no dia seguinte, em um DC-3, da Real Aerovias, que fazia a linha de integração nacional, foram para Remanso e, de lá, concluíram o trajeto, de barco, para a Castela. “Eles nunca haviam viajado de avião, nem tão pouco visitado o sertão da Bahia. Quando chegaram, ficaram admirados com tudo. O rio, as acomodações, o pessoal. Permaneceram na fazenda por cerca de um mês e meio e voltaram para São Paulo pelo mesmo caminho.”

Era necessário mandar material bruto para ser ensaiado na Cerâmica São Caetano, para definir a calcinação na Fazenda Castela, e depois em São Caetano do Sul. Com a estrada aberta até a jazida, o geólogo ficou encarregado de mandar para São Caetano 500 toneladas de magnesita em estado bruto. Alugaram um galpão em Juazeiro. As pedras seriam levadas para esse local e, em seguida, seriam despachadas de caminhão para São Caetano.

“Comecei a procurar caminhões para ir a Castela, a 200 quilômetros de Juazeiro, viajando por uma estrada péssima. Encontrei um gaúcho, que tinha trabalhado na abertura de uma estrada próxima e procurava serviço. Fui com ele até a jazida, e ele gostou do serviço. Em um mês, sozinho em um basculante Chevrolet, carregou as 500 toneladas de pedra para Juazeiro. Despachar para São Paulo foi muito mais fácil.”

O geólogo que virou agricultor

Para um descendente de italiano acostumado com saladas, legumes e frutas, viver em um local onde não havia esse tipo de alimento era desagradável. Nas feiras livres de Remanso, Petrolina e Juazeiro, era possível encontrar alguns tomates raquíticos, maxixe, batata, mas verduras não havia.

Paschoal Giardullo resolveu cultivar sua própria horta. Ao lado da sede da fazenda, existia um curral de ovelhas, que formava uma generosa camada de esterco. Contratou uma senhora e seu filho para fazerem a horta. Começaram com uma mistura de esterco de carneiro com terra, regada durante alguns dias. Depois, fizeram três canteiros, com quatro metros de comprimento por um de largura.

Ao lado, Giardullo instalou um tambor de 200 litros. Durante o dia, este era cheio com água do rio, trazida em latas. À tarde, com um regador, a horta era molhada. O geólogo também comprou algumas sementes em Juazeiro e iniciou a horta. Plantou tomate, alface e pimentão verde. Em uma das vindas a São Paulo, comprou sementes de alface, escarola, tomate italiano, berinjela, abobrinha italiana, além de salsa e cebolinha. Porque na Bahia, só plantavam coentro.

O espetáculo da primeira chuva

“Uma coisa não pode deixar de ser mencionada: o espetáculo da primeira chuva na caatinga. Quando termina a temporada das chuvas, ela começa a secar. As árvores, os arbustos e o restante da vegetação perdem as folhas, e fica acinzentado, dando a sensação de que tudo está morto. É uma paisagem desoladora e triste. Até que, em outubro, com a chegada das primeiras chuvas, que normalmente são fortes, mas não generalizadas, ocorre uma transformação quase que instantânea. Em dois dias, o que era cinza e parecia morto, fica verde. Os cactos começam a florescer. Os arbustos e as árvores ganham cor de um dia para outro. Do chão seco, brotam milhares de gramíneas e flores. Aparecem insetos e animais. Enfim, tudo aquilo que estava dormindo, acorda como em uma sinfonia de vida, cores e perfumes. Na beira do rio, os pastos, que estavam completamente secos, começam a brotar.”

Como as chuvas não são generalizadas, em uma primeira fase se formam ilhas de vida, dentro de uma paisagem morta. Nesse período, Paschoal Giardullo viajava de Castela para Juazeiro e, de repente, passava de uma caatinga seca para uma paisagem de vegetação exuberante, com tudo verde, repleta de flores, pássaros, insetos e animais. “Parecia que tínhamos mudado de terra. Normalmente, até o fim de novembro, já estava tudo verde. As pessoas já estavam preparando o roçado para o plantio, para ter tempo de colher até o fim de março.”

Voltando de jipe para São Paulo

O jipe da Fazenda Castela estava velho e desgastado, e foi substituído por um novo. O antigo deveria ser enviado para São Caetano do Sul. E isso deveria ser feito por um mecânico de São Paulo, que já estava lá e precisava retornar. Paschoal Giardullo se ofereceu para vir junto, já pensando em combinar com a Edna, sua esposa, uma viagem até Salvador, para que ela conhecesse a capital

baiana e assim, juntos, voltassem como “turistas” pela Rio-Bahia, que começava a ser asfaltada.

“Antes de viajar para a minha temporada na Fazenda Castela combinamos detalhadamente, pois não tínhamos muitas oportunidades de conversar. Ainda não tinham instalado o rádio na fazenda, uma carta levava cerca de 15 dias para chegar e telegramas, dois dias, quando emitidos de Juazeiro ou Remanso. Em Juazeiro, existia um escritório da Western Telegraph Company Limited, que entregava o telegrama no mesmo dia. Na Castela, não chegavam nem cartas, nem telegramas. Portanto, combinamos todo o esquema da viagem anteriormente e, em uma carta enviada por portador para a Edna, em 21 de maio de 1962, mais uma vez, detalho o combinado:

‘O Zé Júlio chegou ontem e nós já acertamos teoricamente a nossa viagem de volta. Esquemáticamente, o negócio é o seguinte:

Eu vou sair daqui da Castela na próxima terça-feira, e de Juazeiro na quarta, devendo chegar a Salvador, se tudo correr bem, no mesmo dia, de modo que, para ter certa margem de segurança, você deve sair de São Paulo, no Viscount da Vasp, na sexta-feira cedo, de modo que você chegue a Salvador depois do almoço. Eu estarei esperando você no aeroporto.

Chegarei antes a Salvador, para ajeitar o jipe e ver as baianas. Porém, pode ser que haja qualquer novidade por aqui, com relação aos serviços ou com relação ao veículo, de modo que você compra a passagem, mas só embarca depois de receber um telegrama meu confirmando tudo isso.

Esse telegrama eu vou passar assim que eu chegar a Juazeiro. Você deverá recebê-lo lá pela quarta-feira. Sem receber o telegrama confirmando, não embarque!

Caso haja qualquer alteração da sua parte, você telegrafa pela Western para mim, com o endereço Hotel Plaza – Salvador – Bahia.

Nós devemos passar dois ou três dias em Salvador, e depois vamos arribar no mundo, como se diz por aqui, e gastar na viagem, de Salvador a São Paulo, cerca de 8 a 10 dias’.”

Fizeram uma revisão no jipe. O maior problema eram os pneus. Naquele tempo, todos tinham câmara de ar. Havia muitos cactos naquela região, e os mandacarus tinham espinhos finos e fortes, que penetravam nos pneus, quebravam e um pedaço deles ficava na borracha, que ia forçando a câmara de ar até que ela furava. O jipe tinha um estepe, mais duas câmaras de ar, espátulas para des-

montar o pneu, remendo frio para consertar a câmara de ar e ainda bomba manual para enchê-lo.

Ficou combinado com Edna que ela chegaria de avião a Salvador, na sexta-feira depois do almoço. Ficariam na cidade durante o sábado e o domingo, e voltariam na segunda-feira cedo. Paschoal Giardullo partiu de Castela na terça-feira à tarde, dormiu em Petrolina e, na quarta-feira, logo cedo, foi à Western passar um telegrama que dizia:

“SIGA SALVADOR SEXTA-FEIRA PELA VASP
ESTAREI AEROPORTO NOVIDADES TELEGRAFE
HOTEL PLAZA SALVADOR PASCOAL”.

Giardullo partiu em direção a Salvador. Até Feira de Santana, a estrada era de terra, repleta de costelas de vaca e buracos. Chegou lá às 15h para almoçar, pois o pneu furou duas vezes. Almoçou e seguiu para Salvador por uma estrada asfaltada. O pneu furou mais uma vez e, no fim da tarde, estava na capital. Hospedou-se no Hotel Plaza, na Avenida Sete de Setembro. O motorista e o carro ficaram em um hotel no Centro.

Na manhã seguinte, quinta-feira, providenciou uma lavagem completa com motor e uma lubrificação caprichada no jipe (naquele tempo, ainda existiam engraxadeiras nos carros). Como molhou o distribuidor, as velas e a bobina, o veículo só voltou a funcionar às 15h.

Enquanto isso, Paschoal Giardullo não sabia que os entregadores da Western, em São Paulo, estavam em greve. Edna não conseguia receber o telegrama. Ela e o seu sogro, Adolpho Benatti, foram ao escritório da empresa telegráfica, na Rua XV de Novembro, tentar saber algo a respeito. O funcionário era irredutível. O telegrama estava lá, mas ele não podia revelar o conteúdo. Como o sogro de Giardullo tinha feito carreira na estrada de ferro, começando como telegrafista, para passar o tempo, ele ia traduzindo o que chegava pelo telégrafo. O funcionário percebeu e quis saber como ele conhecia o Código Morse, usado em telegrafia. Benatti contou sua história e o funcionário decidiu ler o telegrama que seu genro havia mandado. Sendo assim, Edna embarcou no dia seguinte para Salvador.

Na sexta-feira, Giardullo acordou cedo e levou o jipe para fazer uma pequena revisão, efetuando a troca das câmaras de ar dos

pneus e do óleo, para deixar o veículo em ordem, para enfrentar os passeios em Salvador e a viagem de volta a São Paulo. Almoçou e seguiu para o aeroporto, onde iria esperar por Edna. O voo chegou no horário e ele permaneceu no pé da escada, esperando a sua saída da aeronave. “Naquele tempo, a gente entrava na pista e aguardava no pé da escada pela descida dos passageiros.”

Edna foi a última a sair. Pegaram as bagagens e foram seguindo pelas praias até Salvador. No trajeto, sua esposa contou o drama da chegada do telegrama, fato que Paschoal Giardullo jamais imaginara. Começaram por Itapoã e passaram por todas as praias, até chegar ao hotel, em Salvador. Após se acomodarem, passaram o resto da tarde circulando pela cidade. Ele mostrou à esposa os pontos turísticos e, à noite, jantaram no Chez Bouillon (do Bernard, dono do Chez Bernard), situado no início da subida da Avenida Sete, na Barra. Um lugar extremamente romântico, de onde se avistava o Iate Clube, com uma das mais lindas vistas da Baía de Todos os Santos.

No dia seguinte, sábado, o roteiro começou pelo antigo Mercado Modelo, que sofreu um incêndio e foi demolido. No seu lugar, existe hoje uma praça com uma escultura de Mário Cravo Junior, e o novo mercado está no prédio onde ficava a alfândega.

“Naquele tempo, existia muita cerâmica, cestaria, roupas típicas de couro, chapéus, bolsas, além de muitas frutas e comidas típicas. Almoçamos lá e, à tarde, mostrei a Edna o comércio da cidade baixa, além de algumas igrejas. À noite, saboreamos uma moqueca no Iemanjá.”

No domingo, visitaram o Pelourinho e as igrejas de São Francisco e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a Catedral Basílica. Visitaram o Dique do Tororó, que naquele tempo era apenas um lago. Hoje é onde se encontram as esculturas dos Orixás, do artista plástico Tati Moreno; e a lagoa do Abaeté, com as suas lavadeiras.

Voltaram para o hotel, a fim de se prepararem para a viagem do dia seguinte. Partiram logo cedo, com destino a São Paulo, percorrendo um trajeto com aproximadamente dois mil quilômetros, sendo a maior parte do trecho em pistas de terra. No dia seguinte, Paschoal Giardullo se encontrou com o mecânico e partiram rumo a Feira de Santana.

“A descrição da viagem pode trazer ao leitor que não conhece a Bahia, a ideia de uma região pobre, atrasada e muito carente. Os relatos a seguir mostram a Bahia de 1962. Nessa época, era tudo muito

precário naquela região. O leitor poderá testemunhar, em outros capítulos, descrições muito melhores em épocas mais recentes. Eu, particularmente, adoro a Bahia, desde Salvador até o maior sertão. E não apenas eu, como toda a minha família. Acampamos lá várias vezes, de trailer e depois de *motorhome*, inclusive pelo sertão, em viagens memoráveis reunindo toda a família Giardullo.”

1º dia – Salvador - Feira de Santana - Jequié

Partiram cedo de Salvador para Feira de Santana, um trajeto com cerca de 120 quilômetros. Por estrada de pista única, mas asfaltada, atravessaram o Recôncavo Baiano e toda a região produtora de tabaco e charutos. Paschoal Giardullo relata que a topografia era bastante suave, com uma vegetação semelhante a do Estado de São Paulo. Feira de Santana é o maior entroncamento rodoviário do Nordeste e, depois de Salvador, é a cidade mais populosa. Até hoje, às segundas-feiras, acontece uma feira, onde é possível comprar desde animais vivos, carnes, até peixes secos, frutas, verduras, material de construção, cestaria e “tudo o mais que se possa imaginar”. Edna ficou deslumbrada com as cestarias, e chocada com os fardos de carne e peixes secos empilhados na rua. O povo arrancava pedaços para experimentá-los. Eram pilhas de animais mortos e salgados, bodes, carneiros, preás, porcos, com a pobreza das verduras e a exuberância das frutas típicas.

“Gastamos algumas horas na feira. Edna comprou alguns cestos, que só atrapalharam a nossa viagem. Almoçamos e seguimos viagem rumo a Jequié. A vegetação mudou. Estávamos em plena caatinga, diante de muitos cactos e vegetação retorcida, uma parte já seca. A topografia era bem irregular. A estrada era de terra e em obras de retificação e asfaltamento.”

Cerca de 100 quilômetros adiante, chegaram ao povoado de Milagres, em plena caatinga e sem água. O lugar se resumia a algumas casas, oficinas, lojas e posto de gasolina, localizados na lateral da estrada de terra, e onde existiam muitas bancas vendendo, sob o sol escaldante, muita carne de sol, carne fresca de boi e cabrito. E tudo cercado de muita mosca. Havia muitos vendedores de pássaros, saguis e até uma jiboia, além de jegues por toda parte. Depois de ver a feira de Feira de Santana e as carnes penduradas em Milagres, Edna jurou que nunca mais comeria carne de sol!

“Continuamos a viagem e, à tarde, chegamos a Jequié, uma cidade agradável, com alguns bons hotéis, restaurantes e um comércio

razoável. O drama foi retirar todas as tranqueiras do jipe e levar para o quarto. Porque o veículo ficou estacionado na rua e a capota era de lona. Edna acreditava que alguém poderia roubar alguma coisa. Isso se repetiu todas as noites, até chegarmos a São Paulo.”

2º dia - Jequié – Vitória da Conquista

Partiram cedo e, com a paisagem sendo de caatinga, com vegetação seca, estrada em obras, desvios, pontes em construção, povoados pobres e a única cidade maior, na beira da estrada, era Poções, situada no cruzamento que ia para Ilhéus, no litoral, e Brumado, no sertão. Poucos postos de gasolina, alguns restaurantes precários. A paisagem e a topografia começaram a mudar à medida que os viajantes se aproximavam de Vitória da Conquista (BA), localizada a quase mil metros de altitude, com um clima ameno.

Vitória da Conquista, já naquela época, era uma importante cidade do sertão da Bahia. Estava no entroncamento da estrada que vinha de Bom Jesus da Lapa, na beira do Rio São Francisco, passando por Brumado, onde estava a jazida de magnesita e talco da Magnesita S.A.. Seguiu até Ilhéus, passando por Itabuna, ambas na zona cacauera da Bahia. Tinha bons hotéis, restaurantes e um comércio interessante. O casal dormiu em um bom hotel e, no dia seguinte, seguiram viagem logo cedo.

3º Dia – Vitória da Conquista - Teófilo Otoni

A partir desse trajeto, as condições começam a mudar. Os viajantes começaram a deixar a caatinga, passando para uma vegetação subtropical, com a presença de rios. O primeiro a ser visto foi o Rio Pardo. Logo em seguida, chegaram à divisa com o Estado de Minas Gerais. A estrada continuou em obras, cheia de desvios, com pequenos trechos asfaltados. Não viam mais os jegues, e começaram a visualizar pastos e gado. Pararam para almoçar em uma pensão, à beira da estrada, onde havia muitos caminhões e carros estacionados.

“Era um ambiente bem agradável, limpo, sem moscas, e que servia almoço. Arroz, feijão, uma carne ensopada, salada e pão. Edna gostou tanto da carne ensopada, que até repetiu. Só depois, ao retornarmos à estrada, mencionei que o ensopado era de carne de sol.”

Continuaram a viagem, passando por Itaobim, atravessando o Rio Jequitinhonha, e onde a estrada dá acesso ao Vale do Jequitinhonha, local onde, alguns anos depois, o geólogo iria explorar os

minerais de lítio. No fim da tarde, chegaram a Teófilo Otoni. Passaram a noite em um hotel, junto a um posto de gasolina e, novamente, viveram o drama de descarregar o veículo.

4º dia – Teófilo Otoni - Caratinga

Já naquela época, Teófilo Otoni era famosa pelas oficinas de lapidação, que trabalhavam, principalmente, com turmalinas, águas-marinhas, topázios, ametistas e quartzos. O casal acordou cedo e foi observar as pedras lapidadas, mas não comprou nada. A paisagem agora era totalmente outra. As obras continuavam, assim como o pó, os desvios e alguns trechos de asfalto. A vegetação era praticamente igual à da região Sudeste, incluindo alguns pastos com gado. O movimento na estrada aumentou, e eles chegaram a Governador Valadares (MG), com a pedra do Ibituruna dominando a cidade. Atravessaram o Rio Doce, por uma ponte de quase um quilômetro de extensão, e a estrada de ferro que transportava minério de ferro do quadrilátero para o porto de Vitória (ES).

Governador Valadares já era uma importante cidade de Minas Gerais. Ainda tinha serrarias, e a criação de gado também era bastante expressiva. Cidade grande, com bons hotéis, restaurantes e um comércio bem diversificado.

“Começamos a entrar na zona da mata de Minas Gerais, onde se cria gado para leite, e já era possível a notar a influência do Rio de Janeiro. Na estrada, haviam mais postos de gasolina, com melhor aspecto, e lanchonetes. Não era preciso ir ao mato para satisfazer as necessidades. Seguimos até Caratinga, onde mais uma vez dormimos em um posto de gasolina.”

5º dia – Caratinga – Leopoldina

As condições da viagem melhoravam cada vez mais. Com exceção de uns pneus furados e a troca de um dos coxins do motor, o jipe se comportava muito bem. As obras, o pó, os desvios e até alguns trechos de asfalto continuavam. A topografia era bastante montanhosa, com a vegetação típica subtropical, e muito gado de leite. Nas lanchonetes dos postos de gasolina, e até em pequenos comércios, sempre encontravam queijos. Para o casal Giardullo, a viagem ficava melhor e a ansiedade de chegar aumentava.

Leopoldina está situada na zona da mata de Minas Gerais, região de mata atlântica, a qual foi um dos mais importantes polos da cafeicultura mineira, cortada pela ferrovia Centro-Atlântica,

antiga Leopoldina, que a interliga com o Rio de Janeiro. O casal decidiu pernoitar em um hotel da cidade. Daí em diante, até São Paulo, todas as estradas eram asfaltadas. Era o fim do constante pó das obras, com a expectativa de uma viagem mais confortável.

6º dia – Leopoldina – Volta Redonda

Edna e Giardullo acordaram cedo para uma viagem que melhoraria bastante. O tráfego nas rodovias aumentou e, a partir de Além Paraíba (MG), a estrada passou a margear o Rio Paraíba, com uma paisagem muito agradável. Seguiram tranquilos até Volta Redonda (MG), sede da Companhia Siderúrgica Nacional. A cidade em si não é uma das mais agradáveis, mas, para atender à construção da usina, foi erguido um belíssimo hotel, em um parque, o qual foi eleito para a estadia do casal, em sua última noite na estrada. O Hotel Bela Vista, onde atualmente funciona um hotel-escola, era extremamente luxuoso. Chegaram com o jipe completamente sujo e repleto de bagagens. Descarregaram tudo, e Giardullo encaminhou o veículo e o motorista para outro hotel, com a recomendação de que ele os apanhasse na manhã seguinte, logo cedo.

Depois de um reconfortante banho, colocaram a melhor roupa, e dirigiram-se para o restaurante, onde foram atendidos por um maître elegantemente trajado em smoking. Para o serviço, no mínimo dois garçons por mesa. O casal queria encerrar a viagem com um delicioso jantar. “A grande maioria dos clientes vestia paletó e gravata. Foi um jantar memorável.”

7º dia - Volta Redonda – São Paulo

“No dia seguinte cedo tomamos café e lá estava o carro e o motorista a nossa espera. Carregamos todas as tralhas e fomos embora em direção a São Paulo. O motorista não se aguentava de vontade de chegar, ele estava fora de casa há mais de dois meses. A viagem foi tranquila, almoçamos em um posto de gasolina e lá pelas 17h deixei o motorista em sua casa, no Rio Pequeno, em São Paulo. Ele saiu tão rápido que mal se despediu. Fomos para casa.

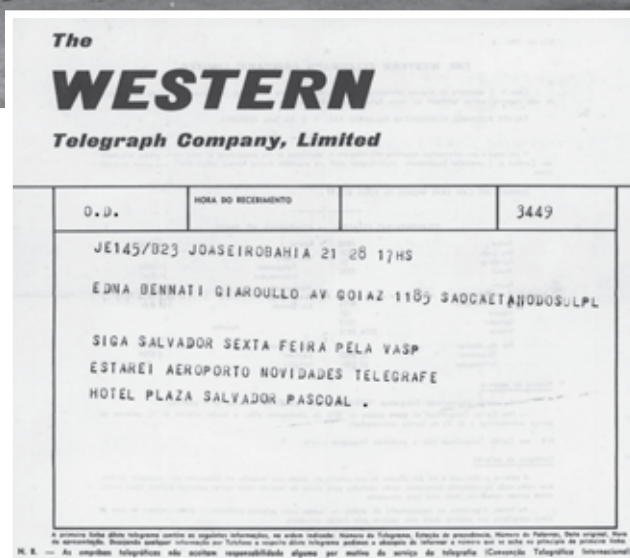
Descansei no domingo e, na segunda-feira cedo, lá estava eu na Copami, com o jipe, que tinha se comportado muito bem durante a viagem. Todos estavam preocupados comigo, pois eu não tinha mandado nenhuma notícia. Foi uma semana contando a aventura e resolvendo os problemas que estavam à minha espera.”

“Nessa ocasião, já morávamos na casa da Cerâmica São Caetano, e parte das tranqueiras e bugiangas compradas nas viagens faziam parte da decoração da casa, ou trazíamos para presentear amigos e vizinhos. A Edna passou muitos dias contando as aventuras para a vizinhança, para os nossos familiares e amigos. Todos achavam minha esposa muito corajosa para encarar uma viagem desse tipo. Porém, nós já tínhamos tido uma experiência em escala muito menor durante nossa viagem de lua de mel.”

O geólogo conta que seus colegas da Cerâmica São Caetano, depois de ouvirem tais aventuras, convenceram-se mais ainda de que trabalhar na Copami era realmente um privilégio. “E eu incentivava, contando apenas as partes boas das viagens às jazidas.”



Uma das edificações da Fazenda Castela, na Bahia, utilizada como escritório, dormitório, cozinha e refeitório. Foto de abril de 1962



Telegrama enviado a esposa de Giardullo, Edna, por conta de sua chegada a Salvador, e que confirmaria o encontro do casal na capital baiana

CAPÍTULO 8

Centro Acadêmico e Câmara Júnior

Nas décadas de 1950 e 1960, circulavam muitos acadêmicos por São Caetano do Sul, principalmente estudantes de Direito, Medicina, Engenharia, Odontologia, Letras e Matemática, de tal forma que era impossível existir um centro acadêmico para cada especialidade. A solução adotada, na época, foi fundar uma instituição que acolhesse todos os acadêmicos da cidade, dando origem ao Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, em 1958. Hoje existem, no município, várias faculdades e uma universidade, desencadeando a formação de vários centros acadêmicos.

Inicialmente, os estudantes de Direito representavam a maioria e davam uma conotação política às atividades do Centro. O aumento do número de estudantes de outras faculdades desencadeou um descontentamento quanto à orientação política da instituição. Em 1960, formou-se uma chapa, tendo Oscar Garbelotto como presidente e Paschoal Giardullo como vice. Juntos, concorreram e venceram as eleições.

“A primeira providência foi transferir a sede para a Avenida Conde Francisco Matarazzo, localizada sobre o Cine Max. A segunda foi realizar uma atividade que desse prestígio ao Centro; e também lucro, porque o nosso fluxo de caixa era muito baixo. Surgiu, então, a ideia de realizar o Baile dos Calouros. Tinha de ser ‘o baile’, melhor do que qualquer outro já realizado. A orquestra deveria ser uma das famosas da época. E precisaria acontecer no Clube Comercial, o maior e melhor de São Caetano do Sul. A data: 15 de abril de 1959. Começaram as providências, como aluguel do salão, contratação da orquestra de Sylvio Mazzuca, impressos, licenças e, obviamente, começou a faltar dinheiro. Fizemos um empréstimo no Banco de São Caetano, que foi avalizado por Hermógenes Walter Braidó. Mas era fundamental ter certeza de que a renda do baile cobriria todas as despesas. A solução encontrada foi ter patronesses. Para ter esse título e o nome impresso nos convites, estas deveriam vender ou comprar dez convites. Selecionamos um grupo de jovens e fomos pessoalmente às casas de cada uma para convidá-las. Conseguimos o número necessário de patronesses e o Baile do Calouro foi um sucesso, com o lucro esperado.”

Naquele baile foram homenageados os seguintes calouros:

José Bonifácio de Carvalho - Faculdade de Direito da USP
Elide Maria Moreira Camerini - Faculdade de Direito da USP
Vasco Ferreira Lima - Faculdade de Direito de São José dos Campos
João Horvat Filho - Escola Politécnica da USP
Ronaldo Lopes - Faculdade de Medicina da USP
Estevan Romão - Faculdade de Medicina da USP
Joel Massari Rezende - Faculdade de Medicina da USP
Helia Mantovani - Anglo Germânicas da USP
Norma Moraes - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento
Josefina Lorenzini - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento
Nilze da Silva Nardi - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento
Maria Cleide Pinezi - Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae
Terezinha Edine Dassie - Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae
Itamar Andrade Junqueira - Faculdade de Engenharia Industrial da PUC
Danilo Marfil - Faculdade de Ciências Econômicas de Santo André
Braz Jacir Ginezi - Faculdade de Ciências Econômicas de Santo André
Mario Zanella - Escola de Administração de Empresas da PUC

A sede do Centro Acadêmico, no prédio do Cine Max, tornou-se o ponto de encontro dos acadêmicos, formandos e vestibulandos que, nas folgas, iam até lá para conversar, discutir política, jogar xadrez e falar de esportes. Contava com um bom time de futebol, que, com frequência, jogava contra o Grêmio 28 de Julho, do Colégio Estadual. Daí nasceu uma competição esportiva chamada EST-ACA (EST, de Estadual e, ACA, de Acadêmicos). Era um evento anual disputado na quadra do Grêmio 28 de Julho, que tinha como maiores incentivadores os irmãos Fuad e Ramis Sayar.

“Nessa época, em função do meu trabalho na Copami, fui me dedicando menos à parte administrativa do Centro Acadêmico, mas continuei a apoiar todas as suas iniciativas, principalmente aquelas relacionadas à administração da cidade.”

Passeata do Silêncio

No início de 1961, terminava o mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei, começando a gestão de Anacleto Campanella. A maior parte dos vereadores foi reeleita. Os edis, em fim de mandato, apresentaram um projeto aumentando o salário da nova legis-

latura de forma absurda. Ou seja, descaradamente estavam legislando em causa própria.

“Ficamos sabendo e resolvemos fazer algo na tentativa de impedir a aprovação da lei. Surgiu a ideia de se fazer um enterro dos vereadores. Algo que despertasse a atenção de toda a população. Como a nossa sede era no Cine Max, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, em frente à Rua João Pessoa, resolvemos instalar o velório lá, e marcamos o enterro para o dia 4 de abril. Instalamos aparelhagem de som, para explicar o problema à população, e qual seria nossa forma de combatê-lo. Colocamos uma mesa na calçada para expor as nossas atitudes, e arrecadar dinheiro para comprar mais caixões. A proposta era enterrar toda a Câmara Municipal. O pai do Delmo Nicolli, gerente da Metalquímica Glória – fabricante de velas -, doou várias caixas de velas para distribuirmos aos participantes. Contratamos um carro de som, que nos dias anteriores percorreu todo o município, conclamando todos a irem ao enterro em silêncio, exatamente no dia 4 de abril.”

Paschoal Giardullo lembra que foi solicitada autorização policial. Os policiais alertaram sobre a entrada de elementos estranhos, que pudessem tumultuar o evento. O delegado indagou sobre o custo de cada caixão e, para surpresa dos organizadores, ele tirou a carteira do bolso e pagou o primeiro caixão da cerimônia. No dia combinado, com a ajuda do carro de som, o grupo estruturou o enterro e, como não conseguiram verba para comprar caixões para todos os vereadores, colocaram faixas nos caixões disponíveis, com os nomes de todos os vereadores. Giardullo lembra que o grupo não imaginava o quanto o povo apoiaria o evento. E no dia, contaram com uma multidão presente, dando apoio à iniciativa. Com muito esforço, o enterro aconteceu e, com o carro de som, pediam que todos permanecessem em silêncio.

“Foi um verdadeiro espetáculo. A maior parte dos participantes carregava velas acesas. Pelas ruas por onde o cortejo seguia, as pessoas colocavam toalhas e velas nas janelas dos casarios. O fim do cortejo foi no cruzamento das ruas Baraldi e Manoel Coelho. Ali, a multidão colocou fogo nos caixões.”

No dia 8 de abril, transcorreu a sessão da Câmara Municipal, para apreciação do projeto de lei que aumentaria os salários dos vereadores. Os integrantes do Centro Acadêmico lotaram as dependências da Câmara e, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio, a multidão se reuniu. Os vereadores aprovaram o aumento

e a revolta começou, com apedrejamento da Câmara. A polícia não conseguia controlar a multidão, pedindo ajuda à tropa de choque, que mandou para São Caetano do Sul uma frota de brucutus, ou seja, carros blindados recém-adquiridos pela polícia. A nova frota teve estreia exatamente nesta ação contra os sul-são-sancaetanenses.

Estes acontecimentos tiveram uma ampla repercussão na imprensa, nos jornais do ABC e nos noticiários das televisões. Uma das primeiras medidas da nova Câmara foi cancelar a lei que deu aumento aos vereadores.

Câmara Júnior – Na vice-presidência

A Câmara Júnior é uma organização mundial, que visa à formação de líderes, tendo como base a busca de soluções de problemas comuns, na sociedade. Permite aos seus membros a possibilidade de contribuir com o progresso da comunidade.

Surgiu da iniciativa de Henry Giessenbier, da cidade de Saint Louis, no Missouri (EUA), que, em 1915, se inspirou no conceito do serviço público. Ele acreditava que os homens poderiam melhorar o nível de vida de uma comunidade, com trabalho voluntário. A entidade congrega jovens entre 21 e 40 anos, sem restrição de religião, raça ou pensamento político. Atualmente ela possui sede nacional em Campinas (SP), e passou a se chamar JCI Junior Chamber Internacional. Durante anos, manteve a sede nacional em Cascavel (PR).

Presente nos cinco continentes, possui mais de 200 mil membros, afiliados em aproximadamente cinco mil localidades, em 115 países. No Brasil, a JCI (www.jci.org.br) é a segunda maior das Américas, tendo os Estados Unidos em primeiro lugar, berço de toda a organização.

Em São Caetano do Sul, sua instalação se deu em 23 de abril de 1965, em um jantar solene. Naquela época, Paschoal Giardullo já estava formado, trabalhando na Companhia Paulista de Mineração, da Cerâmica São Caetano. O geólogo aceitou o convite para participar e assumiu a vice-presidência da organização, na gestão de Benito Musumeci. As reuniões eram feitas no plenário da Câmara Municipal de São Caetano do Sul.

Dentre os problemas do município estudados naquela época, o que mais chamou a atenção foi a relação entre passageiros e os motoristas e cobradores de ônibus. “O nosso trabalho consistiu em realizar uma série de entrevistas, com os mais variados tipos

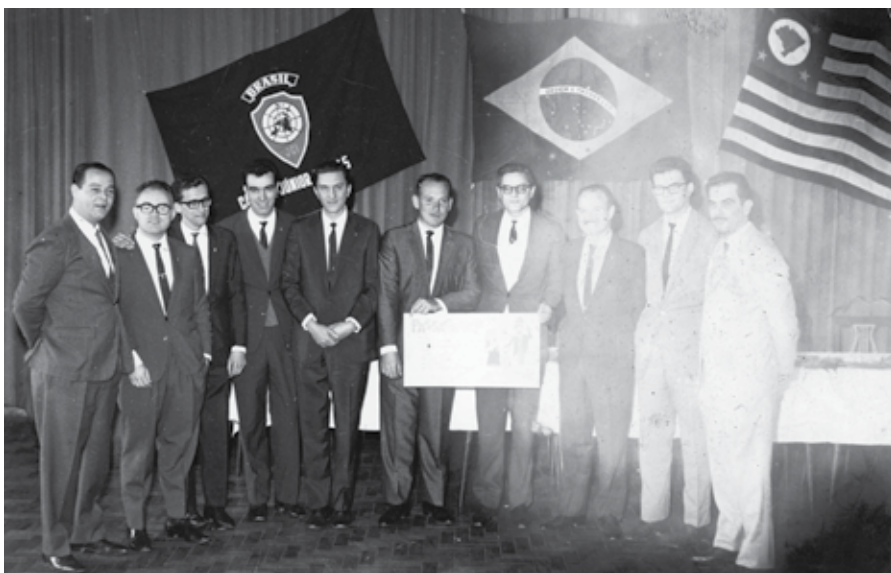
de passageiros, e também visitas às sedes das empresas de ônibus, para entrevistar cobradores, motoristas e fiscais. O que mais ouvimos foram sérias queixas contra os usuários, que não colaboravam e não eram educados no trato com aqueles profissionais. Conclusão: deveríamos fazer uma campanha que abrangesse as duas partes, e assim nasceu a ‘Campanha da Camaradagem’. Imprimimos cartazes que foram colocados em todos os ônibus, numa área atrás do local do cobrador, as quais destacavam: ‘Passageiro – Colabore com a Campanha da Camaradagem, cujo objetivo é melhorar as relações humanas. Seja calmo, tolerante e cortês, principalmente com os idosos, crianças e senhoras. É mais fácil e compensador agir com bondade’.”

“Também fizemos palestras nas garagens e distribuímos aos motoristas e cobradores um folheto que dizia: ‘Motorista e Cobrador: Lembrem-se que este veículo confiado a vocês, para uso coletivo, depende da sua habilidade. Exige mais do que simples profissionais, pois transporta vidas preciosas que merecem, de sua parte, todo o zelo possível. Seja, pois, camarada, cortês e dirija cuidadosamente. Nossos agradecimentos’.”

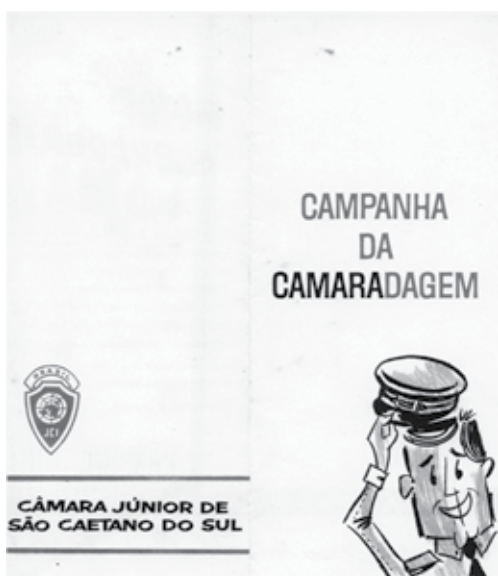
A campanha, criada pela Câmara Júnior de São Caetano do Sul, teve a colaboração do Banco de São Caetano do Sul S/A. Representou um estímulo aos motoristas e cobradores, para serem cordiais nas relações com os usuários do transporte coletivo, bem como aos usuários, para que respeitassem os motoristas e cobradores. Paschoal Giardullo lembra que a campanha foi um sucesso. Ganhou as páginas dos jornais locais, tendo total apoio da imprensa e da população.

Foi uma ação modesta, com o uso de cartazes, com frases de efeito, que provocou a reflexão entre profissionais e usuários de coletivos. Um trabalho ambicioso em seus objetivos, com a proposta de pulverizar a ideia, solicitando a divulgação entre os familiares, amigos e alunos das escolas locais.

Na ocasião, precisamente no ano de 1965, o trabalho de Paschoal Giardullo na Copami havia evoluído bastante. E o geólogo já iniciava seus primeiros passos rumo à Sandspar Minérios Ltda. Sendo assim, ele permanecia menos tempo em São Caetano do Sul, o que o fez se afastar da diretoria da Câmara Júnior. Em 1986, se desligou definitivamente da instituição.



Lançamento da Campanha da Camaradagem, em meados da década de 1960. Foram identificados, na imagem: Fuad Sayar, Benito Musumeci, Paschoal Giardullo, Claudio Musumeci, Aílton Cazini, Oscar Garbelotto e Alberto Custódio



Detalhes dos cartazes da Campanha da Camaradagem, promovida pela Câmara Júnior de São Caetano



Assinatura da ata de fundação da
Câmara Júnior de São Caetano
do Sul, em 23 de abril de 1965



Capa dos estatutos da Câmara
Júnior do Brasil, que regia as
organizações de todo o país

CAPÍTULO 9

Sandspar – O começo de novas experiências

A Sandspar Minérios Ltda. nasceu como uma consequência do trabalho de Paschoal Giardullo na Companhia Paulista de Mineração (Copami), iniciado em 1961, sob a direção de Cid Muniz Barreto, ocasião em que o geólogo começou a conviver mais com Antônio Nestor Martins, seu motorista durante o estágio. A Copami não vendia matéria-prima, descartava tudo o que estava fora das suas especificações. Barreto era dono da Mineração Jundu, especializada em areia para fundição. Esta se originou quando a Sofunge - Sociedade Técnica de Fundições Gerais S.A., empresa de Eduardo Simonsen, irmão de Vitor Geraldo Simonsen, pediu a ele auxílio para que a Copami produzisse areia para fundição. O pedido foi negado, mas autorizaram Barreto a fazer isso particularmente.

Com a introdução dos controles nas jazidas e o incremento das pesquisas, foi necessária a contratação de mais um geólogo. A companhia contratou José Júlio de Castro Carneiro, colega de Giardullo no curso de Geologia, o qual trabalhava no Rio de Janeiro e estava procurando outro serviço. “Colocamos um anúncio no jornal *O Estado de São Paulo*, e entre dezenas de candidatos estava lá o Carneiro.”

Com isso, havia mais um interessado em desenvolver a Copami. Em março de 1961, com a descoberta da jazida de magnesita em Sento Sé (BA), Giardullo e Carneiro se revezavam na implantação e montagem do beneficiamento da jazida. Martins continuava mostrando a Giardullo grandes possibilidades, as quais os mineradores não estavam suprindo. Em 1963, apareceu uma grande oportunidade: revender feldspato (matéria-prima muito importante na produção de vidros e cerâmicas) da região de Governador Valadares (MG) para as indústrias de vidro e cerâmicas de São Paulo. Diante disso, Martins e Giardullo fundaram, em 31 de julho de 1963, a Sandspar Minérios Ltda., com sede em Governador Valadares e parte administrativa em São Caetano do Sul, no escritório do seu pai, localizado na sobreloja do Cine Max, com a finalidade de trabalhar nesse segmento.

Paschoal Giardullo continuou trabalhando na Copami, enquanto Martins saiu para se dedicar à venda e controlar o depósito em Minas Gerais. E sempre que era possível, o geólogo viajava até lá para acompanhar, controlar as compras e visitar novas ocorrên-

cias. Em 1965, Barreto saiu da Copami para se dedicar totalmente aos seus negócios e, nessa época, contrataram o engenheiro de minas Décio Sandoli Casadei. A direção da Copami passou para Renato Martins de Siqueira.

“Quando Siqueira passou a dirigir a Copami, mostrei para ele o nosso potencial, como possíveis fornecedores de matérias-primas naturais para a indústria cerâmica e vidreira, sempre contando com informações de mercado que o Martins me transmitia. Siqueira achava interessante, mas não se decidia. Martins continuava me mostrando grandes oportunidades, as quais não estavam sendo supridas pelos mineradores. Resolvemos expandir o negócio e apareceu uma ocorrência de quartzito em Nazaré Paulista, próximo de Atibaia, em São Paulo, que não tinha interesse para a Copami. Pesquisamos e verificamos tratar-se de um quartzito que, se fosse lavado, teria um bom mercado para a fabricação de fritas (mistura de areia com outras matérias, usada na fabricação do vidro) e cerâmica. Compramos a propriedade, requeremos a área ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DPNM), montamos o beneficiamento e entramos no mercado de quartzito.”

Paschoal Giardullo continuou a pressionar Siqueira, na tentativa de transformar a Copami em uma mineradora especializada em matérias-primas naturais para as cerâmicas e vidrarias. Mas durante uma reunião histórica em Governador Valadares, ocasião em que o geólogo levou consigo Siqueira e o auditor da companhia, Augusto Felipe Aragão, para que conhecessem a fazenda com a jazida de cianita da Copami (a qual somente ele conhecia), que os visitantes sugeriram a Giardullo “parar de pensar nisso, já que a Copami era e sempre seria um departamento de matérias-primas da Cerâmica São Caetano. Nunca venderia matéria-prima para concorrentes.”

Totalmente decepcionado, no retorno da viagem, Giardullo ficou pensando sobre seu futuro na Copami. Conversou muito com seu sócio, Martins, e, juntos, decidiram por seu desligamento da empresa, para que pudesse dedicar-se totalmente a Sandspar, uma empresa que tinha tudo para crescer e que se projetava para um futuro muito interessante.

Ele comunicou sua decisão ao outro geólogo, Carneiro, e ao engenheiro de minas, Casadei, e, em seguida, informou Siqueira, que ficou extremamente surpreso, e preocupado. O geólogo morava em uma casa da Cerâmica São Caetano, tinha uma filha pequena e a

sua mulher estava grávida do segundo filho. O geólogo estipulou um prazo para transferir tudo que era de sua responsabilidade para Carneiro e Casadei, além de treinar um profissional para substituí-lo. E, em 30 de abril de 1966, desligou-se da Copami.

Sandspar – A empresa cresce e ganha mercado

A partir de maio de 1966, Paschoal Giardullo assumiu sua função na Sandspar em tempo integral. A empresa tinha os feldspatos de Valadares, minerais de lítio, do Vale do Jequitinhonha (MG), quartzito, em Nazaré Paulista (SP), e negociações para o arrendamento de uma jazida de feldspato, em Espera Feliz (MG).

“Nossos clientes eram vidrarias de São Paulo, como Santa Marina, Cisper, Wheaton e Nadir Figueiredo, além de indústrias cerâmicas de sanitários, como Celite, Ideal Standard e Jundiáense. No segmento de fritas e esmaltes, trabalhávamos com a Ferro Enamel do Brasil, que, naquele tempo, era o maior colorífico do Brasil. Éramos detentores de um ótimo conceito como fornecedor responsável, cumpridor de prazos e qualidade. E como conhecíamos a área, a comunicação também era fácil”. Com o crescimento dos negócios, compraram um terreno em Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo (SP), para onde transferiram sua sede.

As oportunidades para o feldspato

Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos mantinham escritórios de compras de minérios no Brasil. Inclusive, o mercado norte-americano concedia assistência técnica e fornecia equipamentos para a mineração.

Um desses escritórios tinha sede em Governador Valadares, que comprava mica, cristal de rocha, berilo, columbita, tantalita e cassiterita. Eram todos minerais produzidos nos pegmatitos (rochas onde os minerais atingem grandes dimensões, em geral acima de vários centímetros. Usualmente são corpos compostos por feldspato, mica e quartzo. São importantes fontes de minerais raros como turmalina, topázio, berilo, crisoberilo, granadas, entre outros) dessa região. O encaixante desses minerais é o feldspato, que era extraído e jogado no bota-fora das jazidas, por não ter interesse comercial.

Os grandes mercados consumidores desse mineral eram São Paulo e Rio de Janeiro, onde se situavam as grandes vidrarias e as maiores indústrias cerâmicas. Esse mercado era suprido, inicial-

mente, por feldspatos da região de Perus, próximo a São Paulo e de Niterói (RJ). No Estado de São Paulo, começaram a ser usados os feldspatos da região de Socorro (SP), que eram de pior qualidade e mal explorados. Com o asfaltamento da estrada Rio-Bahia, apareceu um frete de retorno muito barato, principalmente para os caminhões que levavam verdura para Salvador e voltavam vazios. Esse processo deu aos feldspatos da região de Valadares mais qualidade competitiva.

Governador Valadares passava por uma grande transformação, nesta época. Estava deixando de ser um polo madeireiro, com várias serrarias, para se transformar em uma região de criação de gado. Era uma cidade dinâmica e um importante centro comercial, junto ao entroncamento da Estrada de Ferro Vitória a Minas com a Rio-Bahia, que ligava o Sul e o Sudeste ao Nordeste. Quanto à mineração, ainda havia várias oficinas de mica, que recebiam o minério bruto das jazidas, limpavam e classificavam o material para a exportação ou para a estamparia da gravadora RCA Victor, instalada em Belo Horizonte. O geólogo lembra que a mica era aplicada em larga escala como isolante nas válvulas de rádios e nas velas para motores de aviação. Ao mesmo tempo, começava a evoluir também o comércio e a lapidação de pedras semipreciosas, como água-marinha e turmalina. A cidade tinha bons hotéis e restaurantes. Era possível fazer ligações telefônicas para Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Giardullo conta que, na estrutura de todo negócio, a telefonista era a pessoa mais importante e que recebia os melhores presentes. “Normalmente, uma ligação telefônica demorava 12 horas para São Paulo, mas nas emergências ela conseguia fazer em oito horas.”

Também havia uma linha de ônibus diária e direta para São Paulo, com um trajeto que durava 18 horas. Para Belo Horizonte e Vitória (ES), a melhor opção eram os trens da Estrada de Ferro Vitória a Minas, da Vale do Rio Doce. Trens muito bons, pontuais e com preços baratos.

“No início, tínhamos um depósito, com escritório e uma casa, perto da Rio-Bahia, para facilitar a carga dos caminhões, que depois transferimos para a Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais (CASEMG). E alugamos um escritório na frente. Para pernoitar, ficávamos em hotéis da cidade.”

Inicialmente, os negócios envolviam apenas a compra de feldspato, nas várias jazidas da região. O material era transportado para

Governador Valadares, onde era misturado e homogeneizado, para depois ser encaminhado aos consumidores. Com o tempo, a Sandspar começou a comprar também outros minerais como berilo, tantalita e columbita, além de minerais de lítio, ambligonita, lepidolita e espodumênio. Os minerais de lítio eram enviados para São Paulo, especificamente para a Ferro Enamel e algumas indústrias cerâmicas. Os outros eram vendidos, em Valadares, para a Brasimet. Para tanto, Paschoal Giardullo adotou o uso de uma carreta acoplada ao jipe. Nela, carregava uma balança e, nas vendas existentes pelos caminhos, ia comprando tudo e tendo outras informações sobre ocorrências de feldspato. Tempos depois, a Sandspar adquiriu uma F-350 e passou a ter mais capacidade de compra. Em seguida, comprou e colocou compressor, martelete, mangueiras e brocas, na F-350, e começou a fazer perfurações nas jazidas e garimpos. Em alguns casos, ainda fornecia o explosivo, e os produtores pagavam esse serviço com minérios.

A Sandspar costumava levar os compradores para conhecerem as jazidas, para terem certeza das reservas, da extração feita com todo o cuidado e o respeito ao meio ambiente, e também por que, nas conversas durante estas visitas, acabavam descobrindo as necessidades futuras de cada cliente, em função das mudanças no mercado e dos novos equipamentos. Todo ano, no mês de junho, a empresa realizava uma festa na jazida de Santana do Parnaíba (SP) e convidava os compradores. Isso era muito interessante para firmar parcerias e fidelizar os clientes.

“Aconteceram muitos episódios interessantes durante essas viagens, mas um em especial merece ser contado. Fornecíamos feldspato e quartzito para a Celite, que, naquela época era o maior fabricante de sanitários do Brasil, com uma fábrica em São Paulo e outra em Minas Gerais, e era a que tinha o melhor departamento de pesquisas. Se você vendesse para esta empresa, todos os outros fabricantes de sanitário comprariam de você também.”

Em uma ocasião em que Giardullo levou técnicos para ver os feldspatos da região de Governador Valadares, estava, entre eles, Paulo Mazzucato, químico da Celite. Depois de andarem por algumas jazidas, chegaram a Sapucaia, que ficava no município de Galileia, no Vale do Rio Doce, em direção à Vitória. A jazida era um belíssimo pegmatito que havia sido muito explorado para a produção de berilo, tantalita, columbita e minerais de lítio, durante a Segunda Guerra Mundial. O geólogo lembra que ali havia

várias frentes de lavra (pontos da mina onde o minério e o estéril são retirados) e belíssimas exposições de cristais de berilo e espodumênio. Era explorada pelo Benedito, um garimpeiro muito experiente e que era um grande amigo. Quando lá chegaram, mais ou menos às 14h, sem almoçar, foram recebidos por seu filho, o Cícero, um rapaz de uns 20 anos, foragido da polícia. Isso ocorreu porque Benedito estava viajando. A esposa de Cícero se ofereceu para fazer um frango para todos. Em seguida, ele voltou com um saco de milho e uma carabina. Jogou o milho no terreiro e, imediatamente, apareceram diversos frangos. Ele mirou um deles, atirou na cabeça e pegou o frango morto, entregando-o à mulher para ser preparado. Não é preciso dizer que o Mazzucato arregalou os olhos e quase não falou mais até irem embora da jazida. Tudo isso no fim da tarde, após circularem por todo o local. Assunto da volta e de muitas conversas, depois da viagem, foi o tiro na cabeça do frango.

“Começamos a ir até o Vale do Jequitinhonha, a 300 quilômetros ao norte de Valadares, para comprar minerais de lítio e acabamos estabelecendo uma base em Itinga, na Beira do Jequitinhonha, entre Itaobim, na Rio-Bahia e Araçuaí, a cidade mais antiga e importante do Vale.”

Paschoal Giardullo relata que, naquele tempo, o Vale do Jequitinhonha convivia com alguns problemas. Em toda região, a doença de Chagas era endêmica. Essa parte do vale tem uma vegetação de caatinga muito seca, e estava toda situada na área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), recebendo os mesmos benefícios concedidos àquela região. Em Araçuaí, a melhor pensão ainda usava penicos nos quartos. E a maneira mais fácil de tomar banho era no rio. Em Itinga, a situação não melhorava muito. A melhor pensão tinha banheiro externo, sobre o mangueirão dos porcos, com banho também no rio. Itaobim, na beira da Estrada Rio-Bahia, era um pouco melhor. Porém, era mais higiênico tomar banho no rio, usando o matagal como banheiro.

“Itinga, onde tínhamos a nossa sede, era dividida pelo Rio Jequitinhonha. A ligação entre as duas partes era feita por barcos. Os carros seguiam por balsas precárias. Hoje já existe uma ponte ligando as duas áreas. Tinha luz elétrica de uma pequena hidroelétrica de baixa capacidade. Lembro bem que lá pelas 18h, e até cerca de 20h, podíamos ver o filamento das lâmpadas e a voltagem não chegava a 80 volts. Não existia água encanada. Não tínhamos telefone, apenas o telégrafo dos Correios.”

A economia daquela região mineira dependia praticamente da mineração. Existiam muitos garimpos que produziam águas-marinhas e turmalinas verdes e rosas de ótima qualidade. A agricultura era quase inexistente e a criação de gado era pequena. Quando chovia, a atividade nos garimpos diminuía e a população plantava principalmente milho e mandioca. O Rio Jequitinhonha (que banha os estados de Minas Gerais e Bahia) produzia em pequena quantidade, nessa região, ouro e diamantes. Nessa época, estava sendo montada uma draga para diamante acima de Araçuaí, que opera até hoje produzindo essa mesma pedra preciosa.

Perto de Itinga, a Companhia Estanífera do Brasil tinha uma usina, onde produzia cassiterita, na beira do Rio Jequitinhonha, lavando cascalho de uma jazida distante do rio cerca de cinco quilômetros.

“Começamos a fazer pesquisa em toda a região de Governador Valadares, no Vale do Rio Doce, em busca de uma jazida para comprar, na intenção de usá-la, principalmente, para regulação dos preços de compra de feldspato dos garimpeiros. Adquirimos uma jazida em Divino das Laranjeiras, no Estado de Minas Gerais, que ficava no topo de um morro e, enquanto abríamos a estrada para caminhões, usávamos tropa de burros para transportar o minério até a estrada.”

A pesquisa por uma jazida de feldspato para ser comprada ou arrendada prosseguia. Giardullo encontrou, na localidade de Espera Feliz, uma jazida que tinha sido estudada pelos norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Uma das publicações do *United States Geological Survey* (USGS), sobre minerais do Brasil, fez referência a essa jazida, conhecida como “a jazida do Paulo Dentista”, um profissional da cidade. Ali, produzia-se mica de excelente qualidade e um feldspato semelhante ao produzido na jazida de Niterói.

Espera Feliz está próxima de Carangola, também em Minas Gerais, cujo acesso à Rio-Bahia é feito na cidade de Fervedouro, zona da mata do Estado, uma região com forte influência do Rio de Janeiro. Na época, produzia café, leite e milho. Era um enorme pegmatito encaixado em xistos, situado em uma fazenda antiga, com um belíssimo casarão-sede, de onde se via uma enorme roda d'água, que produzia energia elétrica. Também havia um compressor, deixado pelos norte-americanos. Metade da jazida pertencia ao filho do “Paulo Dentista”. A outra parte era explorada pela Cerâmica Klabin, que fabricava azulejos no Rio de Janeiro. Estava na

serra que divide os Estados de Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A Sandspar comprava o feldspato, subproduto da mica. Toda a exploração era subterrânea, com túneis feitos para retirar mica. Paschoal Giardullo recorda que, em muitos locais, só era possível atravessar agachado. “Toda vez que passava na jazida, andando pelos túneis e pelos salões abandonados e cheios de morcegos, eu via, nas paredes, grandes massas de feldspato. Resolvemos arrendar a jazida para tirar esse minério. A mica extraída seria do proprietário e, o feldspato encontrado seria nosso.”

Uma vez arrendada a jazida, os estudos para explorá-la racionalmente seriam para a produção de feldspato. A Sandspar contratou um topógrafo e fez um levantamento planialtimétrico de todos os túneis. Tudo foi organizado em uma planta para verificar se poderiam entrar com um novo túnel, abaixo de tudo que já havia sido aberto. Ligando-se aos túneis existentes, poderiam retirar tudo o que havia sido deixado pelos exploradores de mica. Porém, Giardullo e Martins imaginavam que o feldspato era o que existia em maior quantidade. Sendo assim, abriram um túnel com 150 metros de comprimento, dos quais os primeiros 50 metros eram escorados e os outros 100, até chegar ao pegmatito, foram abertos totalmente dentro de xistos, com emprego de dinamite. O túnel era perfeito, com uma inclinação de 0,5%, linha de vagonetas toda assentada sobre dormentes, iluminação elétrica, instalação de ar comprimido no topo da parede e canal para o escoamento de água. Com ele pronto abriram algumas chaminés para atingir os antigos túneis abandonados. Começaram a limpar a jazida, já produzindo algum feldspato que sobrou da retirada da mica.

“Levamos cerca de seis meses nessa operação de preparo para a lava. Com tudo limpo, começamos a produção. Selecionamos alguns antigos salões, onde se via na parede grandes massas de feldspato. Perfuramos e detonamos. Tínhamos apenas uma pequena espessura de feldspato e, logo em seguida, grandes massas de quartzo cheias de mica de excepcional qualidade. Chegamos a extrair placas de mica com quase um metro de comprimento, as quais, pelo contrato, pertenciam ao dono da jazida. Mudamos de local várias vezes, e chegamos à conclusão de que realmente aquilo era uma jazida de mica, com muito quartzo e um pouco de feldspato, completamente antieconômica. Fizemos um acordo. O proprietário comprou as nossas instalações, e ficou com a mais bem montada jazida de mica do Estado de Minas Gerais. De vez em quando, ele ainda nos vendia um pouco de feldspato.”

Minerais de lítio diante das novas tecnologias

Desde o início das operações da Sandspar, em Governador Valadares, a empresa comercializava minerais de lítio, principalmente ambligonita, fornecida para a Ferro Enamel e para a Orquima S.A., que fabricava carbonato de lítio em São Paulo, perto da Avenida Santo Amaro. Tempos depois, passou a ser da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Quando a Philips resolveu fabricar bulbos de televisão branco e preto, na sua unidade de Mauá, na Grande São Paulo, ela precisava de petalita, um mineral de lítio desconhecido no Brasil. Para importar sem impostos, a empresa precisava provar que não era possível encontrar o minério no país. Para tanto, contratou como consultor o engenheiro de minas Paulo Aníbal Marques de Almeida Rolf, ex-funcionário do DNPM. Toda a literatura sobre minerais de lítio no Brasil, nessa época, era de sua autoria. Em suas pesquisas ele encontrou a Sandspar como fornecedora de minerais de lítio. O engenheiro conhecia suas ocorrências no Nordeste, e Giardullo mostrou a ele tudo o que conhecia nos vales dos rios Doce e Jequitinhonha. Diante do desconhecimento sobre petalita, Rolf ofereceu algumas amostras da África, e, com base nelas, a Sandspar começou as pesquisas. Como havia abundância de espodumênio, a Philips mudou a fórmula e começou a usá-lo, tendo a Sandspar como fornecedora. Em cada uma das ocorrências, formava-se lotes homogêneos de 50 toneladas, os quais eram amostrados. As amostras seguiam para a Philips, que analisava e, se aprovada, comprava o material. O importante era o teor de lítio e de ferro. O material aprovado era entregue na forma bruta para a Proberil, em Rezende (RJ), responsável pela moagem e transporte para Mauá.

“Conseguimos as fotos aéreas do Vale do Jequitinhonha, e entregamos para o engenheiro Rolf, especialista em aerofotogrametria. Ele estudaria outras possibilidades de jazidas. Antes, porém, mandamos restituir, em Belo Horizonte, a parte da região que estávamos trabalhando. Como as fotografias não eram orientadas, depois do mapa da restituição pronto, precisávamos orientá-lo no campo, determinando o norte verdadeiro, além de fazer alguns levantamentos para determinar a escala. Tudo em uma época em que não havia GPS. Desse modo, utilizávamos teodolito, miras, etc. E em uma região de garimpo, esse procedimento não é muito aconselhável. Isso era feito em noite de lua cheia, levantando alguns trechos da estrada e algumas cercas.”

Com isso, a Sandspar requereu as áreas mais interessantes. Todavia, os sócios não sabiam que o engenheiro Paulo Rolf estava usando as fotos da Sandspar para fazer a mesma coisa para a Companhia Estanífera do Brasil, da qual ele era consultor. Como resultado, a melhor jazida de espodumênio, requerida pelos dois, deixou a melhor parte para os donos da Sandspar, e o restante para a Companhia, gerando grandes brigas, que se prolongaram por muitos anos.

Os negócios com a Philips iam bem. Giardullo e Martins fizeram inúmeras viagens com diretores, compradores e químicos a essas áreas. Realizaram, ainda, muitos estudos para a empresa financiar a expansão, beneficiamento e exportação para a Holanda. Projetos que nunca saíram do papel. A dupla começou a se deparar com alguns lotes rejeitados, por não alcançarem o valor mínimo de lítio, e esse material era um pouco diferente.

Nessa época, a Vidros Corning Brasil, filial da norte-americana Corning Glass Works, resolveu fabricar bulbos de televisão branco e preto, em Suzano (SP). Nesse processo, usava lepidolita, que até então a Sandspar produzia e vendia para a Ferro Enamel. O geólogo dessa empresa, Jorge Alberto Trigues, entrou em contato com Giardullo, que enviou amostras logo aprovadas. “Informei a ele que tinha uma quantidade razoável de um espodumênio de baixo teor. E indaguei se não havia interesse em adquiri-lo. Ele solicitou amostras, eu amostréi todos os lotes e ele as encaminhou para o laboratório, nos Estados Unidos. Uma semana depois, a resposta era: todas são petalitas de ótima qualidade. Comuniquei a Philips e, diante da reação, percebi que na empresa já sabiam disso há muito tempo, mas nunca nos comunicaram”.

A Corning Glass Works se interessou em importar a petalita, decidindo mandar o chefe do laboratório para conhecer as ocorrências. Na visão de Giardullo, deveriam ter escalado um geólogo para tal missão. “Começamos a planejar a viagem com Trigues. Ele não iria por terra. Portanto, alugamos um avião para ir de Belo Horizonte a Araçuaí, e de lá, com o nosso jipe, o levaríamos para visitar todas as jazidas.”

Combinaram a data. O programa acertado era: saírem ao entardecer de São Paulo para Belo Horizonte, em avião de carreira. Pernoitar em Belo Horizonte e, na manhã seguinte, seguir em avião alugado para Araçuaí. Dali, com o jipe, visitariam as jazidas. À tarde, retornariam para a capital mineira, pernoitariam lá e, no dia seguinte, voltariam para São Paulo. O geólogo não retornaria com o grupo. Permaneceria no vale.

Na data acertada, encontraram-se, à tarde, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e voaram para Belo Horizonte. Lá, hospedaram-se no Normandy Hotel, situado no Centro. A melhor opção, sendo também o mais novo. À noite, o norte-americano resolveu jantar no restaurante do hotel. Pediu um lombo à Califórnia. Paschoal Giardullo ponderou, alertando que seria mais prudente escolher algo mais simples, como um filé com fritas, porque ele não estava habituado com os temperos e com a culinária local. Além disso, no dia seguinte, o grupo viajaria muito cedo. Mas o ilustre convidado não aceitou. “No dia seguinte, às 5h, o Trigues me ligando, dizendo que o norte-americano tinha passado boa parte da noite no trono. Com isso, iríamos atrasar um pouco a viagem.”

O geólogo se levantou e ficou aguardando. Por volta das 7h, eles apareceram para tomar café. Mas o norte-americano bebia apenas água. Apesar do incidente, ele não quis atrasar a viagem. Seguiram para o aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte, embarcando em um monomotor de quatro lugares. Na frente, Giardullo e o piloto. Atrás, Trigues e o norte-americano. O avião se posicionou na cabeceira da pista e o piloto não conseguia falar com a torre, porque o rádio estava com defeito. Retornaram para a frente da locadora, desembarcaram, e o agente pediu que esperassem um pouco. Naquela época, os passageiros podiam entrar na pista. Chegou o mecânico, um sujeito de macacão branco, sujo de graxa, com uma chave de fenda em um dos bolsos traseiros, e no outro, um pouco de estopa, ligeiramente suja. Contaram o problema e ele tentou falar com a torre, mas não conseguiu. Abriu a tampa do motor, verificou as conexões, tirou a chave de fenda do bolso, deu umas batidinhas no rádio e chegou a conclusão brilhante de que ele não estava funcionando.

Paschoal Giardullo conta que o grupo teria de trocar de avião. Afastaram-se, mas o geólogo continuou lá, até o agente voltar e dizer ao piloto: “Já combinei com a torre. Você faz de conta que está falando com a torre, e pode decolar, porque está tudo limpo. Na volta, você faz o procedimento de permanecer sem rádio”. Então, eles perceberam a presença de Giardullo, que, calmamente, disse: “Não ouvi nada, principalmente porque eu vou ficar lá”. Embarcaram, decolaram e voaram tranquilamente até Araçuaí.

Lá chegando, o piloto perguntou ao geólogo se era necessário chamar um táxi, que respondeu: “Não. Meu jipe está preparado e deve estar lá”. E como piloto poderia chamar um táxi? Fácil. Ele sobrevoava a igreja e acelerava o motor.

“Descemos em um campo de terra cheio de capim e taxiamos até uma casinha abandonada, sede do aeroporto. Não havia ninguém nos esperando, já que estávamos com mais de três horas de atraso. Ficamos aguardando, enquanto o norte-americano se mostrava impaciente. O piloto se divertia. Enquanto isso, o Trigues já estava nervoso e eu pedia calma. De repente, chega uma Rural Willys com quatro estudantes: um rapaz na direção e três garotas de uns 15 anos, que ouviram o avião e vieram ver quem era. Quando viram o norte-americano, alto, com vestimenta cáqui, típica de um safári, e que só faltava ter escrito na testa que não era um brasileiro, rodearam o indivíduo e começaram a perguntar quem ele era, o que tinha vindo fazer em Araçuaí, até quando ele ficaria lá. Imagino que ele devia estar se sentindo como um ser capturado por índios antropófagos, prestes a ser colocado na panela. Perguntei ao rapaz se ele tinha visto meu jipe. Ele respondeu que o motorista estava almoçando, e se ofereceu para nos levar até lá. Aceitamos. Eu e o motorista na frente. Trigues, o norte-americano e o piloto no banco de trás, com as meninas acomodadas um pouco atrás. Chegamos ao restaurante e resolvemos almoçar, antes de ir para o campo. Claro, o norte-americano não comeu nada. E meio ressabiado, tomou apenas um refrigerante de cola.”

Já no jipe, visitaram, em primeiro lugar, os três garimpos que ficavam no vale do Rio Piauí. O quarto ficava do outro lado do Rio Jequitinhonha. Passaram no depósito da Sandspar para que o norte-americano visse os materiais produzidos nos garimpos, todos prontos para serem despachados para São Paulo. No lote, havia petalita - que era o grande interesse dele, ambligonita, espodumênio e lepidolita, além de feldspato e albita. O estrangeiro olhava, anotava e falava em inglês com o Trigues. Paschoal Giardullo conseguia entender parte da conversa. Depois, atravessaram Itinga, que era extremamente pobre na parte situada antes do Jequitinhonha. Chegando à margem do rio, que naquele momento estava baixo, a extensão era de aproximadamente 200 metros de largura. O norte-americano viu a balsa que iria transportar o jipe e seus ocupantes até o outro lado. Eram duas canoas paralelas, ligadas por duas pranchas, um pouco mais largas que o veículo. Nesse momento, o pobre homem surtou, dizendo que não atravessaria o rio de jeito algum naquilo, e queria voltar imediatamente.

E o grupo voltou ao aeroporto sem ao menos entrar em Araçuaí. Giardullo se despediu, agradeceu a vinda dele e voltou a Itinga. Na

volta a São Paulo, Trigueiros contou ao geólogo os acontecimentos da visita do norte-americano: “O rapaz não quis dormir em Belo Horizonte. Eles seguiram para o Rio, e de lá para São Paulo. Trigueiros também me apresentou o relatório que o norte-americano fez. Começava assim: ‘Itinga, o fim do mundo’. Porém, com um detalhe: ele classificou as ocorrências como interessantes. Com isso, recebemos um pedido para exportar 120 toneladas de petalita para a Corning Glass Works.”

As possíveis exportações

Os minerais de lítio eram controlados pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, que era quem autorizava a exportação. Depois dessa liberação, o Departamento Nacional da Produção Mineral precisava aprovar e fiscalizar o processo. O material deveria ser embalado em sacos de rafia, devidamente identificados, costurados e lacrados, um a um, por um fiscal do DNPM. Até junho de 1967, ano da nossa exportação, era permitido exportar até mil toneladas anuais de minerais de lítio, divididos em duas parcelas semestrais de 500 toneladas.

A Sandspar fez uma petição à Comissão e provou a eles ser possível produzir minerais de lítio em escala bem maior. Assim como era possível exportá-las. Paschoal Giardullo lembra que a Corning falava em oito mil toneladas. Conseguiram, com isso, um aumento das cotas para 30 mil toneladas anuais. A empresa do geólogo dispunha de autorização da comissão para exportar, até 31 de dezembro de 1967, 5.500 toneladas de minerais de lítio.

Logo que recebeu o pedido de 120 toneladas, a Sandspar deu início a uma pesquisa sistemática na região, para conhecimento detalhado de cada uma das jazidas, visando ao planejamento da extração e a garantia da qualidade e constância do material extraído.

Para a exportação inicial, enviou material de duas jazidas: do Marial, situada no vale do Rio Piauí (SE); e do Zezinho, no vale do Rio Jenipapo (PI). O que produzido na jazida do Marial foi transportado por caminhão para o depósito em Itinga. O material do Zezinho foi transportado até a beira do Rio Jequitinhonha de caminhão, descarregado na beira do rio, embarcado em canoas, levado para outra margem, e daí novamente de caminhão, até o depósito da Sandspar. Enquanto preparavam o material, também tratavam de obter a licença do DNPM, e documentação de exportação junto à agência do Banco do Brasil, em São Caetano do Sul (SP).

Foram feitos quatro lotes - de 30 toneladas cada - dos minérios das duas jazidas. Amostraram cada um deles, e as amostras foram de avião para os Estados Unidos. Liberaram só três lotes, porque um estava com o teor de lítio ligeiramente abaixo da especificação. Combinaram com o DNPM, que mandou um fiscal até a área, para acompanhar o ensacamento do material, o fechamento dos sacos e a sua lacração. Tudo isso feito no meio da rua, em uma operação que levou dois dias. Cada saco foi pesado, costurado e lacrado pelo fiscal e, depois, armazenado em duas casas, aguardando o embarque.

Com a data marcada, que seria no porto de Vitória, um dia antes da chegada do navio, transportaram de caminhão para Governador Valadares, onde seria embarcado de trem para o porto. Foi uma operação perfeita. Carregaram seis caminhões com 15 toneladas cada um, bem cedinho. Saíram de Itinga, andaram 300 quilômetros, chegando a Governador Valadares depois do almoço. Transferiram a carga para três vagões da Estrada de Ferro Vitória a Minas, da Vale do Rio Doce. À noite, seguiram para Vitória e amanheceram no porto, ao lado do local onde o navio deveria ancorar ao meio-dia e, finalmente, seguir viagem à meia-noite. Paschoal Giardullo correu para o Banco do Brasil, em Vitória, para retirar a documentação para o embarque, que havia sido feita em São Caetano do Sul (SP). Mas ela não chegou! Teoricamente, só chegaria no malote do dia seguinte.

“Resultado: o navio partiu e a minha carga não embarcou por falta de documentação de embarque. Depois de várias pesquisas, descobri que, no dia seguinte, aportaria um navio da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, que iria para Baltimore, em Maryland (EUA), e tinha espaço para a minha carga. Entrei em negociações, por telex, com a Corning, e eles permitiram o embarque em um navio brasileiro, que chegaria aos Estados Unidos apenas 10 dias depois do norte-americano. Consegui movimentar os vagões ao local onde deveria aportar o navio da Lloyd, no dia seguinte. Ele chegou à tarde e consegui embarcar o material no dia seguinte cedo.” O minério chegou ao destino. Fizeram todos os ensaios, os quais foram satisfatórios. Mas o antigo fornecedor deles ofereceu outras vantagens e fechou um contrato de cinco anos.

“Com a mudança da televisão preto e branco para imagens coloridas, o mercado também gerou mudanças. Os novos bulbos para TV em cores não usavam lítio, criando uma retração na de-

manda do minério. Hoje, o grande interesse do lítio está voltado às baterias e graxas. A indústria de vidro e esmaltes têm um consumo muito reduzido.”

Atualmente, no Brasil, a Companhia Brasileira de Lítio (CBL) extrai espodumênio na jazida do Marial, no vale do Rio Piauí, aquela que, durante anos foi motivo de brigas com a Companhia Estanífera do Brasil. O minério é levado para a usina de transformação, no município de Divisa Alegre (MG), onde produz carbonato e hidróxido de lítio. No mundo, as maiores produções de lítio provêm de salinas e da água do mar.

Secagem de quartzitos sem energia elétrica

Após sua saída da Copami, Paschoal Giardullo se deparou com um aumento na produção de quartzito de Nazaré Paulista, e a Ferro Enamel precisava do material entregue totalmente seco. Como a empresa precisava apenas de 25 toneladas por mês, e na jazida não existia energia elétrica, a Sandspar comprou uma chapa de aço que foi colocada sobre uma fornalha alimentada com lenha. Com isso, e praticamente sem investimento, seus sócios resolveram o problema.

Mas como eles dobraram o pedido, o geólogo começou a estudar secadores para areia, e resolveu construir um piso quente, muito usado para secar caulim, sistema que não precisava de energia elétrica. Conseguiu com a Lavras Santo Amaro a planta de um secador que a empresa usava em Suzano para secar argila. Basicamente, é uma fornalha da qual saem uma série de canais que se unem em uma chaminé. Sobre esses canais, há um piso de material refratário que se aquece por meio da passagem do calor pelos canais. Tem uma eficiência baixíssima, e quanto mais o material que está sendo seco e revolvido, maior é a eficácia. Funcionou satisfatoriamente durante mais de um ano e, como a demanda de quartzito seco crescia, os sócios foram obrigados a construir outro. Desta vez, adotaram um projeto que era usado para secar talco no Paraná. Ele era inclinado com comportas. Quando estas eram abertas, o material era revolvido automaticamente, e o funcionamento era melhor.

“Nessa época, arrendei da Copami a jazida de quartzito friável de Biritiba Ussu, distrito de Mogi das Cruzes (SP). Inicialmente, a extração era manual, mas com o aumento da produção e o aparecimento de água na cava, montei uma extração por dragagem,

que jogava o material já dentro de silos. A secagem usava um secador rotativo, com aquecimento externo por lenha. O resultado era muito melhor e o custo menor. Então, resolvemos investir na secagem de Nazaré Paulista. Consultei um fabricante de equipamentos, que sugeriu um secador simples, muito usado nos Estados Unidos para secar areia usada pelas estradas de ferro. Compramos um gerador e o secador, e como o nosso quartzito era muito fino, tinha uma baixa eficiência. Verifiquei que a concorrência usava um equipamento muito mais eficaz: um secador de leito fluidizado (*fluid bed*). Construímos um para Nazaré Paulista, que se mostrou muito eficiente e, em seguida, outro para Mogi das Cruzes. Como o quartzito era mais grosseiro, funcionava melhor ainda. Hoje toda a indústria vidreira e de esmaltes só usa material seco.”

Toda essa experiência com os quartzitos, entre extração, beneficiamento e secagem, foi muito útil quando Paschoal Giardullo passou a trabalhar com consultoria e assessoria. Ele montou dois beneficiamentos para a Nadir Figueiredo, em Minas Gerais e em São Paulo, e outro para a Ferro Enamel, em Salvador.

E a Sandspar crescia. Em Minas Gerais, tinha extração e compra de feldspato, na região do Vale do Rio Doce, e extração e compra de minerais de lítio e feldspato no Vale do Jequitinhonha. Em São Paulo, possuía extração e beneficiamento de quartzitos em Nazaré Paulista e Mogi das Cruzes, argila em Santana do Parnaíba, e estava começando a pesquisar filito na região de Itapeva.

Quando ocorreram dois fatos importantes: a jazida de Nazaré Paulista foi desapropriada pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), porque seria inundada por uma barragem do sistema Cantareira; e a Ferro Enamel propôs comprar 51% da Sandspar, já que ela minerava no México e na Argentina, e queria fazer o mesmo no Brasil.

“Conversamos, mas meu sócio não concordou com o negócio. Isso porque ficaríamos nas mãos de um monstro, o qual, em curto espaço de tempo, dominaria o restante da empresa. E nós não teríamos capital e nem tão pouco seríamos maioria para fazer frente a nova sócia.”

A desapropriação de Nazaré Paulista continuava andando. Era a única jazida em todo o sistema Cantareira que tinha decreto de lavra, com levantamentos, cálculos e negociações para os sócios venderem por meio de um acordo, o que era mais rápido.

Paschoal Giardullo começou a perceber que, apesar de tudo o

que tinham e das possibilidades de crescimento, ele não se sentia feliz. Isso porque o geólogo não encontrava tempo disponível para fazer muitas das coisas que gostava. Entre elas, frequentar congressos ou pesquisar trabalhos para apresentar nesses eventos. Ele se via sempre obrigado a sair correndo, para acompanhar qualquer problema nas jazidas. A Sandspar atingiu um total de 250 empregados, espalhados pelo Brasil.

“Resolvi vender a minha parte e me dedicar à assessoria e consultoria. Calmamente, levantei o valor da Sandspar, e ofereci a minha parte ao Martins em condições que eu tinha certeza que ele conseguiria pagar. Em uma semana de negociações, tudo se concluiu. Além de receber o valor da minha parte parceladamente em três anos, eu daria assessoria a ele, ganhando comissão sobre as novas vendas que eu intermediasse, bem como a metade do que a Sabesp pagasse pela desapropriação de Nazaré Paulista, quando isso acontecesse. Enfim, um negócio bom para ambos.”

Mais um mês para formalizar o negócio e, de repente, Paschoal Giardullo poderia ficar durante três anos sem trabalhar. Mas será que ele conseguiria?

CAPÍTULO 10

Geocêramica e Braminer

Com a venda da Sandspar para o Martins, Paschoal Giardullo pôde se dedicar à assessoria e consultoria, pois, além das prestações da venda, ainda prestava consultoria para a Sandspar, tendo comissão sobre qualquer negociação feita por seu intermédio. Esse processo dava-lhe tempo e tranquilidade para entrar neste mercado. Começou visitando amigos e conhecidos. Um dos primeiros contatos ele fez com o engenheiro de minas Roberto Leitão Knecht, filho do também engenheiro na mesma área, Theodoro Knecht. De origem alemã, funcionário do Instituto Geográfico, geólogo e profundo conhecedor de minerais industriais, Knecht (o pai) foi consultor da Copami e descobridor dos quartzitos da região de Mogi das Cruzes (SP).

“Eu já conhecia Theodoro Knecht, em razão do seu trabalho em consultoria para alguns mineradores de São Caetano do Sul (SP). Meu pai cuidava da contabilidade e de processos junto ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), que naquela época fazia parte do Ministério da Agricultura. Durante o curso de Geologia, tive a oportunidade de visitar algumas jazidas, acompanhando os serviços de pesquisa feitos por ele”.

Roberto Knecht formou-se em Engenharia de Minas na Alemanha. Tinha prestado alguns serviços para Giardullo na Sandspar. Possuía um escritório em São Paulo, no Largo do Paissandu, e prestava consultoria para mineradores de Jundiaí, Mogi Guaçu e Campinas (interior de São Paulo) e para a Cerâmica Togni, em Poços de Caldas (MG). Era apreciador de música e arte.

Certa vez, Knecht convidou Giardullo para uma visita à Cerâmica Togni. Dois dias depois seguiram viagem. Pararam em Jundiaí para conhecer três fabricantes de pisos cerâmicos vermelhos, iguais aos fabricados pela Cerâmica São Caetano, para a qual ele dava consultoria. O fato de o geólogo ter trabalhado na São Caetano, já era uma grande apresentação. Saíram à tarde, e ainda passaram por Campinas (SP) para visitar outro cliente de Knecht, uma fábrica de tijolos furados e telhas. Chegaram à noite, e seguiram diretamente para um bar frequentado por seus amigos. Jantaram e permaneceram no local até um pouco mais de meia-noite.

“Eu estava começando a conhecer o Roberto Knecht. No dia seguinte cedo, seguimos para a Cerâmica Togni e fomos recebidos

pelos dois irmãos, donos da empresa: o Aníbal Camillo Togni, que cuidava da parte comercial; e o Eliseu Ângelo Togni, responsável pela área técnica. Depois de muita conversa, Ângelo Togni me convidou para conhecer a fábrica. A empresa só produzia refratários sílico-aluminosos. Ele comentou que, em duas semanas, iria a Brumado (BA) para visitar uma jazida de magnesita, a qual estava em negociação, já que havia a intenção de entrar na linha de refratários básicos. Foi um passeio extremamente interessante. No fim da tarde, quando fomos embora, Knecht confessou ser assessor deles há mais de três anos, mas que nunca havia sido convidado a visitar a cerâmica.”

Voltaram para São Paulo, por Mogi Guaçu (SP), pois Knecht era consultor das cerâmicas Chiarelli, Mogi Guaçu e Martini. Ficaram de conversar, para ver o que poderiam fazer em conjunto. O engenheiro acreditava que Giardullo conhecia muito sobre cerâmica e mineração, muito mais do que ele. Na semana seguinte, Knecht telefonou para Paschoal Giardullo, de Poços de Caldas, avisando que Ângelo Togni estava pronto para ir a Brumado, mas fazia questão que o geólogo o acompanhasse.

“Eu não podia viajar naquela data. Sendo assim, eles transferiram a viagem para o dia seguinte, na intenção de me levar junto. A cerâmica tinha um bimotor que era pilotado pelo Camillo Togni, e tinham um piloto muito experiente para as viagens de serviço. Combinamos que eles me encontrariam no dia seguinte, às 7h, no Campo de Marte, em São Paulo, e voamos diretamente para Brumado.”

Durante a viagem, Giardullo leu o relatório com a pesquisa da jazida programada para visitar. Analisou os mapas e outros documentos. A jazida estava em exploração para a produção de talco, que, segundo as pesquisas, estava encaixado em magnesita. A exploração era totalmente manual. Desceram em Brumado, almoçaram e partiram diretamente para a jazida. Lá chegando, Roberto Knecht estava preocupado em filmar Ângelo Togni coletando amostras e andando pela jazida. Enquanto isso, o geólogo conversava com o encarregado, para descobrir a produção mensal, quantos empregados ali trabalhavam, quanto ganhavam, para quem vendiam o talco e quanto recebiam pelo material. Precisava saber também qual era a relação entre a produção e a terra, além dos materiais que eram extraídos, para permitir a produção do talco. Também observou, detalhadamente, a frente de lavra, e o que precisava ser feito para produzir magnesita.

Voltaram ao hotel e jantaram. Knecht e Ângelo Togni estavam muito entusiasmados com a jazida e já falavam em comprá-la. Giardullo permanecia quieto, observando. Por volta das 22h, Ângelo Togni pergunta a Giardullo: “O que você achou da jazida?”. Ele respondeu imediatamente: “Eles querem vender, porque estão tendo prejuízo.”

Com os dados coletados com o encarregado, o geólogo comprovou que a jazida gerava prejuízos. Mostrou também, fazendo alguns desenhos de situação da frente de lavra, que a exploração da magnesita era praticamente inviável a céu aberto, devido à posição do veio, pois o volume da descoberta aumenta muito a medida em que fosse avançando. Os custos para transformar em exploração subterrânea seriam muito altos.

“Ficamos conversando até o começo da madrugada. No dia seguinte, voltamos para Poços de Caldas, e, antes da minha volta a São Paulo, Ângelo Togni quis me mostrar a extração e homogeneização que faziam, envolvendo as argilas do planalto local. Ele encomendou comigo um plano para uma pesquisa de magnesita para a sua fábrica.”

Na volta para São Paulo, Paschoal Giardullo e Roberto Knecht conversaram sobre o futuro. O engenheiro destacou que, em sua opinião, era possível trabalharem algo em conjunto. Marcaram novo encontro, para o geólogo conhecer a estrutura de seu escritório, na expectativa de que o conhecimento de Giardullo sobre cerâmica e vidros, e da parte legal, e sua vivência em pesquisas, poderiam ser muito úteis para gerar boas negociações.

Novas experiências com a Ferro Enamel

Em março de 1972, a Ferro Enamel do Brasil procurou Paschoal Giardullo. A empresa estava montando uma fábrica de fritas, próxima a Salvador (BA) e solicitaram ao geólogo uma viagem à região para uma análise das ocorrências de caulim e areia. Eles pretendiam utilizar o material na nova unidade, que já estava em construção. Planejavam usar areias de dunas existentes na região do Aeroporto Internacional de Salvador. Giardullo visitou e amostrou as ocorrências, em companhia do geólogo Irtão Villas Leão, dono da Tecminas, que seria a empresa fornecedora das matérias-primas. Outras ocorrências de caulim e arenitos, existentes na região de Camaçari (BA), foram amostradas para avaliar a qualidade, para uso na fabricação de fritas. Baseado nas análises químicas, na localização e na homogeneidade dos depósitos, optou-se por se usar os arenitos de Camaçari, que deveriam ser lavados.

“Fui contratado para fazer experiências, definir o processo e projetar a instalação de beneficiamento. Inicialmente, consegui com a Sandspar a realização de experiências de lavagem na instalação de beneficiamento de quartzito de Nazaré Paulista (SP). A Tecminas enviou dez toneladas de arenito, que foram lavadas nas instalações da Sandspar, e enviadas à Ferro Enamel, para análises e testes de fabricação das fritas. Foi aprovado. Com isso, fiz o projeto e mandei para a Ferro Enamel fornecer à Tecminas.”

Posteriormente, Paschoal Giardullo foi contratado pela Ferro Enamel para supervisionar a montagem e colocar a instalação em funcionamento, além de treinar os funcionários da Tecminas. Enquanto trabalhava nisso, e dava consultoria à Sandspar, continuavam os encontros, conversas e planos com o Knecht, que obtinha bons lucros, sendo engenheiro responsável por empresas de mineração e fazendo pedidos de pesquisa. Sua maior cliente era a Cerâmica Togni, mas, no total, ele prestava serviço a mais de 20 mineradores. Giardullo lembra que a grande deficiência era a pesquisa, principalmente no trabalho de campo. Combinaram, então, que fariam alguns trabalhos em parceria: o geólogo faria a parte de campo, e o engenheiro se encarregaria do escritório e atendimento ao DNPM. Naquele tempo, o meio ambiente não era a grande preocupação.

Geocerâmica entra em campo

Finalmente, resolveram criar uma sociedade especializada em consultoria e assessoria na exploração de minerais industriais, especialmente para aqueles aplicáveis na indústria de cerâmica e vidro. Em 6 de fevereiro de 1973, fundaram a Geocerâmica Engenharia Assessoria Comércio e Representações Ltda., com sede na Alameda Santos, nº1343, em São Paulo.

No início, trabalhavam com uma equipe reduzida: uma secretária, um desenhista e um topógrafo. Com o incremento de novos trabalhos, contrataram Verônica Siqueira Pequeno, geóloga recém-formada, que se encarregou de coordenar os relatórios e processos em andamento no DNPM. Depois de alguns meses, contrataram mais um geólogo, Fúcio Murakami, para auxiliar nos serviços de campo, outro topógrafo, e compraram um trado mecanizado. Começaram a receber várias consultas, fechando um grande projeto no Recôncavo Baiano.

A Cerâmica Gail tinha uma proposta para se instalar em Alagoinhas (BA) e a prefeitura daria uma área de um quilômetro qua-

drado, com um poço de gás da Petrobras, que estava fechado. Este poderia ser utilizado, na beira da estrada de rodagem, mas, para tanto, era necessário conhecer a existência de matéria-prima. Contrataram a Geocerâmica para fazer isso.

Alagoinhas já havia sido uma cidade muito importante, com um centro de curtumes, que empregava muitas pessoas. Com a chegada da Petrobras pesquisando petróleo, uma boa parte da mão de obra foi direcionada para a pesquisa, sendo um trabalho com melhores salários. Sendo assim, vários curtumes fecharam. Com o término das pesquisas e a descoberta de petróleo e gás, começou a sobrar mão de obra. Ali também estavam as oficinas da estrada de ferro que ligava inicialmente Salvador a Alagoinhas, a qual tinha sido estatizada, passando para a Rede Ferroviária Federal, que praticamente desativou as oficinas, sobrando ainda mais mão de obra. Nessa época, foi eleito como prefeito de Alagoinhas, Judélio Carmo, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e o Estado era governado por Antônio Carlos Magalhães (Toninho Malvadeza), da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Antes de tomar posse, ele sofreu um atentado, que culminou com o falecimento de um de seus primos. Assim que tomou posse, o prefeito começou a levar indústrias do Sul para a região. Um dos contatos ocorreu com a Cerâmica Gail, fabricante de pisos e revestimentos.

“Portanto, a nossa empreitada era de grande interesse para a prefeitura, que nos deu todo apoio. Nos fins de semana, o prefeito nos acompanhava pessoalmente, apresentando-nos aos fazendeiros. Isso facilitava demais o nosso trabalho. Em toda a região do Recôncavo, os prefeitos eram da Arena e toda a região tinha Discagem Direta à Distância (DDD), menos Alagoinhas. Para nos comunicarmos com São Paulo, viajávamos até Catu (BA), ou esperávamos oito horas, no mínimo, por uma ligação péssima.”

A pesquisa para o projeto da Gail abrangia todo o Recôncavo, chegando ao vale do Rio Inhambupe, em Entre Rios, e o vale do Rio Itapicuru, em Esplanada, terminando em Rio Real, já na divisa como Estado de Sergipe. Os geólogos usavam como base para os trabalhos de campo, mapas da geologia de superfície da Petrobras, o que de certa forma facilitava o trabalho. As amostras coletadas eram enviadas para a Cerâmica Gail. Passavam por secagem e moagem, seguindo de prensagem para um corpo de prova retangular, que era queimado com os ladrilhos no seu forno túnel. Se o resultado da queima fosse claro, e tivesse um começo de sinteri-

zação, os ensaios prosseguiram com análises químicas. No campo, detalhavam a ocorrência. “Do nosso trabalho, resultaram mais de dez áreas que foram requeridas para pesquisa junto ao DNPM, e que mostravam a existência abundante de matéria-prima natural para montar uma moderna fábrica de revestimentos.»

Infelizmente as negociações entre a prefeitura de Alagoinhas, a Gail e os órgãos de financiamento não chegaram a bom termo, e as áreas foram abandonadas. Posteriormente, a Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM) requereu as áreas e no início do ano 2000, acabou atraindo grupos ceramistas e fabricantes de revestimentos de São Paulo. Negociaram essas áreas, sendo que algumas se encontram em operação atualmente.

Theodoro Knecht, pai do sócio de Giardullo, sempre insistia que eles deveriam também se dedicar à produção de amostras de minerais e rochas para colecionadores, coisa rara no Brasil, porém, muito difundida na Europa e Estados Unidos, onde existem várias empresas na área.

Braminer e as coleções de pedras

Paschoal Giardullo tinha dois grandes amigos: Edilson Elias Maluf, que conheceu quando este vendia cotas de reflorestamento, e Fuad Sayar, que havia sido seu colega de grupo escolar. Sayar era professor e, na época, trabalhava como diretor de ginásio. “Ambos tinham interesse em investir em outro negócio.”

Depois de muitas conversas, reuniões e troca de ideias, finalmente, em 17 de julho de 1973, fundaram a Braminer Mineração Indústria e Comércio Ltda., com sede em São Paulo, na Alameda Santos, nº 1343, no mesmo andar da Geocerâmica. Seu objetivo social era mineração, beneficiamento, comércio, importação e exportação de minérios em geral. O nome surgiu da sugestão de Theodoro Knecht, pensando em exportação, e representava, em inglês, a redução de ‘brazilian minerals’ ou, em alemão, ‘brazilianish mineralien’.

“Estávamos registrando a firma e Maluf já estava visitando as lojas de pedras de São Paulo, onde ele tinha vários amigos, para saber o que o mercado estava querendo. Sayar começou a analisar a possibilidade de se vender coleções para escolas, por intermédio da Secretaria de Educação do Estado. Ele conseguiu uma reunião no órgão, para apresentar a ideia, e se surpreendeu. Estava aberta uma concorrência pública para o fornecimento de coleções de ro-

chas e minerais para suprir os laboratórios das escolas de segundo grau. Pegamos o edital e tínhamos uma semana para apresentar uma proposta. Mas, nossa empresa não tinha nem impressos.”

Eram 15 amostras de rochas e 15 de minerais que deveriam ter, cada uma, 6 x 4 cm, com uma espessura de 2 cm. Precisariam ser acondicionadas em duas caixas de madeira de lei, com tampa de acrílico, com os nomes impressos na caixa e as amostras numeradas. As duas caixas, por sua vez, deveriam estar acomodadas em uma caixa de papelão para transporte.

Paschoal Giardullo ressalta que, no Brasil, não temos pedra pomes e vidro vulcânico, materiais que deveriam constar nas caixas. A primeira opção foi fácil, pois como é usada para lixar os pés, foi uma questão de especificar o tamanho para os importadores da área de cosméticos fornecerem o material. O vidro vulcânico foi solicitado a um fornecedor alemão de pedras para coleção. Após a cotação, a Braminer ganhou a concorrência e o material foi encaminhado por transporte aéreo. Todas as demais rochas e os minerais existiam no Brasil, sendo a maioria presente no Estado de São Paulo.

“Chegou o dia da abertura da concorrência, e lá estávamos nós concorrendo com fornecedores tradicionais. O processo envolvia equipamentos para laboratório de Física, Química, Biologia, Botânica, coleção de esqueletos e coleção de rochas e minerais. Ninguém, além de nós, apresentou cotação para rochas e minerais. Somente um deles apresentou para coleção de esqueletos. Tínhamos, para os itens de laboratórios, vários participantes.”

A primeira parte da concorrência considerou a abertura dos envelopes da documentação. O material da Braminer estava perfeito. Começaram a abrir os envelopes para os equipamentos de laboratórios, em seguida para a coleção de esqueletos e, por último, o envelope da Braminer, o qual espantou a todos em virtude do valor proposto. Enquanto os outros fabricantes consideravam centenas de milhares de cruzeiros, a Braminer apresentou uma proposta um pouco acima de uma dezena de milhares de cruzeiros. “Ganhamos, mas para homologar o processo, exigiram que, em 30 dias, apresentássemos uma amostra com os procedimentos adotados para fazer as nossas coleções.”

Começou a corrida. A Braminer conseguiu uma marcenaria. Em 20 dias, todas as caixas em imbuia estavam prontas. A concorrência era para 120 conjuntos, ou seja, 240 estojos. Conseguiram,

com uma cartonagem, ter as caixas de papelão. As tampas de acrílico, apesar do alto preço, não foram o maior problema. Prepararam a arte final e fizeram as telas para imprimir, com *silk-screen*, o nome dos minerais e rochas. Enquanto isso, Giardullo e Knecht coletavam as amostras, que em grande parte foram concluídas no próprio escritório. Entregaram dentro do prazo, sob elogios e receberam o empenho - um documento oficial do Estado, afirmando que a verba correspondente ao pedido estaria reservada. Não serve para nada, porque nenhum banco negocia. “Talvez por não acreditarem no emitente”.

A concorrência aconteceu em outubro, para entrega em janeiro, com pagamento à vista. Para o recebimento, era necessário ter conta no Banco do Estado de São Paulo. A diretoria da Braminer providenciou uma conta, na agência do Largo do Arouche, a mesma onde a Secretaria da Educação mantinha sua conta. Pagamento à vista significava: você entregava a mercadoria, eles nomeavam uma comissão de verificação, em um prazo de 30 dias. Caso estivesse dentro do contratado, eles solicitavam o pagamento do empenho ao banco. Quando eles avisavam que haviam despachado a ordem para o banco, Giardullo e Knecht corriam para o local, e o gerente mostrava a pilha de processos com ordem de pagamento. Era preciso esperar a Secretaria da Fazenda transferir a verba. Como os valores da Braminer não eram altos, isso acontecia em aproximadamente 15 dias.

Recebido o dinheiro, começaram a investi-lo em novos projetos. Nas visitas que Maluf realizava nas lojas que vendiam pedras, em São Paulo, ele percebeu que pequenas coleções de pedras brasileiras tinham um mercado interessante. Começaram a fazer conjuntos em caixas de madeira e tampas de acrílico.

“Só usamos minerais bonitos. Concorríamos com coleções feitas com amostras feias. Nem sempre as amostras condiziam com as identificações. Incentivados pelo Theodoro Knecht, lançamos uma coleção de rochas e outra de minerais, em cartelas plastificadas. As embalagens apresentavam toda a parte técnica: nos minerais, a composição e a fórmula química, a classificação e o local da coleta. Nas rochas, a sua classificação, composição e local da coleta. Foi um fracasso total.”

Enquanto isso, o trabalho na Geocerâmica aumentava. Com diversas pesquisas aparecendo: uma de calcário, em Capão Bonito (SP); de quartzo, para fabricação de ferrosilício, na região de Santos Dumont (MG), para a Companhia Brasileira de Carburito

de Cálcio; e o trabalho para a Gail, na Bahia. Além disso, havia os trabalhos de rotina para os ceramistas de Jundiá, Campinas e Mogi Guaçu, no Estado de São Paulo; e Poços de Caldas. Giardullo tocava a parte da Gail, enquanto Knecht, Murakami e Verônica assumiram o restante dos trabalhos. A Braminer funcionava principalmente pelas ações de Maluf e Sayar.

A Braminer continuava à procura de novos negócios para investir. Apareceu uma moagem de minérios em Suzano (SP), cujo dono havia falecido e os herdeiros queriam se desfazer dela. Estava parada, mas bem montada e com equipamentos em ordem. Tinha duas linhas de moagem, uma com britador de mandíbulas, peneira, moinho de bolas bicônico, aeroseparador e silo para material moído. A outra tinha moinho de martelos, classificador, silo e filtro de mangas para pó. Pronta para trabalhar. Compraram e começaram a procurar o que moer. Rapidamente, apareceram bons negócios. Moeram calcita e escória de fundição de cobre para a Ferro Enamel, barrilha para a Cia. Suzano de Papel e Celulose, e feldspato para algumas cerâmicas. Dava lucro, mas bastante trabalho. O fato de mudarem constantemente de material para moer não permitia que atingissem um bom rendimento. Toda vez que muda de material, a limpeza dos equipamentos se tornava bastante trabalhosa. O espaço e a localização eram muito bons, permitindo que a parte dos minerais e rochas para coleção fosse feita com muito mais capricho.

No fim do ano, mais uma concorrência do Estado. A Braminer ganhou outra vez, e foi muito mais fácil prepará-la, porque a empresa já contava com mais espaço e pessoal cada vez mais capacitado. “Com todo o trabalho na Braminer, vendi a minha parte na Geocerâmica para Knecht, em agosto de 1974. Edilson Maluf e eu nos dedicamos ao crescimento da empresa. Fizemos um plano de expansão com foco nos minerais e rochas: fechar a moagem e montar uma oficina para trabalhar com ágatas.

Paschoal Giardullo foi ao Rio Grande do Sul, onde se encontravam os fabricantes de máquinas para cortar, lixar e dar polimento em ágatas. O maior e melhor era o Egisto Dal Santo, que ficava em Lajeado. Ele permaneceu na cidade durante 10 dias, visitando a maioria dos que trabalhavam com ágatas, conhecendo os detalhes, de corte e polimento. Comprou uma instalação completa, máquina de corte (serra), lixadeira, escavadeira para fazer as cavas dos cinzeiros, politriz e máquina para recortes.

Em junho de 1975, Giardullo e Maluf compraram as partes de Knecht e Sayar na Braminer. Acabaram de vender os últimos equipamentos da moagem e transformaram as instalações de Suzano em uma oficina de corte e polimento de ágatas, e preparação de amostras e coleções de minerais e rochas. Entraram no ramo de troféus, ampliaram a venda de pequenas coleções e começaram a fornecer brindes, principalmente aqueles feitos com a pedra. Fizeram um acerto com a Esmaltart, naquele tempo um dos maiores fabricantes de troféus e medalhas, para lhes fornecer ágatas, enquanto a empresa ficaria responsável pela parte metálica e as gravações para os troféus.

A oficina de corte e polimento de ágatas passou a fazer apenas as peças mais complicadas, sendo grande parte delas as chapas para porta-canetas e os cinzeiros. O geólogo viajava para o Rio Grande do Sul, escolhia, e mandava o material para São Paulo. Alguns apenas lixados e, na oficina de São Paulo, eram polidos.

“O Estado continuava a comprar as coleções. A Geocerâmica mantinha-se como a única fornecedora. Sendo assim, começamos a fornecer os conjuntos para algumas faculdades, mas os troféus eram esporádicos, e a parte de brindes, sazonal. Começamos a procurar algum outro produto, feito com ágata, que tivesse venda constante. Descobri que em todas as balanças mecânicas existia uma peça de ágata que apoia os cutelos. Levantei as especificações, os preços, quem consumia, o tamanho do mercado e os fornecedores. Os consumidores eram todos os fabricantes de balanças e as oficinas de manutenção. Havia apenas um fabricante, e que estava parando sua produção. Resolvemos entrar nesse mercado e estávamos comprando mais alguns equipamentos, quando recebi a visita de um dos sócios da Casa da Química, a qual havia descoberto o nosso trabalho. Eles queriam saber se nós não poderíamos produzir almofariz de ágata, pois só havia um fabricante em Minas Gerais, e os sócios da mesma família tinham brigado entre eles, fechando a fábrica há mais de seis meses. A solução era importá-los da Alemanha e o preço era proibitivo.”

Almofariz de ágata

O almofariz é um material usado em laboratório químico para moer material para análises. Em virtude de sua dureza, não contamina o material a ser moído. Era muito usado, no passado, em laboratórios de análises clínicas. Depois dos espectrofotômetros de

chama, deixou de ser utilizado. Hoje são usados apenas para moer rochas e minerais para análises químicas.

Depois de muita conversa com o pessoal da Casa da Química, e principalmente depois que Giardullo ouviu o quanto a empresa poderia pagar pelo material, além da demanda reprimida que existia, o geólogo abandonou as peças para balança e começou a fazer almofarizes de ágata.

Ele conta que, até a primeira unidade ficar pronta, foram quase dois meses de trabalho. O problema era abrir a cava, que exigia largura e profundidade definidas, diferente das cavas de cinzeiro que estavam acostumados a fazer. A sequência de produção de um almofariz requer o recorte de um paralelepípedo de ágata quadrado, com a largura do diâmetro externo e a espessura da altura total da peça. Em seguida, recorta-se os quatro cantos, formando um octógono regular. Ele volta para a serra, onde é posicionado de tal forma que, em ângulo, são cortadas partes dos oito lados.

Na sequência, é marcado o diâmetro da cava para fazer pequenas incisões com uma serra fina, até quase a profundidade da cava. Feito isso, carinhosamente, com uma talhadeira, arranca-se os pedaços da parte interna. Na sequência e manualmente, escava-se com esmeril, até que ela fique pronta. Concluído esse processo, basta lixar toda a peça e polir a parte interna da cava. A ágata tem de ser a mais homogênea possível, sem desenhos e principalmente sem quartzo ou cavidades.

Normalmente, com a prática de escolher as ágatas, de cada 10 almofarizes começados, oito chegavam ao fim. No início, a empresa fazia peças de todos os tamanhos e capacidades. Depois, normatizaram de acordo com catálogos internacionais e só produziam almofarizes de três tamanhos, o que facilitava o trabalho.

Em outubro de 1977, os sócios mudaram o escritório da Alameda Santos para a Avenida Goiás, em São Caetano do Sul. Fecharam a fábrica de Suzano e transferiram a oficina de corte e polimento de ágatas também para o novo endereço. Continuaram a trabalhar com brindes, troféus e almofarizes de ágata.

No fim de 1978, Maluf deixa a sociedade para ser secretário executivo do recém-criado Sindicato Patronal dos Fabricantes de Metais Sanitários de São Paulo. Porém, ele continuou a ajudar a empresa. Em seu lugar, ingressou Edna, esposa de Giardullo. Montaram uma loja para vender pedras, junto ao escritório da Avenida Goiás.

“Fui procurado por um amigo desde o tempo da Cerâmica São Caetano, o engenheiro Walter Ferreira. Ele queria montar algum negócio técnico em cerâmica, mas estava receoso em abrir uma firma. A ideia dele e de mais um sócio, o Juan Morales Egea, era fabricar cones pirométricos.”

Cones pirométricos são misturas definidas de matérias-primas naturais, prensados na forma de cone, com certa inclinação. Sob aumento da temperatura, ficam plásticos e caem até que a ponta atinja o suporte onde estão colocados. Na indústria cerâmica, são usados para determinar a temperatura que o forno atingiu. Com a melhora da pirometria e, principalmente, nas queimas de alta velocidade, foram deixando de ter uso. Hoje, apenas algumas indústrias, principalmente as de sanitários, artistas e artesãos utilizam esse material.

“Fizemos um acerto: eles montariam a fábrica, e eu me encarregaria das vendas. Porém, tudo seria feito em nome da Braminer, até que se chegasse à conclusão da viabilidade. Eles abririam a sua firma e eu seria apenas seu representante.”

Alugaram uma casa na Rua Piratininga, em São Caetano do Sul, e começaram a fabricação. O negócio foi bem. Compraram um terreno na Rua Engenheiro Cajado de Lemos, na mesma cidade, onde construíram a fábrica. Abriram uma empresa, chamada Brascone e, daí em diante, seguiram sozinhos. Com o falecimento de Walter Ferreira, Egea continuou sozinho e, posteriormente, vendeu o negócio, a atual Cones Pirométricos Brasil.

Nesta época, começaram as primeiras experiências com as massas cerâmicas para artistas. Com o crescimento deste mercado, que se mostrava promissor, Paschoal Giardullo, gradativamente, foi diminuindo a fabricação de brindes, troféus e almofarizes de ágatas. A dificuldade maior era encontrar mão de obra especializada na produção de almofarizes e peças especiais de ágata.

Em 1986, resolveram encerrar a Braminer e, em 30 de outubro daquele ano, fundaram a Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas, com sede em Guararema (SP). Na Avenida Goiás funcionaria apenas o escritório, com distribuição das massas. Funcionou no local até maio de 2000, ano em que a empresa mudou para a Vila Mariana, em São Paulo.

CAPÍTULO II

Um geólogo influente em prol das Artes do Fogo

“Precisamos preservar a arte local, sem interferir no processo criativo do artista. Apenas devemos estimular ações que aumentem a qualidade de sua produção. Jamais podemos alterar a cultura já enraizada no artista.”

Paschoal Giardullo

A relevância de um geólogo nas Artes do Fogo

Mieko Ukeseiki

Passados mais de 100 anos, o genocídio armênio continua gerando comoção em todo o mundo. Em 1915, o governo turco-otomano declarou o extermínio de aproximadamente um milhão e meio de armênios, durante a Primeira Guerra Mundial. Aqueles que escaparam, migraram para diferentes países. No Brasil, muitos se estabeleceram em São Paulo, em sua maioria concentrada na região da Rua 25 de Março e no Bairro da Ponte Pequena, onde hoje se ergue um monumento que mantém viva a memória de um desejo de liberdade.

Na Estação Armênia do Metrô de São Paulo, uma escultura de concreto, inaugurada em 1995, adaptou-se à arquitetura local. Compreendendo dois totens, sustentados por um espelho d'água, ressalta uma dupla de pedras funerárias, com um intenso tom avermelhado. Uma analogia com as nuances do pôr do sol, das cores intensas de uma paisagem que ora testemunha algo bom, ou algo muito ruim.

O Memorial Armênia, uma homenagem aos 80 anos do genocídio naquele país, foi concebido pela artista plástica Josely Carvalho. Depois de muitas idas e vindas entre marmoristas, sem obter o resultado desejado para os recortes, ela optou pela modelagem em cerâmica, que permanece perfeita, com a mesma aparência original obtida há 24 anos.

A argila realmente nos favoreceu. Abraçou o projeto com leveza, aceitando desafios e perpetuando o conceito. Respeitou as marcas de nossas mãos, revelou efeitos de relevo e queima, e reproduziu todas as simbologias da cultura armênia, com simplicidade e honestidade.

Quando Josely me procurou, ela já havia entendido que a cerâmica era a solução mais viável. Desocupei todo o meu ateliê e passei a me dedicar inteiramente à obra. Vivendo em Nova Iorque, Josely voltou para os Estados Unidos após estudarmos minuciosamente o trabalho. Trabalhamos separadamente, durante três meses, em nossos ateliês, até que ela retornou do exterior com uma maquete de isopor. Toda a obra envolvia muita serigrafia, simbologias e uma estrutura tridimensional, com três metros de altura por um de largura, considerando dois totens instalados no espelho d'água. Era importante que o material resistisse ao tempo, à poeira, à umidade e às vibrações e intempéries, comuns para uma estação de trem metropolitano.

Diante da maquete projetada em isopor, eu achei que o projeto exigia algo mais elaborado. E como o prazo se reduzia cada vez mais, modeliei um novo exemplar em cerâmica. Fiz a maquete de um dos totens, o qual me orientou no preparo das duas peças em tamanho maior.

Recriei a proposta, mantendo a estrutura de concreto, mas revestida com placas de cerâmica, queimadas em forno Noborigama, com temperatura máxima de 1.320 graus. Na época, porém, havia poucas opções de argilas. Eu confiava em um único fornecedor, que poderia desenvolver uma nova massa adequada para atender às características da obra. Procurei Paschoal Giardullo, que já me fornecia uma massa creme que eu modelava com adição de fritas. Ele estudou novas misturas e me atendeu prontamente em tudo. Sempre gostei do barro fornecido pela Pascoal Giardullo Massas.

Depois de muitos estudos, chegamos a uma nova massa, com adição de chamote. Para evitar que as placas sofressem deformações ou rachaduras, após a queima, segui a receita apresentada por Giardullo, que me orientou a incluir uma quantidade de filito. Recebi algumas críticas por essa decisão. Isso porque a peça ganharia algumas pintas após a queima. Mas era exatamente o efeito final que eu queria, para enriquecer o visual da escultura.

A Pascoal Giardullo Massas me forneceu duas toneladas de barro. As placas com símbolos armênios foram modeladas com cerca de três centímetros de espessura. Cada uma com 20 x 20 cm, totalizando 500 unidades. E a cerâmica proporcionou a realidade das texturas, permitiu alterações. E todas se fixaram corretamente na estrutura de concreto, como uma construção. Fiz um gabarito, demarcando a localização das placas sobre a base concretada, com

todas numeradas e identificadas manualmente, seguindo a direção Norte e Sul, exatamente como essa linha do metrô atende a interligação entre ambas as regiões metropolitanas. Foram numeradas porque há placas em tons claros e escuros.

Eu já conhecia o trabalho profissional de Paschoal Giardullo desde a época em que seu escritório era em São Caetano do Sul, quando ainda trabalhava com pedras. Normalmente, no Japão, o ceramista desenvolve a sua massa, seguindo uma receita própria. Como eu herdei a cultura japonesa, eu acho que uma argila precisa ser específica para o meu trabalho. E sempre que eu consultei o Paschoal Giardullo, consegui a argila exatamente como precisava. A cada novo barro que ele desenvolvia, eu experimentava para avaliar o resultado.

Finalmente, com a escultura completa, aplicamos uma camada de silicone para impermeabilizá-la. No dia 29 de outubro de 1995, o Memorial Armênia foi inaugurado. Para chegar a este efeito duradouro, que permanece fiel durante mais de duas décadas, muito se fez, muito se estudou. E a participação de Paschoal Giardullo, um geólogo profissional e comprometido com os objetivos das Artes do Fogo, foi de fundamental importância para perpetuar este projeto.

Mieko Ukeseke mantém seu ateliê no Polo Cerâmico de Cunha (SP), trabalhando com queima em forno Noborigama, gás e elétrico. Executou a modelagem e queima do Memorial Armênia, instalado na Estação Armênia do Metrô – Linha Norte/Sul, um projeto patrocinado pelo Banco Sofisa.

Paschoal Giardullo é um nome consagrado entre todos aqueles que praticam as Artes do Fogo. No início de sua carreira, até os dias atuais, este geólogo fascinado por minerais, pedras, argilas e seus derivados, sempre cultivou uma grande afinidade com as expressões artísticas. Em consequência de seu trabalho na Cerâmica São Caetano, em 1961, deparou-se com as primeiras peças cerâmicas da Vila de Maragogipinho, no mercado de Água dos Meninos, em Salvador (BA). Poucos anos depois, enquanto explorava uma jazida no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, passou a conviver com os artistas locais. Comprava e trazia as peças para presentear a esposa Edna, e, aos poucos, ia dando início à sua coleção particular de Arte Cerâmica.

“Visitei todas as cidades do Vale do Rio Doce, e conheci muitos ceramistas. Sempre fui bem-vindo. Minha intenção não era a de explorar o artista, mas entender seu talento. Enquanto eu acompanhava o trabalho nas jazidas, eu convivia com paneleiras (fabricante de panelas de barro) e, já naquele tempo, eu arriscava alguns palpites para melhorar a secagem e a queima das peças. Com isso, a obra melhorava e o preço final também aumentava. Sempre me interessei pela Arte Cerâmica. Em Salvador, conheci as primeiras cerâmicas de Maragogipinho. As peças e vasos, feitos com uma argila local, eram diferentes de tudo o que eu conhecia em São Paulo, no que diz respeito ao material e à forma. Havia grandes cântaros e vasos feitos por paneleiras. Aos poucos, fui ganhando intimidade com a arte local, até conhecer também o trabalho realizado no Vale do Jequitinhonha. Desde a época em que eu trabalhava para a Copami, eu já me encantava com os fascinantes trabalhos das ceramistas desses dois lugares.”

A primeira experiência com artistas urbanos que deu origem à fabricação de massas cerâmicas aconteceu no ateliê de Ofra Grinfeder, por intermédio de uma solicitação feita à Associação Brasileira de Cerâmica (Abceram). A artista telefonou para a entidade, informando que precisava de um profissional que soubesse avaliar problemas com fornos. E tudo que envolvia cerâmica artística, imediatamente era transferido para o geólogo Paschoal Giardullo.

“Analisiei cuidadosamente e percebi que o problema não era o forno, mas sim a massa. Ela não acreditou muito. Para confirmar, e tirar as dúvidas, convidei o engenheiro Walter Ferreira, um profissional da área e meu amigo da Cerâmica São Caetano, que conhece tudo sobre cerâmica, para me acompanhar, em nova visita ao ateliê da artista.”

Ferreira confirmou o problema. Mesmo assim, Ofra continuou irredutível. “Vamos fazer uma massa para ela? Com isso, poderemos conferir se o problema é com o forno ou com a massa”, uma sugestão de Ferreira.

Diante do impasse, Giardullo e Ferreira prepararam uma massa com filito, argila e bentonita, para dar plasticidade. A mistura gerou um quilo do material, que Ofra usou para tornear um pequeno vaso. Para evitar qualquer dano ao forno, já que a massa nunca tinha sido testada, recomendou-se que ela fosse queimada sobre um refratário. No dia seguinte, ela telefonou e com entusiasmo, revelou: “Venham ver o resultado!”.

A peça estava perfeita, mas com um tom cinza. Ofra ponderou que a cor estava fria, e precisava tender para o creme. Novamente, eles alteraram o tipo de filito e conseguiram uma massa que, queimada, chegava à cor que ela considerava boa. Apesar disso, faltavam umas pintas na massa. E as usadas no Japão, para queima em alta temperatura, tinham pintas. Isso foi mais fácil. Usaram um filito um pouco mais grosso e criaram uma nova amostra.

“Constatamos que o problema estava na massa que ela usava. O forno estava perfeito. Entreguei a ela a receita e o nome dos fornecedores das matérias-primas, mas Ofra optou em receber o material pronto. Começamos a estudar o que poderíamos fazer, e decidimos fabricar massas cerâmicas pela Braminer. Quando o negócio cresceu, criou-se a Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas (Atualmente, Paschoal Giardullo Massas EPP)”.

Começando uma produção artesanal de massas

Paschoal Giardullo e Walter Ferreira deram início a uma produção artesanal. Ferreira construiu uma maromba (máquina utilizada para prensagem), usando conexões galvanizadas, um redutor de bomba d'água, um motor elétrico e uma armação de madeira.

A produção inicial era feita no quintal da casa de Giardullo, em São Bernardo do Campo (SP). O equipamento usado era a maromba feita por Ferreira e uma balança de cozinha com capacidade para dez quilos. Preparavam-se lotes de 50 quilos. Inicialmente, o material era pesado em partidas de 10 quilos. O pó era colocado em sacos plásticos, que eram agitados para se conseguir uma mistura perfeita e despejados sobre uma lona no chão da garagem. Repetiam a operação até ter sobre a lona 50 quilos de pó, em uma camada com cerca de 10 centímetros de espessura. A seguir, com um regador de jardim, molhavam o material. Com auxílio de uma pá de pedreiro misturavam as argilas até que ficassem úmidas. Dessa mistura, modelavam, manualmente, bolas que coubessem no bocal da maromba, e as colocavam em sacos plásticos, os quais eram fechados para a umidade ficar homogênea. Tudo era guardado para marombar no dia seguinte. A operação era repetida até alcançarem um lote de 200 quilos. O material extrudado era cortado em pedaços de um quilo, e cinco deles eram embalados em sacos plásticos para a entrega.

Os pedidos foram aumentando, o que levou a contratação de um ajudante para fazer a mistura e ajudar na maromba. A garagem virou fábrica. Recebiam as matérias-primas moídas e ensacadas,

que lá ficavam depositadas, assim como as massas já prontas. A sujeira aumentava cada vez, até que um dia ...

“Fomos expulsos e mudamos para a Avenida Goiás, no Centro de São Caetano do Sul, no ABC Paulista. Ali, instalamos nosso primeiro misturador, com capacidade para 30 quilos de massa. Contratamos mais ajudantes e lançamos novas massas. Até minha esposa trabalhava conosco, fazendo entregas.”

Uma nova fábrica e um novo destino

O crescimento da Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas acontecia rapidamente. As matérias-primas eram adquiridas já moídas, o que encarecia o preço. O próximo passo: produzir barbotina de faiança, produto que o mercado precisava. Para tanto, a empresa alugou um galpão em Santo André (SP), comprou um tamborão, um moinho de martelo e uma nova maromba. Contratou um gerente de produção, antigo funcionário da Celite, técnico em cerâmica e especializado em barbotinas. O escritório administrativo foi mantido na Avenida Goiás, em São Caetano do Sul.

“Foi uma fase muito interessante, porque começamos a comprar matérias-primas brutas e a beneficiá-las. Pudemos baixar nossos custos, lançar novas massas e manter qualidade e homogeneidade nas massas e barbotinas fornecidas.”

Paschoal Giardullo admite que era difícil encontrar um bom profissional, em razão do perfil da empresa, que atuava em um segmento extremamente especializado. Tudo funcionou bem durante muitos anos, até que o local também ficou pequeno. E apareceu um comprador interessado em adquirir as instalações.

“Coincidentemente, nesse período, Henrique Pátria, que foi secretário executivo da Associação Brasileira de Cerâmica, na minha gestão como presidente, me procurou interessado em ter um bom negócio para investir. Surgiu, assim, a oportunidade de montar uma fábrica totalmente nova.”

Giardullo e Pátria procuraram um local para se estabelecer, fora da cidade de São Paulo. Depois de quatro meses de procura, alugaram um galpão em Guararema (SP), onde a empresa mantém sua produção até hoje.

A antiga fábrica de Santo André foi vendida com a condição de que eles fabricariam as mesmas massas durante três meses, período o qual o geólogo imaginava ser suficiente para montar e fazer funcionar a nova indústria, que ficou pronta em três meses. Muito bem

montada, com todos os equipamentos - moinhos de martelo, moinhos de bolas, filtro, prensa, misturadores e marombas -, tinha capacidade para desenvolver novas massas. O escritório central foi mantido em São Caetano do Sul. Porém, a firma passou a ser chamada Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas Ltda.

Com o aumento da produção, foi preciso montar um depósito para centralizar as entregas e a distribuição. A sede em São Caetano do Sul era pequena, o que resultou na mudança para uma loja na Vila Mariana, em São Paulo.

Paschoal Giardullo fornecia massas cerâmicas para artistas e ceramistas, principalmente àqueles estabelecidos em São Paulo. Eles solicitavam outros materiais, como refratários, esmaltes e ferramentas, que não faziam parte do estoque. “Eles compravam em outros fornecedores e pediam que fossem entregues no nosso depósito para tudo ser despachado com as nossas massas. Isso nos causava problemas. Às vezes, vinham mal embalados e sofriam danos no transporte. E a reclamação vinha para nós. Sendo assim, começamos a vender refratários, algumas ferramentas e esmaltes, além de representar fabricantes de fornos e equipamentos. O espaço para o estoque e a distribuição das massas estava ficando cada vez menor.”

Para viabilizar a venda direta de refratários, esmaltes, ferramentas, e até massas dos concorrentes e representar fabricantes de fornos e equipamentos, Giardullo estimulou a criação da Arte Brasil Materiais, dirigida por seu filho caçula, Caio Giardullo. Em pouco tempo, a loja conquistou a confiança dos artistas, oferecendo esmaltes, ferramentas, matérias-primas, equipamentos, e também massas de outros fabricantes. A Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas se manteve como fabricante de massas e matérias-primas. A nova configuração deu certo, gerando um grupo de empresas especializadas no segmento das Artes do Fogo. É uma empresa que reflete a personalidade de seu fundador, com processos simples, até mesmo em seu nome. Paschoal decidiu retirar o “h”, exatamente para facilitar os contatos e documentos.

“A cada dia, eu entendo melhor este mercado. No início da Pascoal, fui percebendo que os artistas não desenvolviam uma cultura voltada para a Arte Cerâmica. O foco eram as Artes Plásticas. A técnica ainda estava em um nível precário, o que nos conduziu a inúmeras outras ações, como o lançamento de um jornalzinho, o Mão na Massa, cuja principal missão era divulgar técnicas para as

Artes do Fogo. O projeto evoluiu e acabou se transformando em uma revista, de mesmo nome, em circulação até hoje. Percebemos também que faltava um congresso de técnicas para as Artes do Fogo, com um perfil diferente daquele adotado em Uberaba, no Estado de Minas Gerais. Criamos, assim, o Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo (Contaf), em parceria com o Carlos Carvalho, dos Fornos Karlos.”

Qual é o segredo?

Todo o começo da Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmica se deu na cidade de São Caetano do Sul, com a pequena fábrica, anexa ao escritório da Avenida Goiás. Paschoal Giardullo trouxe para sua empresa de massas cerâmicas todo o conhecimento que desenvolveu nas empresas: Cerâmica São Caetano, Copami, Sandspar, Braminer e MCG. Ele tinha total consciência, no entanto, de que estava ingressando em um mercado muito diferente dos moldes seguidos pela indústria, em termos culturais e comportamentais.

Na indústria, o atendimento é realizado com um técnico, que sabe o que quer e se utiliza de uma linguagem técnica pertinente a um processo constante. As indústrias cerâmicas utilizam processos, tecnologias e métodos invariáveis, nos quais o produto tem resultado certo e esperado.

Nas Artes do Fogo, as linguagens são múltiplas. O conhecimento técnico não é o objetivo. Há muito sigilo nas informações e, mesmo diante dos problemas, um artista tem dificuldade para verbalizar seus “segredos”.

O geólogo Paschoal Giardullo, dotado de alta experiência, estava apenas começando a enfrentar um novo desafio. Sua primeira decisão foi criar uma forma diferenciada de se comunicar com o artista, com sutileza para expor as deficiências técnicas de cada um. No Brasil, o sistema de queimas de alta temperatura estavam apenas começando, usando fornos a lenha, desconhecidos dos nossos técnicos, os fornos Noborigama.

“Ao mesmo tempo, eu fui percebendo o quanto este mercado é interessante, dinâmico e com muitas oportunidades de crescimento. Na época, as Artes do Fogo estavam muito envolvidas pelas queimas de baixa temperatura, terracota e faiança. Decidi que o caminho era criar massas especiais, produzindo também barbotinas de faiança.”

Desenvolvendo novas massas

Na Arte Cerâmica, a técnica não prevalece em toda concepção de um objeto. Começando pela massa cerâmica, uma mistura de várias matérias-primas naturais, e com plasticidade adequada para aceitar os diferentes processos: torno, modelagem manual, moldagem, placas ou rolinhos.

“O grande desafio é criar uma massa que pode ser usada para todos esses procedimentos. O preparo de uma massa cerâmica adequada começa sempre avaliando o trabalho de trás para frente. Ou seja, em primeiro lugar, verificamos qual é o produto final: uma escultura? Um utilitário? Um objeto decorativo? Em seguida, qual processo será usado para a sua confecção, e em qual temperatura será queimado e em que tipo de forno - gás, elétrico, lenha? Precisamos criar uma massa que possa ser usada nos mais variados métodos. O segredo é simples. Na verdade, não há segredos. Só precisamos pesquisar. Tudo envolve pesquisa. Eu convivi com essa conduta em meu primeiro desafio na Cerâmica São Caetano: para encontrar cianita, foi preciso pesquisar. Então, se o ceramista sabe exatamente o que ele quer modelar na argila, basta pesquisar o que há disponível, ou o que pode ser harmonizado, para garantir o resultado esperado após a esmaltação e a queima. E acrescento, a tudo isso, trabalhar só com fornecedores idôneos.”

Com a experiência vivida no ateliê de Ofra Grenfeder, Giardullo partiu para novas criações. Trabalhou para o ateliê de Sandra e Cristiano Quirino, estabelecidos hoje no Polo Cerâmico de Cunha (SP), fabricando uma massa desenvolvida pelos dois artistas. Em seguida, surgiu um pedido para criar uma massa para a produção de xícaras destinadas à exportação, para a Cerâmica Alessandra, do Rio de Janeiro. A massa recebeu o mesmo nome da cerâmica. Em seguida, uma massa para a ceramista Lucia Ramenzoni, que necessitava de uma argila plástica para modelar peças complicadas.

A Cerâmica Cachepô queria uma massa feita para sintetizar a 1.200 graus. Para chegar ao resultado final, realizou testes durante um ano. Quando a massa estava pronta, descobriram que não conseguiam alterar os seus esmaltes feitos para 1.300 graus.

“A massa da Pascoal pode ser queimada de 800 a 1.300 graus, para atender às necessidades da cerâmica artesanal, que é muito variável. Já na indústria, o processo é extremamente definido. As massas para cerâmica artística importadas são diferentes das nossas. Por exemplo, uma massa criada para queimas a 1.100 graus,

só aceita a mesma temperatura. Em 1.050 graus, a peça fica porosa. Em 1.150 graus, deforma. É por isso que eu costumo dizer que as nossas massas aguentam desaforos.” São massas aplicáveis em forno a lenha, gás, elétrico ou queimas alternativas, e compatíveis com esmaltes disponíveis no mercado. E suportam até 1.300 graus, temperatura geralmente alcançada em alguns fornos elétricos, a gás e a lenha, do tipo Noborigama.

Para desenvolver uma massa nova, porém, são necessários entre seis meses a um ano, incluindo criar o material em si e fazer todos os testes, até colocar o produto final em produção. A massa de porcelana, por exemplo, existe desde que a Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas foi fundada. Seu consumo, porém, era restrito. Segundo Giardullo, a porcelana é o que é, sem variações. Ao contrário de outras massas, que são charmosas, por oferecerem variações de resultados.

Há dois anos, a febre da porcelana voltou a contaminar os ceramistas. Paschoal Giardullo conseguiu aprimorar uma massa de porcelana mais plástica, utilizando um caulim do Estado do Pará. Para atingir o ponto desejado por alguns artistas, como Jennifer McCurdy, dos Estados Unidos, e Lelé Jr., do Brasil, a porcelana da Pascoal uniu o caulim do Pará a uma argila francesa. Ambos testaram a massa, durante o Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo, em 2015, com aprovação absoluta.

“Os caulins sedimentares da Amazônia e de Camaçari (BA) normalmente são bem finos, o que gera uma boa plasticidade nas massas. De modo geral, os caulins primários do Brasil estão situados em áreas tropicais e semitropicais. As matas e as chuvas sempre ajudam a decompor as rochas, e o caulim formado é sempre mais grosseiro do que os sedimentares que foram classificados durante o transporte e deposição.”

Atendendo ao mercado gradativamente, Paschoal Giardullo foi se deparando com novos talentos nas Artes do Fogo. Quando sua empresa de massas começou, havia poucos ceramistas. Hoje, há milhares deles, atuando em todo território nacional. E com muita gente boa, com nível comparável a grandes nomes internacionais.

Atualmente, a Pascoal Giardullo Massas EPP oferece vários tipos de massas: creme, marfim, tabaco, branca shiro, porcelana, faiança, preta, paper-clay, escolar e barbotinas. São mais de 20 variações, considerando as variantes de cada uma delas. Praticamente todas foram desenvolvidas para atender à solicitação de

determinado artista. A mais difícil de conceber foi a porcelana. De modo geral, todas são compatíveis, em termos de retração, sem provocar trincas.

Uma das grandes contribuições de Paschoal Giardullo para o desenvolvimento das Artes do Fogo foi a publicação do *Nosso Livro de Cerâmica: introdução à técnica para cerâmica artística* (2005), escrito em conjunto com seu filho Caio Giardullo e seu amigo Urames Pires dos Santos. A publicação representa uma verdadeira cartilha para principiantes na Arte Cerâmica.

A seu ver, o artista precisa ter sensibilidade artística e técnica. Por estar sempre envolvido com matérias-primas e com a indústria cerâmica, Paschoal Giardullo acompanhou a evolução tecnológica nos processos industriais. À medida que a automação crescia, havia redução nas possibilidades de correções. Durante o processo, um forno Noborigama, por exemplo, permite acertar alguns defeitos da massa, porque tem um ciclo de queima de 36 horas. É possível alterar a curva de queima para menos ou mais. Mas em um forno industrial automático, como os usados atualmente pelas indústrias de revestimentos, com ciclos de queima entre 25 e 45 minutos, não há tempo para fazer correções. Portanto, as matérias-primas precisam ser cada vez mais homogêneas.

“Converso com artistas todos os dias. Aos poucos, fui descobrindo o que faltava. A primeira dificuldade é entender o artista e, em seguida, convencê-lo do problema. Mostrar que o progresso está em compartilhar o que se sabe. E meu trabalho é mostrar aos artistas algo que ainda não conhecem, e o quanto podem evoluir ao adquirir novos conhecimentos.”

Diante da criatividade do artista - Depoimentos de Paschoal Giardullo

A Iguana gigante

“Um dia, o artista Jean-Jacques Vidal me procurou, interessado em fazer uma iguana gigantesca em cerâmica, no Parque do Povo, diante do Teatro Ventoforte, em São Paulo. Em razão de suas proporções, a escultura exigia uma orientação sobre a argila mais adequada. Vidal também estava tentando conseguir uma doação do material.

Na ocasião, eu estava trabalhando em um projeto de consultoria para a Serveng-Civilsan S.A., que tinha construído uma cerâmica estrutural em Caraguatatuba (SP). Mostrei o projeto a eles e

fui com Vidal até lá para conhecer as argilas. Ele gostou muito e eu consegui a doação de uma viagem de 15 toneladas da argila já marombada.

A modelagem teve início com um grupo de artistas. Tudo seria filmado para se transformar em um documentário. Mas surgiu um problema: como queimar a peça gigante? Consultei um amigo, o Eli-seu Togni, da Cerâmica Togni. Ele propôs a construção de um forno pequeno feito com fibra cerâmica para queimar a peça em partes, usando gás liquefeito como combustível. Estudamos tudo detalhadamente e já estávamos nos preparando para iniciar a queima, quando houve um desentendimento no grupo e o projeto parou. Como não estava queimada, sob as chuvas, a iguana ia se desfazer. Como solução, usaram a iguana de argila como molde para preenchê-lo com cimento. Depois de muito tempo para finalizar, revestiram a escultura com ladrilhos e virou um grande mosaico.

Loucuras japonesas

Em 1985, recebi um telefonema, dizendo que uma artista japonesa, Akiko Fujita, contratada para fazer duas esculturas no país, iria precisar dos nossos materiais. Uma escultura ficaria na Universidade de São Paulo (USP), chamada Flores da Terra; e outra na Universidade de Campinas (Unicamp), chamada *Monumento a Campinas*. Pediram-me que eu marombasse a argila, a qual seria usada pela artista para fazer a escultura na Praça do Relógio, da Cidade Universitária.

Marquei um encontro na minha casa, em São Bernardo do Campo. No dia combinado, Akiko chegou à casa acompanhada de um intérprete. Ela não falava português e o intérprete não entendia nada de cerâmica. Então, é possível imaginar o teor da nossa conversa. Sua especialidade é modelar pequenas cidades e produzir esculturas inspiradas na natureza. Para esse projeto, a artista decidiu fazer uma obra temática, algo bem simpático, que lembrava as Muralhas da China. Porém, as peças rachavam e, para encontrar uma solução, indicaram meu nome. Ela havia ganhado, para isso, uma viagem de argila em bruto, que estava secando ao sol. Depois, seria moída manualmente com auxílio de uns soquetes de madeira. Em seguida, seria peneirada, para obtenção da massa. Tudo isso feito por alunos. Akiko queria que eu fizesse esse serviço e entregasse a argila pronta para uso. Combinei de ir à USP e ver o que era possível fazer.

Visitei a Praça do Relógio e me deparei com cerca de dez pessoas secando argila ao sol. Peneiravam todo o material e os grãos mais grossos eram moídos até passar pela peneira. Nesse pó, voltavam a misturar água para modelar as peças diretamente no chão. Descobri que a argila tinha sido doada pelas Indústrias Brasileiras de Artigos Refratários S.A. (Ibar). Tratava-se de uma argila refratária e eu disse que, para o tipo de queima que ela pretendia fazer, o material não ia sintetizar. Sugeri a troca por uma argila usada na fabricação de tijolos. Ela não aceitou. Queria que eu secasse, moesse e fizesse uma massa e entregasse pronta para uso. Fiquei de estudar uma solução para o problema. Falei com o geólogo da Ibar, profissional que eu já conhecia. Ele me informou sobre sua intenção de fornecer a argila já marombada, um procedimento muito mais simples para ele. Mas a artista não aceitou. Ela queria que a argila se transformasse em massa pelo trabalho dos alunos. Diante disso, ele conversou com a diretoria da empresa para trocar o material bruto por marombado. E conseguiu. Mas não levaria de volta o material bruto. Uma semana depois, lá estavam cerca de dez toneladas de uma argila marombada, porém refratária.

A Ibar forneceu a argila, mas era inviável, por ser refratária, o que exigiria uma queima em temperatura muito alta. Adotando como procedimento de queima, uma fogueira feita diretamente no local e sobre a escultura, seria impossível alcançar essa temperatura. Continuei visitando a Praça do Relógio para ver o andamento da obra. O material, depois de ser esculpido, rachava muito e eles iam preenchendo as trincas com mais material, o que não ficava perfeito. Comecei a conversar com a artista sobre a queima. Para mim, deveria ser feita uma fogueira, queimando com bastante lenha, por, no mínimo, 12 horas. E para isso, seria necessária uma grande quantidade de lenha. Nessa época, eu fazia um serviço para a Cia. Suzano de Papel e Celulose, e me ofereci para conseguir com eles uma viagem de eucaliptos para a queima. Ela não aceitou, porque a escultura deveria ser queimada com madeira usada. Segundo ela, havia muito desse material no campus da universidade. Para isso, utilizaram de tudo: madeiras e restos de materiais, móveis velhos, divisórias e até uma tampa de vaso sanitário. Alguns dias antes da queima, visitei a obra com o Carvalho, dos fornos Karlos. Observamos que as madeiras colocadas sobre a escultura eram muito poucas. Mas para Akiko eram suficientes. Participamos da cerimônia da queima.

Além das madeiras sobre a escultura, havia pouco mais de uns três metros cúbicos de restos de madeiras. A queima começou por volta das 20h, com muitos convidados. Um cerimonial ao som de músicas e distribuição de chá. Deixamos o local cerca de duas horas depois, e a queima, segundo nos informaram, não passou das 6h, de acordo com observação da peça queimada no dia seguinte. A temperatura, porém, só alcançou os 600 graus. Finalizada a queima, tudo virou pó novamente.

Para ter o resultado ideal, a escultura exigia uma queima muito alta. Claro, com o passar dos dias, começou a esfarelar. Hoje, não existe nada no local. Insisti com a artista para mudar a argila para a escultura da Unicamp. Ela aceitou depois que viu o resultado da USP. Consegui com a Cerâmica Mingoni a doação de dez toneladas de argila utilizada para fazer telhas. A queima foi feita com eucalipto e durou mais de dois dias. A escultura Monumento a Campinas, de Akiko Fujita, permanece no local até hoje.

Movimento dos Sem Terra

“Em 2000, a Metago-Metals de Goiás, estatal especializada em mineração, realizou um trabalho para o setor, e me chamou para desenvolver um curso de metais industriais. A empresa domina conhecimentos no segmento de ouro, ferro e cobre. Mas sobre argila, nada entende. E o Estado de Goiás tem muito minério, muita argila e muito calcário. Requisitaram meus conhecimentos para ministrar uma palestra a ceramistas integrados a um projeto comunitário em Goiás Velho, conduzido por um padre envolvido no Movimento dos Sem Terra (MST). A empresa mineradora pretendia oferecer um curso de cerâmica para os moradores. No entanto, quando lá cheguei, a população já havia sido avisada: quem fizesse o curso, seria excomungado.

Tomei a iniciativa de conhecer o padre, que já me recebeu com certa desconfiança. No entanto, nosso encontro foi agradável, com duas horas de boa conversa. E ele percebeu que eu não era uma ameaça. Seu projeto era resgatar peças que os índios, habitantes do local, produziam. Para tanto, ele tinha feito uma ampla pesquisa, para conhecer as formas e os usos das peças indígenas.

A comunidade fabricava as peças usando uma massa que ele preparava e fornecia. A queima era feita como no tempo dos índios, em uma fogueira. O problema era a argila e também o consumo de lenha, além de resultar em peças com pouca resistência.

Na igreja, havia uma sala com prateleiras, que expunham os trabalhos com os respectivos nomes de seus autores. As peças vendidas eram lançadas em um caderno. Cada ceramista participava da escala de plantões de atendimento ao público. Quando algum participante precisava de dinheiro, ele ia à sala de vendas, consultava o caderno para saber quantas peças foram vendidas e qual o valor. Quem quisesse, poderia retirar tudo, ou apenas o que precisava no momento.

As peças vendidas eram embrulhadas em jornal velho, e não tinham nem uma sacolinha para acondicionar a compra. Sugeri, no meu relatório, uma remodelação, considerando desde uma nova embalagem, mais moderna, com o logotipo referente aos ceramistas de Goiás Velho e a história dos índios, além de uma lanchonete, banheiro e estacionamento.”

Painel do BNDES do Rio de Janeiro

“Em 1997, a artista Sylvia Goyanna ganhou a concorrência para fazer e instalar um painel de 2,45 x 8,75 metros na entrada principal da sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no Rio de Janeiro. Foram horas ao telefone. Mas o resultado ficou surpreendente.

Todo o painel foi feito com placas de 30 x 30 cm de massa creme (fornecida por mim), sobre os quais ela colocou em destaque umas peças de 20 x 20 cm, 30 x 30cm e 40 x 40 cm, feitas com a nossa massa marfim. Antes de concluir o projeto, foram horas ao telefone para entender exatamente o processo que a ceramista estava usando para preparar as peças de 40 x 40cm, únicas que estavam dando problemas. Era importante ajustar a técnica com o comportamento da nova massa.

Como o problema só aparecia nas placas grandes, foi uma questão de adequar o processo de conformação das peças. Alteramos os detalhes do processo e conseguimos resolver o problema. O painel continua lá até hoje, e é motivo de orgulho para a Sylvia Goyanna e para a Pascoal Giardullo Massas.”

Figureiros de Taubaté

“Certa vez, recebi um telefonema de um dos representantes da Casa dos Figureiros de Taubaté (SP), cidade localizada no Vale do Paraíba. Eles produzem imagens utilizadas em presépios do início do século. Uma parte delas é apenas seca e depois pintada. Mas

outra parte da produção é queimada a cerca de 600 graus, antes de ser decorada. Seus integrantes estavam enfrentando problemas com as queimas, que provocavam trincas e perdas de peças.

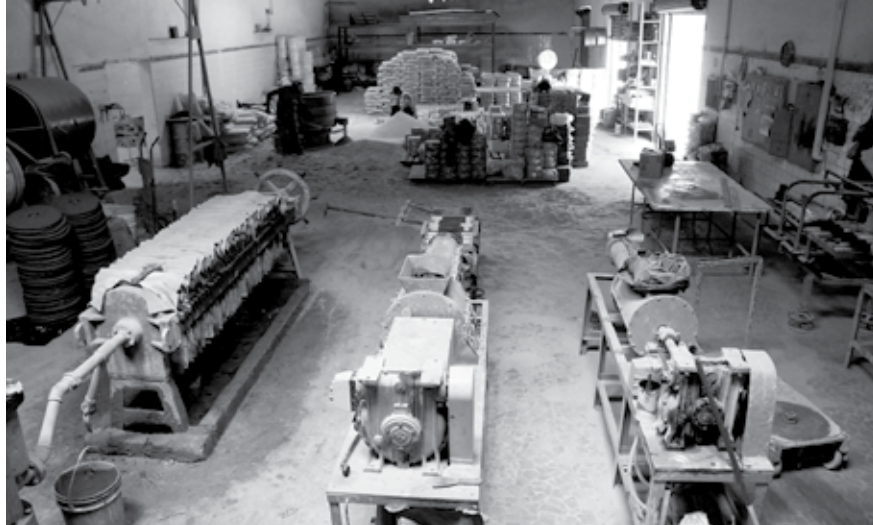
Visitei o local, onde encontrei mais de 20 figureiros em pleno trabalho. Utilizavam um forno elétrico antigo, que continuava funcionando muito bem. O drama estava em um forno novo, com controle de temperatura automatizado. As peças explodiam durante a queima. Percebi que isso acontecia porque colocavam as peças ainda úmidas e, ao ligar o forno, a temperatura ia de zero a 500 graus em 30 minutos. No forno antigo, não automatizado, para chegar a essa temperatura era preciso mais de duas horas, o que permitia que as peças, colocadas no forno ainda úmidas, conseguissem secar sem explodir.

A explosão das peças com umidade ocorre ao redor dos 300 graus, lançando pedaços em todas as direções, inclusive estragando aquelas que estão próximas e, o que é pior, lançando fragmentos entre as resistências, o que pode danificá-las. Orientei que aspirassem todo o material que estava entre as resistências, mantivessem o forno limpo e, antes de começar a queima, deixassem as peças secando, adotando o seguinte procedimento: regular o forno para 200 graus, sem fechar a porta, e começar um pré-aquecimento, colocando as peças em seu interior. O forno funcionaria como um secador. Com as peças secas, fechar o forno, programar a temperatura final e o problema estaria resolvido.

Os Figureiros de Taubaté representam uma comunidade de ceramistas unidos, com excelente produção e estrutura de organização, o que lhes rende uma boa comercialização. Entre os integrantes do grupo, alguns produzem nas dependências da instituição, outros trabalham em casa. Forneço a argila para a instituição até hoje. Entre os ceramistas, há um rateio do material (www.figureirosdetaubate.com.br).”

Detalhe de uma masseira, com a massa sendo misturada para equilibrar a umidade, na fábrica de Guararema





Vista geral da fábrica da Paschoal Giardullo Massas, em Guararema. À esquerda, em primeiro, um filtro prensa. Ao centro e à direita, máquinas extrusoras

Paschoal Giardullo no depósito de argila seca, pronta para moagem



CAPÍTULO 12

Após um enterro, a formação de uma nova consultoria

O ano: 1990. No bolso, 50 cruzados. O Brasil atravessava uma de suas piores crises econômicas, quando os brasileiros, sem exceção, foram tomados pelo susto de um pronunciamento da então ministra da Economia, Fazenda e Planejamento, Zélia Cardoso de Mello, no governo de Fernando Collor. Em sua fala, a informação bombástica: todos passariam a ter apenas 50 cruzados disponíveis, no bolso ou no banco. As contas bancárias e os investimentos foram confiscados e a medida visava controlar a inflação.

Em meio a esse cenário desastroso, Paschoal Giardullo tentava manter seu foco, trabalhando como consultor para indústrias do segmento de cerâmica e vidro. Entre elas, a Nadir Figueiredo Louças, onde o engenheiro Celso Monteiro de Carvalho trabalhava como diretor industrial, na unidade de Pedreira (SP).

Carvalho tinha Giardullo como um consultor que realmente entendia tudo sobre cerâmica. Isso o motivou a agendar uma reunião para discutir com ele alguns problemas que a produção da fábrica enfrentava. A unidade de Pedreira era uma indústria tradicional, que fabricava louça de mesa, usando equipamentos antigos, o que atrapalhava muito a sua competitividade no setor. Porém, a primeira reunião agendada com o geólogo não aconteceu pois Carvalho estava deixando a empresa. Ele telefonou para Giardullo, na intenção de informar que a reunião agendada não aconteceria. Surpreendentemente, recebeu um convite do recém-amigo: “O que você fará hoje? Que tal me acompanhar a um enterro?”

O dono da Minebra-Mineração Brasileira havia falecido, em decorrência de um acidente. E, a partir daquele momento incomum, teve início uma grande amizade e, simultaneamente, uma nova parceria, uma nova empresa que iria colocar o nome de Paschoal Giardullo e Celso de Carvalho na história da indústria cerâmica nacional.

A fundação da MCG Consultoria

Foi em julho de 1992 que dois profissionais, ligados ao setor de minerais industriais, decidiram unir sua *expertise* de muitos anos no setor, para prestar serviços de consultoria às fábricas de cerâmicas ou que utilizavam tais minerais como matérias-primas básicas em seus processos industriais.

O geólogo Paschoal Giardullo e o engenheiro Celso Monteiro de Carvalho fundaram a Monteiro de Carvalho & Paschoal Giardullo Consultores Associados, que durante 14 anos colaborou com vários projetos e empreendimentos para empresas e empreendedores. Nesse período, destacaram-se muitos trabalhos de caracterização e adequação aos processos de fabricação para utilização de argilas e outros minerais industriais, envolvendo empresas instaladas nos polos cerâmicos de Santa Gertrudes (SP) e Criciúma (SC), e nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia.

Dois consultores desbravando a Bahia

Um grande elenco de empresas foi atendido pelos consultores, como Brasilit, Eternit, Cominas, Ornato, Copelmi, Calcário Cruzeiro, Grupo Minerali, Mauricio Hochschild e diversas indústrias do polo cerâmico de Santa Gertrudes. Entre os projetos da Brasilit, estava o desafio de encontrar caulim para atender à produção de telhas de fibrocimento, substituindo o amianto por fibras de plástico para uma das empresas do grupo, a Eterbras Tec Industrial.

“A Brasilit necessitava de grandes quantidades de caulim, para suprir a demanda das suas várias fábricas no Brasil. Foram meses viajando pelo Brasil e, quando chegamos à Bahia, fizemos contato com a Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM). Gostaram tanto do nosso trabalho, que iniciamos um relacionamento muito interessante, e passamos a colaborar com eles, no sentido de levar indústrias cerâmicas para se instalarem na Bahia.”

Nos anos 1990, Antonio Carlos Magalhães estava no auge de seu prestígio na Bahia. E foi neste período, com base nas consultorias feitas por Giardullo e Carvalho, que a região iniciou sua expansão industrial. Empresas do setor cerâmico demonstraram interesse em montar unidades em solo baiano, em face da abundante existência de matérias-primas naturais.

Com base no amplo conhecimento que foram adquirindo sobre os minerais industriais, ambos criaram, em 1993, a Comissão de Minerais Industriais da Associação Brasileira de Cerâmica (Abceram). Até 2002, esse grupo realizou, anualmente, o Encontro de Mineradores e Consumidores, evento que aconteceu em praticamente todos os Estados do Brasil, como Paraná, Bahia e em São Paulo. Por diversas vezes eleita a ‘Melhor Comissão do Ano’, pela diretoria da instituição, alguns dos trabalhos ali apresentados tiveram importante repercussão e aplicação prática no setor.

Foi em um desses encontros de mineradores e consumidores realizados em Salvador, com patrocínio da CBPM, que aconteceu a inauguração da nova unidade do Grupo Incefra, no município de Dias D'Ávila, com repercussão nos principais jornais. Carvalho lembra que o governador Jader Barbalho aprovou a mudança de um trevo, entre as estradas que interligam o Sul com a Bahia, para facilitar o acesso às instalações da Incenor e da Tecnogrés, ambas integradas ao Grupo Incefra.

Celso de Carvalho relata que a comissão foi um dos pontos mais fortes da parceria, além dos trabalhos realizados nas indústrias de Santa Gertrudes, que culminaram na defesa do processo de via seca (que não utiliza água na moagem), que era combatido pelas indústrias de Santa Catarina, especializadas na via úmida.

Sem dúvida, um resultado marcante dos projetos realizados pela consultoria, no polo cerâmico de Santa Gertrudes foi a significativa mudança, que ali teve lugar, referente à caracterização das matérias-primas e aprimoramento dos processos industriais. Até a década de 1990, somente os revestimentos cerâmicos feitos pelo processo de via úmida eram considerados de boa qualidade.

Fruto do que ali foi realizado e das profundas modificações feitas pelos fabricantes, já a partir da segunda metade da década de 1990, os revestimentos produzidos por via seca conquistaram a confiança do mercado, o que foi de grande importância para os consumidores. Houve, a partir de então, uma demanda de revestimentos com menor custo e qualidade equiparada aos tradicionais fabricados por via úmida.

Santa Gertrudes foi um polo produtor de lajotões coloniais, feitos por extrusão e queimados em fornos intermitentes, graças à excelente matéria-prima existente na região. Como o preço de venda era baixo e o aspecto bonito, as indústrias cerâmicas locais iam muito bem. A abundância de matéria-prima de boa qualidade chamou a atenção de italianos fabricantes de equipamentos para a produção de ladrilhos cerâmicos, pelo processo de via seca. Conseguiram vender a primeira instalação para fazer ladrilhos esmaltados do tipo monoporosa (ladrilhos de alta porosidade). A base era vermelha, inicialmente com esmaltes coloridos, mas sem decoração.

Já existia na região o Sindicato das Indústrias da Construção, do Mobiliário e de Cerâmicas de Santa Gertrudes, equipado com um pequeno laboratório para fazer testes de controle de qualidade nos lajotões e telhas produzidos na região. Em uma primeira fase, esse

laboratório foi adaptado para fazer alguns testes com os ladrilhos. Com a abertura de novas cerâmicas e a necessidade de se fabricar ladrilhos melhores, foi contratado Armando Amarantes, que havia trabalhado no Serviço Nacional da Indústria (Senai) Mario Amato. Ele montou um laboratório de análises e se mostrou capaz de falar a mesma linguagem dos empresários locais, gerando a produção de revestimentos fabricados na região, com qualidade pelo conhecimento e controle da matéria-prima e dos processos, além da criação da Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento (Aspacer).

Houve uma sensível redução no preço do produto, e um incremento na qualidade. E a via úmida teve de se ajustar. Para manter a empresa de consultoria, ambos mantinham uma vida profissional independente, se conectando como consultores, quando havia oportunidade. Também atuaram em empresas da América do Sul, destacando-se a consultoria prestada para a empresa cimenteira 14 de Julio, do Paraguai, que requisitou os serviços de consultoria de Giardullo e Carvalho para implantar mudanças no processo de secagem de argila pozolânica, a fim de atingir a produção de cimento especificada no contrato de fornecimento dos equipamentos.

Aliás, este momento no Paraguai registrou uma das histórias mais loucas da dupla, vivida no ano de 1998. O dono da empresa queria contratar apenas consultores de São Paulo, porque a seu ver, a cidade gerava apenas profissionais competentes. Carvalho sempre questionava Giardullo: “Será que vamos receber?”.

O contrato determinava que os consultores deveriam observar o secador, encontrar o problema e colocá-lo em funcionamento, em uma fábrica instalada próxima de Assunção. Quando lá chegaram, o diretor os acompanhou entre o aeroporto e a fábrica, percorrendo 200 quilômetros de estrada. No trajeto, o motorista era tratado aos gritos, pelo mínimo erro de ligar o carro com o ar-condicionado em funcionamento. Apesar de encontrarem uma fábrica limpa e organizada, presenciaram o diretor urinando na calçada, em plena luz do dia. Os paraguaios aprovaram o trabalho da dupla. Gostaram tanto, que pagaram em dólares.

Incansável defesa dos minerais industriais

Em dezembro de 1999, a empresa de consultoria passou a adotar o nome fantasia de MCG Consultoria. No mesmo ano, Giardullo e Carvalho elaboraram um projeto e apresentaram proposta para a criação da Associação Brasileira de Minerais Industriais (Abramin), considerando

que o setor participava com 1/3 do PIB brasileiro. Essa amplitude do setor exigia soluções que não eram contempladas pelo Instituto Brasileiro de Mineração. A proposta, todavia, não foi aprovada pelo setor.

Carvalho avalia que o que vinha ocorrendo na Abceram, e em todas as instituições associativas, era uma perda de liderança. Os empresários não se faziam presentes nas associações, o que representou um grande lapso da categoria. Para ele, a chegada de Giardullo na Abceram foi muito oportuna. O geólogo ingressou na Associação Brasileira de Cerâmica antes de Celso Monteiro de Carvalho, que, na época, estava na Votorantim. Para Giardullo, a Abramin era um projeto com proposta consolidada.

“Chegamos a organizar um café da manhã, no tradicional Hotel Hilton, da Avenida Ipiranga, em São Paulo, reunindo cerca de 30 empresas. Mas tivemos duas respostas positivas e, obviamente, não se faz uma associação com um ou dois integrantes. É preciso reunir um grupo de pessoas interessadas em lutar por um determinado objetivo.”

A geração de empresários dos anos 1990 vivenciou a falta de comprometimento e de estímulos para criar novas associações, que representam uma alternativa forte de trabalho. Giardullo e Carvalho admitem que, paralelamente ao sucesso, também houve momentos de fracasso, como a instituição da Abramin, em dezembro de 1999. Apesar da representatividade econômica, os minerais industriais continuaram sem uma entidade forte para representá-los.

Paschoal Giardullo, porém, não aceitava a derrota. Nunca aceitou. E sempre buscou diferentes alternativas. Defender a indústria cerâmica, a Arte Cerâmica, a Geologia dos minerais industriais não era uma condição. Nem tão pouco uma alternativa. Era o seu ideal. E esse trabalho poderia ser feito das mais variadas formas: por uma revista, um congresso, um diálogo com um colega ou trabalhando em outra associação.

O trabalho da MCG foi diminuindo e substituído por outras atividades. A área relativa à pesquisas e desenvolvimento de jazidas foi substituída por pesquisas de mercado, para matérias-primas minerais em diversas áreas, e depois ela foi encerrada, pois Giardullo aumentou a produção de massas, assumiu a administração da Revista *Mão na Massa* e empenhou-se em melhorar o Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo (Contaf). Carvalho, por sua vez, entrou na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e faz parte do departamento de Meio Ambiente. Com este histórico, ainda hoje, continuam sendo consultados para solucionar problemas das indústrias e minerações.

CAPÍTULO 13

Informação e união

De São Caetano do Sul para o mundo,
nascem projetos de sustentabilidade para Arte Cerâmica

O primeiro encontro com Paschoal

Residindo em Porto Alegre (RS), vindo há pouco mais de um ano de Montevideú (Uruguai), onde morei por quase três décadas, viajei a São Paulo em meados de 1980, para realizar um curso de construção de forno a gás, ministrado por Cristiano Quirino, ceramista formado em Londres (Inglaterra). O evento aconteceria na sede da Associação Brasileira de Cerâmica, que ainda era na Vila Mariana, zona sul da capital. Com o grupo do curso, visitamos o ateliê do artista, na Praça da Árvore. Quirino, que trabalha com a esposa Sandra, também ceramista, despertou meu interesse pela massa cerâmica que utilizava, nada parecida com as argilas tradicionais. O ceramista me informou que era uma massa feita por Paschoal Giardullo, exclusivamente para o seu ateliê.

Decidi visitar o Paschoal que, na ocasião, tinha escritório em São Caetano do Sul. Fui atendido por sua esposa, Edna, porque ele estava viajando. Comprei alguns cones pirométricos da Brascone, porque ele também fazia parte dessa outra empresa, e as informações da massa ficaram para outra viagem, que se concretizou poucas semanas depois, quando finalmente pude conhecer o famoso geólogo.

Durante a semana em que fiquei em São Paulo, nos reunimos em um sábado à tarde, para conversar sobre vários assuntos referentes a massas e fornos. Paschoal passou na casa de meu primo, onde eu me hospedava. De lá, fomos para um bar na Rua Augusta, e ficamos horas tomando muitas doses de café. Acertamos algumas considerações sobre nossos produtos, sobre as matérias-primas e insumos que ele podia fornecer, um curso sobre massas cerâmicas a ser realizado em Porto Alegre e sobre meus fornos.

O resto desse ano e o seguinte eu viajei várias vezes a São Paulo. Comecei a ter contato com ceramistas que compravam meus fornos. Entre eles, Telma, filha do Paschoal. Pouco tempo depois, meu grande amigo veio a Porto Alegre, para administrar um curso. E foi um sucesso, já que não existia ninguém, em todo Brasil, com qualificação profissional para ministrar algo semelhante. Paschoal inclusive realizou

algumas assessorias para ceramistas e para uma fábrica de cerâmica industrial que tinha um grande problema: durante a queima, havia uma perda de até 75% das telhas, que explodiam dentro do forno. Ele analisou a situação, perguntou como era realizado o processo e recomendou aos quatro irmãos proprietários que, durante a madrugada, fizessem uma visita surpresa para ver o que o fogueiro estava fazendo. Obviamente, encontraram o funcionário dormindo. Depois ele confessou que, para ninguém perceber que ele dormia, colocava em menos de duas horas, toda a lenha que deveria inserir no forno, em 12 horas, o que ocasionava um violento choque térmico nas peças, que estouravam como pipoca.

Em meados de 1982, mudei para São Paulo, e minha relação profissional com Paschoal ficou ainda mais estreita. Eu participava de quase todas as exposições de pintura em porcelana, por todo Brasil. Foi um mercado muito bom, na época, para mim. Mas sem interesse para o Paschoal. Com os ceramistas do Brasil, fiz muitos contatos, graças às suas indicações, que cada dia vendia mais massa especial para eles. Léa Artese, única loja de material cerâmico no Brasil, até então, também me ajudou bastante.

Na medida em que eu crescia com a venda dos fornos, Paschoal também multiplicava as vendas de massas e matérias-primas para ceramistas de todo Brasil. Conheci e fiz amizade com o mestre Lelé, com quem tive aulas de torno cerâmico por quase dois anos. Nesse período, Paschoal começou a visitar Lelé para aproximar os alunos de seu ateliê para o uso das massas de sua empresa. No final da aula, toda a turma, entre 12 e 15 pessoas, ia para um bar, na mesma Vila Madalena, para um bate-papo acompanhado de comes e bebes. Era um momento em que, não raramente, surgia alguma ideia de realizar massas especiais, inclusive a de faiança, com o mestre Fred Toledano, famoso pintor da porcelana, espanhol, radicado em São Paulo, que decorou algumas peças produzidas pelo Lelé com a massa do Paschoal. Mestre Lelé foi um grande incentivador das artes cerâmicas, das massas do Paschoal e de meus fornos.

Em 1984, aconteceu em Uberaba (MG) o 2º Congresso Brasileiro de Cerâmica Artística, organizado pela ceramista Lusa Andrade. Era o único evento para ceramistas no Brasil, naquela ocasião. Paschoal e eu estivemos presentes, inclusive na segunda e terceira edições. Até que o projeto teve um fim.

Em setembro de 1984, fui convidado para um evento de pintura em porcelana, organizado por Eglé Tabacchi Fantoni, no Centro de Even-

tos da Prefeitura Municipal de Embú das Artes (SP). Foi um sucesso de público. Fiquei encantado com o local e com a atmosfera artística da bucólica cidade. Procurei o Paschoal, contando essa experiência. Comentei o quanto aquele seria o lugar ideal para realizarmos um evento das Artes do Fogo, com ênfase em cerâmica. Paschoal gostou da ideia e começamos a trabalhar. Contatamos o prefeito, acertamos tudo com a prefeitura e realizamos o primeiro Congresso Nacional de Técnicas para Arte Cerâmica (Contac), em 1985, naquela cidade.

O congresso atraiu participantes de todo Brasil. E em termos de público, realmente foi um sucesso. Ceramistas chegavam até no último dia, lamentando o atraso. Naquele tempo, não havia internet e toda a comunicação era feita via correio, enviando convites e impressos com a programação. Economicamente, o congresso foi um fracasso. Pagamos para aprender como deveríamos preparar um evento de tal magnitude. Porém, ano após ano, conseguimos melhorá-lo, apesar de trabalhar com um orçamento justo, sempre complementado com os nossos próprios recursos. Porém, todas as contas foram pagas corretamente.

Com a crise galopante do Brasil, paramos de realizar o Contac. Em 1993 e 1994, voltamos a nos reunir com Paschoal para reativar o congresso, que passou a se chamar Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo (Contaf). Mas a distância entre São Paulo e Mogi Guaçu criava um grande contratempo para mim. Resolvi abrir mão da minha participação, deixando tudo com Paschoal e seu filho Caio.

Claro que tivemos, e ainda temos, uma convivência profissional e familiar muito estreita. Ora Paschoal e sua família vêm à minha casa; ou minha família e eu visitamos o casal Giardullo. Edna, em todas as ocasiões, foi uma elegante anfitriã, e minha relação com os filhos deles começou em um período em que todos eram muito jovens. Paschoal e Edna acompanharam o nascimento dos meus dois últimos filhos, Gabriela e Alexandre. É impossível não transformar um relacionamento profissional com Paschoal Giardullo em forte amizade.

Carlos S. E. P. Carvalho é diretor da Fornos Karlos

Com a abertura da Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas, Paschoal Giardullo se viu diante de novos desafios. Estava livre para criar e investir em seu próprio negócio. Mas também estava diante de uma nova responsabilidade: manter uma empresa sólida e em crescimento. Apesar do grande conhecimento e de um nome já solidificado no mer-

cado, persistia sua intenção de expandir a distribuição das argilas por todo o Brasil. Os artistas precisavam saber que havia um fornecedor idôneo e brasileiro, com estrutura para distribuir massas cerâmicas para todo o território nacional.

Diante da pouca verba para divulgação, e com as restrições ainda impostas pela internet, que estava apenas começando, o geólogo recorreu a um recurso simples: desenvolver um informativo, com uma tabela de preços e um artigo técnico envolvendo um processo cerâmico. Apesar dos custos de impressão, os resultados começaram a surgir em poucas semanas.

Periodicamente, um novo informativo, intitulado *Mão na Massa*, chegava aos ateliês de todo Brasil, com ofertas, notícias sobre massas, ferramentas e exposições. Inicialmente tinha duas páginas, mas, gradativamente o veículo ganhou força. No ano seguinte, passou a ter seis páginas, com duas dobras. Às vésperas da virada do novo milênio, o informativo da Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmicas Ltda chegou a sua edição de número 20, com 12 páginas, impresso em duas cores, repleto de reportagens, artigos técnicos, notícias sobre exposições e alguns anúncios.

“A verba arrecadada entre os anunciantes era mínima. O informativo, na verdade, sobrevivia com os retornos nas vendas das massas. Porque era uma boa estratégia para ampliar os negócios.”

A partir do ano 2000, os artistas, ceramistas e clientes começaram a solicitar uma revista. E o que faltava para transformar o informativo em um veículo maior? Uma capa e dois grampos. E foi em abril de 2001 que Paschoal Giardullo realizou mais um sonho, enviando para seus clientes a primeira edição da revista *Mão na Massa*. Uma publicação que se tornaria histórica, com reportagens, editorial e, principalmente, liberdade de expressão e de opinião. E mais um projeto surgia na cidade de São Caetano do Sul (SP), com as primeiras reuniões de pauta realizadas na sede da Pascoal Equipamentos e Massas Cerâmica, na Avenida Goiás.

A primeira edição contou com uma reportagem sobre a Porcelana Teixeira, uma empresa também sediada na cidade. Entre os primeiros ceramistas entrevistados está o Mestre Lelé (1932-2014), que na ocasião já contava mais de 60 anos dedicados à Arte Cerâmica.

Uma revista única no Brasil

Hoje, a revista *Mão na Massa* soma 58 edições. Todas históricas e exclusivamente direcionadas para as Artes do Fogo. É a única pu-

blicação especializada neste gênero, no Brasil. Entre todas as publicações, os editoriais sempre contaram com a assinatura original de Paschoal e Caio Giardullo, assim como Silvana Baiertl permanece como jornalista responsável pelas reportagens e edição (Paschoal Giardullo conheceu a jornalista Silvana Baiertl em 1994, durante um evento realizado na Associação Brasileira de Cerâmica, por ocasião de um encontro da Comissão dos Refratários).

O geólogo conta que, nesses 18 anos de circulação, a revista *Mão na Massa* enfrentou momentos difíceis. A luta pela busca de anunciantes sempre foi constante. A periodicidade teve algumas variáveis. Mas a publicação nunca deixou de chegar às mãos de seus leitores, sempre mantendo um gradativo crescimento. Se faltava verba suficiente para finalizar uma edição, Giardullo sempre foi decidido: aplicava recursos próprios. “Enfrentamos altos e baixos decorrentes de algumas crises, pois nossa revista passou a ser parte dos nossos investimentos. Curiosamente, as empresas que atendem ao segmento das Artes do Fogo ainda não descobriram o grande potencial desse setor. Poucas investem em projetos direcionados para este público. E é uma área de potencial incontestável e amplo.”

A revista *Mão na Massa* passou a ser uma publicação indispensável para os artistas especializados nas Artes do Fogo em todo Brasil. Suas reportagens preservam um conteúdo relevante, transitando entre o passado, presente e futuro, sem perder a atualidade. A força de um ideal do geólogo Paschoal Giardullo se tornou fonte de informação indispensável ao artista que pratica Artes do Fogo, assim como para bibliotecas e ateliês do país.

A partir de 2007, a revista iniciou uma parceria com a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social – Bunkyo. Ambas se uniram para criar mais um estímulo aos artistas premiados na Grande Exposição de Arte Bunkyo. A cada ano, a obra em cerâmica classificada em primeiro lugar, na categoria Arte Craft, tem contracapa da revista garantida, como incentivo aos artistas seguidores da Arte Cerâmica. Desde então, muitos ceramistas premiados pelo Bunkyo foram destaque na contracapa, entre eles: Nádia Saad, Luiz Victor Vieira, Marcelo Tokai, Luciane Yuki Sakurada, Yuki, Aya Basilio, K. Ino, Fernando Aidar e Ruben Alekxander.

Grandes nomes da Arte Brasileira valorizaram as capas da revista *Mão na Massa*, e ganharam notoriedade entre os ceramistas brasileiros. Podemos citar: Luiz Olinto, Renata Sparapan, Marcelo de Melo, Anna Vera Pessoa, Sarasá, Thais Antunes, Luiz Toledo, Sami Kho-

zan, Shoko Suzuki, Sérgio Amaral, Expedito Ferreira, Maria Helena Saporoli, Máximo Soalheiro, Fernanda Moreira, Lucio Gaspari, Maurício Flausino, Lúcia de Fátima Roda Maciel, Gilberto Pavan Narciso, Máyy Koffler e Cerâmica Luiz Salvador.

Entre os internacionais: Nina Hole (1941-2016), Peter King, Ruth Krauskopf, Martha Pachón, Marcela Cerda, Jennifer McCurdy, Guillermo Mañe, Mitchell Graftone, Nicola Boccini e Peter Beasecker.

A técnica abordada em artigos

A realidade do ceramista é extremamente difícil no Brasil. Com poucas escolas especializadas e cursos universitários, a Arte Cerâmica acontece espontaneamente, o que favorece o espírito empreendedor de todos que se envolvem nesta área. Para suprir uma carência, Paschoal e Caio Giardullo partiram de um critério: toda edição da revista deveria ter pelo menos duas páginas para abordar um tema técnico, o que deu origem à seção *Tecnicamente Falando*. Apesar da busca por informações diversificadas, o leitor da revista *Mão na Massa* prioriza o conteúdo prático, as informações que reforçam sua habilidade com a argila, com o vidro e o domínio sobre as reações da massa cerâmica com as temperaturas da queima, as compatibilidades de materiais e acabamentos.

O conteúdo dos artigos técnicos da publicação se tornou tão valorizado e necessário, que deu origem à primeira edição do *Nosso Livro de Cerâmica – Introdução à Técnica para Cerâmica Artística*. A extensa abordagem e a variedade de temas contribuem sensivelmente no entendimento dos processos cerâmicos. Nestes 16 anos, a publicação apresentou mais de 60 artigos, assinados por ceramistas, mosaicistas, vidreiros, acadêmicos, técnicos ou relatados por Paschoal e Caio Giardullo, conforme suas experiências e observando as dúvidas de seus clientes no fornecimento de massas cerâmicas e materiais e ferramentas. A primeira edição do livro está totalmente esgotada. A segunda edição, revista e ampliada, foi publicada no segundo semestre de 2017.

Paschoal Giardullo acredita na necessidade de manter uma revista única no Brasil, que aborda assuntos variados sobre técnica, conhecimentos, iniciativas, exposições, e procedimentos que permitem levar mais informação a artistas, ceramistas, vidreiros, vitralistas e porcelanistas. Uma revista que retrata o mundo das Artes do Fogo, considerando a sua diversidade: “Enfrentamos muitos mo-

mentos difíceis. Frente a qualquer crise, o mercado não apenas se retrai, mas elimina em primeiro lugar os investimentos em divulgação. Portanto, somos os primeiros a sentir os efeitos de uma retração.”

De uma forma ou de outra, a revista *Mão na Massa* permanece. O leitor espera pela publicação e acredita no seu conteúdo, porque confia em seu idealizador. Paschoal Giardullo está, hoje, entre os responsáveis pela evolução das Artes do Fogo no Brasil, por sua experiência e conhecimentos; por sua imparcialidade em desenvolver a melhor massa, sem interferir na essência do trabalho do artista; e por sua determinação em iniciar e concluir um projeto, seja em que tempo for, seja em que condição for. A palavra desistência nunca fez parte do seu vocabulário. E ele será exemplo para gerações de artistas futuros, e para uma legião de pessoas, pelo país e pelo mundo.

Nosso Livro de Cerâmica

Uma das primeiras publicações especializadas no assunto. Um livro que veio suprir a ausência de um conteúdo técnico, editado no Brasil e em português, em 2005. *O Nosso Livro de Cerâmica – Introdução à Técnica para Cerâmica Artística* não teve a pretensão de esgotar o assunto. Os autores Caio Giardullo, Paschoal Giardullo e Urames Pires dos Santos pretendiam estimular a divulgação de informações especializadas, que respeitassem a realidade da Arte Cerâmica praticada no Brasil, utilizando uma linguagem técnica, porém acessível e simples.

O livro contempla 96 páginas, que descrevem todos os processos cerâmicos, baseados nas dezenas de artigos publicados na revista *Mão na Massa*. Em sua segunda edição, os autores acrescentaram novas informações, coletadas de livros técnicos de diferentes autorias e procedências. O conteúdo atende ceramistas em nível avançado, intermediário ou iniciantes.

Foram ouvidos artistas experientes, aplicando a vivência de cada um, incluindo pesquisas de novas massas cerâmicas, dezenas de ilustrações, esquemas e fotos. Além de respeitar uma metodologia cronológica dos processos cerâmicos, seguindo os estágios do início ao fim, como escolha da matéria-prima, preparação das massas, técnicas de modelagem, secagem, queima, esmaltação e decoração.

Mais uma iniciativa de Paschoal Giardullo, ao lado de Caio Giardullo e Urames Pires dos Santos, criando uma publicação densa e prática. Para finalizar, dicas sobre organização do ateliê, incluindo recomendações e normas de segurança.

A força de um ideal realiza um dos maiores congressos da América Latina

Na virada do milênio, Paschoal Giardullo era um homem plenamente feliz e realizado. Profissionalmente, o geólogo conquistou a consagração. Seu nome se propagava por todo o Brasil, como um dos melhores na identificação e exploração de jazidas de minerais industriais, principalmente matérias-primas para cerâmica. Porém, ainda havia algo mais em seu pensamento. Ele queria realizar mais.

Foi no bar de seu filho, em São Caetano do Sul, durante um morno entardecer, que ele se encontrou com o amigo Carlos Carvalho, fabricante dos fornos Karlos, para um bate-papo informal sobre a reativação do Contaf, que estava paralisado, mas em condições profissionais e contando com uma estrutura técnica, uma empresa especializada em organizar congressos. Silvana Baierl teve oportunidade de testemunhar as conversas, acompanhadas por uma deliciosa picanha no alho, a melhor da região. O trio se encontrou após uma reunião de pauta da revista *Mão na Massa*. E assim, mais um projeto ganharia forma, na história de Paschoal Giardullo e na cidade de São Caetano.

Anualmente, realiza-se em São Paulo, a Mega Artesanal, uma feira específica para artesanatos, venda de matérias-primas, cursos e lançamentos para as áreas de tecidos, papéis, pinturas, etc. Giardullo conheceu os organizadores da WR São Paulo Feiras e Congressos, interessados em acrescentar a Arte Cerâmica em seus eventos, e contou para eles as experiências com as edições do Contaf. Eles consideraram o projeto relevante e se mostraram motivados em promover os próximos congressos, com Giardullo.

Depois daquele encontro, Paschoal Giardullo não conseguia deixar de pensar em seu objetivo: organizar um congresso que valorizasse as Artes do Fogo, fomentando conceitos, colocando o tema em um patamar mais amplo, com inúmeros palestrantes, exposições, debates, materiais, tendências e inovações. Um evento que englobasse toda a magnitude do mundo da cerâmica artística.

A iniciativa, porém, exigia muito esforço. Giardullo avaliava os resultados das primeiras experiências do passado. Mas não desistia. Conversava com diferentes pessoas, apresentava sua ideia, refletia e buscava opiniões. Desde que se lançou na fabricação de massas cerâmicas, percebeu a carência de informações e o quanto era importante organizar um evento que auxiliasse artistas, artesãos e ceramistas nas questões técnicas mais profundas.

“Eu me baseava no passado, como a década de 1970, quando eu fazia parte da Associação Brasileira de Cerâmica, quando me habituei a conviver com os congressos feitos pela instituição, e que convergiam para as questões técnicas dos processos industriais. Naquele tempo, já ocorriam algumas reuniões entre artistas, com palestras.”

O mercado estava atravessando um período de expansão. As peças de faiança apontavam uma forte tendência, sendo grande parte delas feita pelo processo de fundição. A pintura em porcelana estava no auge e a cerâmica de alta temperatura começava a despontar. Seguindo essa tendência, surgiram novos fabricantes de equipamentos para atender à demanda. Todo esse cenário mostrava a Giardullo que ele estava no caminho certo, apesar das experiências vividas na década de 1980. Dificuldades que serviriam de base para criar um projeto melhor.

“Quando decidiu promover o Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo (Contaf), eu buscava oferecer algo novo no segmento. Porque o ceramista também era diferente. A Arte Cerâmica, no Brasil, tomava um novo rumo. A nova geração de artistas era menos resignada. Todos estavam se libertando dos moldes estrangeiros e descobrindo seus próprios valores e culturas. Realmente, era o momento certo para retomarmos a realização de um congresso voltado para o engrandecimento das Artes do Fogo.”

A primeira edição do Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo, em sua nova configuração, aconteceu entre os dias 12 e 14 de agosto de 2003, nas dependências da Escola de Cerâmica do Serviço Nacional da Indústria (Senai) Mario Amato, em São Bernardo do Campo (SP). O sucesso do evento comprovou o quanto era necessário realizar algo em favor da Arte Brasileira. Durante três dias, inúmeros artistas participaram das atividades, entre palestras e cursos, discutindo os prós e contras de seus ofícios.

Inúmeros participantes foram se envolvendo na iniciativa de Carlos Carvalho, Paschoal e Caio Giardullo. E na primeira edição, os organizadores conseguiram incluir uma feira de negócios, com a presença de seis fornecedores de São Paulo e um de Santa Catarina.

“O artista se mostrava sempre em busca de seu espaço. Mas o fazia de forma solitária, muito envolvido na rotina de seu ateliê. Contudo, a necessidade de informação e atualização era fundamental para ampliar seu mundo, fortalecer seu nome e estimular a comercialização de seu trabalho. O Contaf despertou a diversidade de ideias e possibilidades para os ceramistas. O artista deixava seu ateliê e participava do nosso congresso disposto a saber mais.”

Diante dos resultados do primeiro evento da nova fase, em 2003, Paschoal Giardullo notou o quanto as Artes do Fogo tinham riqueza e, principalmente, não se resumiam aos limites de São Caetano do Sul, onde tudo começou, mas se expandiam por Estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Na primeira edição, o evento recebeu artistas de todo Nordeste, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná, Bahia, além do Rio de Janeiro e São Paulo. Chegavam em excursões, pegando carona, com veículo próprio ou de avião. “Foi um grande encontro entre ceramistas de todas as partes do Brasil. E cada um tinha sua história. Participavam com ajuda da família, com recursos próprios ou patrocinados por instituições de sua cidade. Foi realmente bonito vivenciar, durante três dias, de um mesmo ideal.”

“Em 2006, as discussões ganharam ainda mais força. Os participantes começavam a se sentir mais seguros para debater suas opiniões. Realizamos duas mesas redondas, para avaliar o ensino da Cerâmica Artística no Brasil, e sua comercialização. Outros temas abordados foram: Efeitos metálicos na queima de Raku, Cerâmica Marajoara e Bolhas na cerâmica de alta temperatura. Era cada vez mais gratificante realizar o congresso a cada ano. Caio e eu esperávamos pela realização do evento com uma visível ansiedade e alegria.”

Paschoal Giardullo sentia que os esforços eram dignificados com os excelentes resultados. Todo sacrifício valia a pena, porque eram nítidas as evoluções na Arte Cerâmica. Artistas brasileiros começavam a ganhar reconhecimento no exterior. Outros eventos começavam a acontecer em todas as partes do Brasil e a Arte Cerâmica dava sinais de sua qualidade em diferentes concursos, conquistando prêmios e reconhecimento.

O Contaf apresentava inúmeras técnicas das Artes do Fogo ao mesmo tempo, em um único local. Porém, Paschoal e Caio Giardullo sempre enfrentavam dificuldades. A falta de patrocinadores muitas vezes impedia o incremento de novas atrações. Tanto que, em 2007, devido a problemas de infraestrutura aérea, enfrentados pelos aeroportos do Brasil, o congresso não aconteceu.

“Foi apenas uma interrupção. Entre nós, o diálogo era constante. Sempre conversávamos sobre as possíveis estratégias para manter o evento vivo na memória de cada ceramista brasileiro. Com isso, ganhamos fôlego e retornamos com outras propostas”.

Em 2008, o congresso aconteceu em maio, no Senai Mário Amato, com a presença do escultor e ceramista Megumi Yuasa, falando sobre

os resultados maravilhosos que ocorrem no processo criativo feito ao acaso. O público também contou com a presença de ceramistas como Máximo Soalheiro, Angel Roberto Bonino (1932-2008)), mestre na arte do *fusing* (arte em vidro), além de Sueli Massuda, Ofra Grinfeder e Sebastião Pimenta. Entre os palestrantes internacionais, Paschoal Giardullo trouxe o ceramista espanhol Joaquim Chavarria, autor de vários livros sobre cerâmica.

Em 2009, ao lado de seu filho Caio, Paschoal Giardullo anunciou ao mercado que o Contaf finalmente atenderia às inúmeras solicitações, adquirindo um caráter itinerante. Contando com a parceria de Marcelino Albernaz, proprietário da Cerâmica Luiz Salvador, o evento aconteceu em Itaipava, distrito de Petrópolis (RJ). Pela primeira vez no Estado do Rio de Janeiro, o Contaf também oferecia ao ceramista a oportunidade de conviver com a rotina de uma fábrica de faiança em funcionamento, com o congresso ocupando parte das instalações da Cerâmica Luiz Salvador.

“Fomos muito audaciosos na decisão, e contamos com total apoio de Albernaz, que viu no Contaf uma oportunidade de fortalecer a cultura cerâmica na região, além de facilitar o acesso dos ceramistas da capital e de todo o Estado do Rio.”

O Contaf foi destaque nos jornais da região, ganhando notícias de capa. Alcançou o número máximo de inscrições permitidas, com palestras e demonstrações cuidadosamente selecionadas para compor a programação dos dias 15 e 16 de outubro de 2009. Aos participantes, foi oferecido um passeio pela fábrica, incluindo as novas instalações, muito mais modernas. O artista Wandecok Cavalcanti veio de Brasília (DF) para realizar demonstrações, produzindo uma obra sacra durante os dois dias de evento, com detalhes sobre a modelagem de anjos barrocos para parede. O evento contou também com a presença de Mario Seguso, vidreiro consagrado de Poços de Caldas (MG), apresentando palestra sobre a sua fascinante trajetória artística, que emocionou o público com as técnicas de modelagem de Murano.

Em 2010, Paschoal e Caio Giardullo receberam um convite para realizar o evento na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais, nas instalações do Campus Tancredo Neves da Universidade Federal instalada naquela cidade, onde funcionava um curso de arte aplicada com ênfase em cerâmica. Além de ter o local como um atrativo, os participantes poderiam conviver com a magia das Artes Barroca e Sacra mineiras. O cenário se mostrou perfeito e único.

“Entramos em contato com Nina Hole, artista dinamarquesa, que

trabalhava com obras intituladas ‘esculturas flamejantes’ - peças de grandes dimensões, queimadas no local onde são modeladas. No final da queima, o fogo exala das peças e ainda, para provocar uma coloração diferente, baldes de serragem com óxidos são jogados sobre as labaredas, criando um espetáculo pirotécnico. Nina aceitou vir ao Brasil, com duas ajudantes: Ann Charlotte, da Suécia; e Renata Cassiano, do México. Para isso, contamos com o apoio da Universidade Federal de São João del-Rei, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), do Geopark Quadrilátero Ferrífero e das Indústrias Brasileiras de Artigos Refratários S.A.”

O grande espetáculo aconteceu na noite de 21 de outubro. Era possível visualizar a escultura em chamas, quando todos os participantes foram convidados a arremessar serragem, sais e óxidos sobre a peça incandescente, gerando um grande espetáculo pirotécnico.

Em 2011, o evento aconteceu pela primeira vez na capital de São Paulo, nas dependências do Bunkyo - Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, localizada no Bairro da Liberdade. Para a ocasião, Paschoal Giardullo trouxe do México os ceramistas Claudia Louvera, Pabra Quexada e Marcio Caballero de Carranza Dupont. Da Argentina, veio Alejandra Jones; e Marilu Rosenthal, do Chile. Entre os brasileiros, presenças importantes, como Anna Maria Maiolino, Lygia Reynach, Kenjiro Ikoma, Israel Kislansky e as Figureiras de Taubaté (SP). O músico e ceramista italiano, radicado no Brasil, Giorgio Pacchioni, realizou uma oficina de construção de ocarinas.

“Foi um momento de união entre ceramistas brasileiros e sul-americanos, em um espaço que representa a comunidade japonesa no Brasil. Ou seja, a Arte Cerâmica mantém, no Brasil, várias nacionalidades, e, ao mesmo tempo, não tem nacionalidade alguma. É uma arte que se tornou universal, na qual prevalece o talento.”

Em 2012, o Contaf ocupou nas dependências do Bunkyo, onde se repetiu até 2014. Sempre mantendo a ousadia em trazer atrações internacionais, Paschoal Giardullo trouxe para o evento o ceramista e escultor norte-americano Peter King, e sua esposa, a ceramista Xinia Marin, ambos estabelecidos na Flórida, em Orlando (Estados Unidos), especialistas em cerâmica arquitetônica. Esse congresso marcou também a primeira edição do projeto Caneca Solidária, uma iniciativa que respeita um conceito beneficente. Todo artista pode participar, doando uma caneca que, obrigatoriamente, deve ser concebida sob a técnica da Arte Cerâmica. As peças doadas são

disponibilizadas para venda, no último dia do evento. Toda renda obtida é revertida para a manutenção de uma entidade beneficente, com sede na cidade onde o Contaf acontece naquele ano.

E o congresso mais uma vez, fazia história, com a presença de Shoko Suzuki, Shugo Izumi, Akinori Nakatani, da artista chilena Ruth Krauskopf, da argentina Mirtha Cappellari e do crítico de arte Oscar D'Ambrosio.

Em 2013, mantendo-se nas instalações do Bunkyo, apresentou a escultora italiana Caterina Zachetti, ao lado de ceramistas brasileiras, como a baiana Dagmar Ferreira Muniz, de Belmonte (BA), que modela vasos gigantescos sem o uso de tornos, queimados em forno a lenha, usados para fazer tijolos. Presença também do ceramista Maneno Juarez, de Chulucanas (Peru); de Nícia Braga, ceramista mineira radicada em Tiradentes (MG); e de Carmem Seibert, expondo suas peças em *fusing*, na palestra sobre Chapéus em Vidro. Outro destaque importante foi a apresentação do documentário *Francisco Brennand*, da cineasta Marianna Brennand, sobrinha-neta do artista, que relata a vida e a obra do tio.

Em âmbito internacional, vieram a artista colombiana radicada na Itália, Martha Pachón Rodríguez; o italiano Luciano Lagui; a chilena Micaela Weiss; o francês radicado no Brasil, René Le Denmat; e a argentina Silvia Barrios. Foi nessa edição que o público conviveu com uma demonstração simultânea, reunindo dois ceramistas em uma só palestra. Os mestres Santeiros, Netinho e seu filho Guilherme Moraes, trabalharam juntos modelando a Sagrada Família. O escultor Luciano Almeida trabalhou durante os três dias, na área da recepção, fazendo uma demonstração contínua de modelagem de uma cabeça humana.

No ano seguinte, Giardullo novamente contou com o apoio do amigo Marcelino Albernaz. E mais uma vez, o Contaf 2015 aconteceu nas instalações da Cerâmica Luiz Salvador. A cada ano, Paschoal Giardullo trabalha para alcançar níveis ainda mais elevados na programação, sempre trazendo grandes nomes das Artes do Fogo do Brasil e do mundo. Foi neste ano, também, que teve início a mostra *À Mesa*, expondo peças para compor a decoração de uma mesa, além de manter o *Caneca Solidária*, que chegou à sua quarta edição.

O evento contou com a participação da artista Jennifer McCurdy, de Massachusettes (Estados Unidos), além da chilena Marcela Cerda. Do Brasil, participaram Solange Bonfim Mano, de Itaipava; Roseli Kietzer Moreira, de Blumenau (SC); e Rosemary Pinto Valverde de Carvalho, de Juiz de Fora (MG).

E em 2016, o geólogo manteve o projeto itinerante, realizando o congresso em Joinville (SC), uma cidade que permitiu acesso mais fácil aos ceramistas localizados nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, mantendo também uma boa distância entre São Paulo, Rio de Janeiro e países do Mercosul.

Nos dias 10, 11 e 12 de agosto daquele ano, Joinville se tornou a capital das Artes do Fogo, recebendo ceramistas, vidreiros, vitralistas, mestres santeiros e porcelanistas de todo o mundo. Para garantir melhor atendimento, conforto e aproximação entre os inscitos, o evento aconteceu pela primeira vez em um local com total estrutura: o Bourbon Joinville Business Hotel, localizado no Centro da cidade, próximo de restaurantes, shoppings e atrações turísticas.

Entre os palestrantes estrangeiros, presença do argentino Guillermo Mañé, que nos últimos anos desenvolve peças cerâmicas a partir de argilas sem plasticidade; e do norte-americano Mitchell Grafton, que atualmente tem ateliê na Cidade do Panamá.

“Hoje temos muitos artistas e designers de talento no Brasil. Mas eles continuam enfrentando a falta de escolas especializadas. O Contaf oferece uma visão ampla sobre as atuais tendências, e sobre tudo o que envolve as Artes do Fogo. A realização em Joinville, em um hotel bem estruturado, aumentou consideravelmente a importância do nosso congresso.”

Com os excelentes resultados obtidos na realização do Contaf em Joinville, no ano seguinte (2017), Caio e Paschoal Giardullo pesquisaram o perfil da Arte Contemporânea no Brasil, e elegeram Campinas (SP) como a cidade-sede para a 14ª edição, que aconteceu entre os dias 22 e 24 de agosto, no Hotel Meliá Campinas. Entre as atrações internacionais, contou com a participação de Peter Beasecker, natural de Ohio (Estados Unidos), mestre da Alfred University; e de Nicola Boccini, de Deruta (Itália), artista especializado na técnica maiólica.

Em 2018, o Contaf retorna à região Sul, escolhendo a capital do Paraná para sediar o evento. Cidade repleta de ateliês, artistas, museus e galerias, Curitiba recebeu artistas de várias regiões do Brasil, durante os dias 15, 16 e 17 de agosto. Entre os convidados especiais, presença internacional de Alberto Bustos, artista-revelação e grande mestre na produção de esculturas que exaltam os valores da natureza. Nascido em Valladolid (Espanha), Bustos é um autodidata que compartilha seus conhecimentos ao redor do mundo.

O evento reuniu cerca de 300 participantes, entre 250 inscitos, superando os índices anteriores. Contou com inúmeras atrações, incluindo

o lançamento do primeiro livro de José Carvalho, ceramista consagrado estabelecido no polo cerâmico de Cunha (SP), além de inúmeras demonstrações e oficinas de modelagem, pinturas, produção de mandalas, aplicação de engobes e inúmeros debates.

Em sua 15ª edição, o Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo atinge, a cada ano, um novo grau de importância na Arte Cerâmica Contemporânea, sendo um dos eventos mais importantes do setor, em toda a América Latina. A partir de sua evolução, o Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo perdeu o conceito de “evento para troca de conhecimentos”. É um acontecimento esperado todos os anos, pelos artistas e artesãos especializados em Arte Cerâmica, mosaico e arte vidreira, preparando o futuro das Artes do Fogo no Brasil. Há 16 anos, um sonho se transformou em realidade. Paschoal Giardullo enveredou, totalmente comprometido, para o segmento de congressos direcionado aos interessados nas Artes do Fogo. Seu filho, Caio Giardullo, jamais esmoreceu. Manteve-se firme ao lado do pai, incentivando e procurando mostrar sempre os benefícios do evento, mesmo diante das incertezas do mercado e das dificuldades.

“Fico pensando sobre o que mudou nesse segmento. A pintura de porcelana sofreu uma redução, tendo atualmente poucas exposições sobre esta técnica no Brasil. O uso da faiança, principalmente por fundição, também diminuiu, devido à concorrência desleal das mercadorias chinesas. Em contrapartida, a Arte Cerâmica em alta temperatura teve um desenvolvimento considerável e rápido. A queima a gás se popularizou. O artista-ceramista detém mais conhecimento técnico e criativo. As universidades e escolas estão entrosadas com esse público, criando cursos acadêmicos de Artes Plásticas com ênfase na Arte Cerâmica. Enfim, todo esforço não tem sido em vão. Sempre haverá novas possibilidades. E por esta razão, mantenho minhas expectativas, sempre empenhado no desenvolvimento de novas atividades para preservar o Contaf como um evento indispensável para a prática das Artes do Fogo, proliferando os conhecimentos, incentivando o trabalho artístico com sabedoria, no Brasil e no mundo.”



Paschoal Giardullo discursa durante abertura do Contaf 2003

REGULAMENTO

De a finalidade de garantir um perfeito funcionamento as atividades do "CONGRESSO NACIONAL DE TÉCNICAS PARA ARTE CERÂMICA", todos os participantes devem obedecer a presente regulamentação. Qualquer Têm não previsto, será resolvido pela Comissão Organizadora.

1. O "CONGRESSO NACIONAL DE TÉCNICAS PARA ARTE CERÂMICA", será realizado de 19 a 24 de Agosto de 1985, no Salão de Exposições "Senai Mario Amato" da Estação Turística de Embu das Artes/SP, nos horários previstos na programação anexa.
2. Poderá participar do "CONGRESSO" qualquer pessoa de interesse, desde que realize de longo e breve sua inscrição, com o pagamento de uma taxa de R\$ 100,00, (cem mil cruzeiros).
3. Cada participante receberá um "Crédito" identificatório, no qual constará o nº de inscrição, o nome do participante e a sua cidade.
4. Serão obrigados aos participantes a usar o "Crédito", sem o qual não será permitida a ingresso nas palestras, demonstrações e visitas.
5. Os horários de início das atividades deverão ser rigorosamente observados.
6. Não será permitida a entrada de pessoas portadoras de armas, bebidas e outros materiais no Salão do "CONGRESSO".
7. Cada participante receberá ao final do "CONGRESSO" um certificado, desde que tenha realizado de um até cinco de 75% das atividades realizadas.

VEJA COMO É FÁCIL CHEGAR AO EMBU - TERRA DAS ARTES

1. USAR AVIÃO
2. USAR O ÔNIBUS
3. PEGAR O TÔ
4. CHEGAR NO TÔ
5. ENCONTRAR O EMBU

1. ACESSO A EMBU
2. PEGAR O TÔ
3. EMBU TURÍSTICO
4. CHEGAR NO EMBU
5. SAIR DE EMBU

NOTA: Sempre que o ônibus de Embu estiver circulando no sentido de Embu, ele estará em "CIRCULAÇÃO", com placas e condutores devidamente autorizados.

I CONGRESSO NACIONAL DE TÉCNICAS PARA ARTE CERÂMICA

REALIZAÇÃO

Prefeitura Municipal da Estação Turística de EMBU
ESTADO DE SÃO PAULO

ORGANIZAÇÃO
PASCHOAL GIARDULLO
CARLOS S. E. P. DE CARVALHO

19 A 24 DE AGOSTO DE 1985

Folheto da primeira edição do Congresso Nacional de Técnicas pra Arte Cerâmica, realizado em 1985, em Embu das Artes, e organizado por Paschoal Giardullo e Carlos Carvalho

Programação do Contaf realizado em 2003, no Senai Mario Amato, em São Bernardo do Campo



Público presente na abertura da edição de 2003 do Congresso Nacional de Técnicas das Artes do Fogo

Programação

Horário	Dia 12		Dia 13		Dia 14	
	Sala 1	Sala 2	Sala 1	Sala 2	Sala 1	Sala 2
8:30-9:30	INSCRIÇÕES		O Pêlo Cerâmico de Cunha (Gilberto Jardimino)		Workshop de Técnicas de Escultura (Claudio D. Avila)	
9:30 - 10:30	ABERTURA Conferência A Importância do Artesanato		Preparação e Controle de Esmaltes Cerâmicos (Nelly Góes)	A Evolução das Técnicas de Decoração em Porcelana (Gerardo Davari)	Porcelana Cerâmica (Luiz Góes)	Decalques (Poldoro)
10:30 - 11:00	COFFEE BREAK		COFFEE BREAK		COFFEE BREAK	
11:00 - 12:00	FINANCIAMENTOS		Fabricação de Molde de Gesso (Elton Gourent de Silva)	A Cerâmica no Mundo (Alberto Coimbra)	Paper Clay (Paschoal Giardullo)	Técnicas de Decoração com Lapis Cerâmico (Rafaela Soares)
12:00 - 13:00	Enxofres - o que são e como usá-los (Gilda Cymbalista)	Técnicas de Decoração com Folhas de Ouro e Prata (Mario Watanabe)	Paletado (Návy Koffler)	Maldica (Matu Serra)	Projetos Especiais em Cerâmica (Luiza Eidi)	
13:00 - 14:30	ALMOÇO		ALMOÇO		ALMOÇO	
14:30 - 15:30	Fusing de Peças Grandes (Roberto Boina)	Seragem e Queima de Peças Cerâmicas (Ricardo M. Gallo)	Vidro (Mario Seguso)		Usando Bastões (Modelagem de Vidro (Tatiana de Oliveira)	Raku (Gisela Andrade e Rachel Robert)
15:30 - 16:00	COFFEE BREAK		COFFEE BREAK		COFFEE BREAK	
16:00 - 17:00	COOPERATIVISMO		DESIGN		SUPRIMENTOS	

Mão na Massa

INFORMATIVO DA PASCHOAL EQUIPAMENTOS E MASSAS CERÂMICAS LTDA. ANO 1 Nº 1 OUTUBRO/1994

APRESENTAÇÃO
 Nance uma nova fonte de informação para ceramistas

Com a finalidade de estabelecer um canal de comunicação constante com os nossos clientes e também para comemorar o 6º aniversário, a Paschoal Equipamentos e Massas Cerâmicas resolveu lançar o "Mão na Massa", que circulará regularmente.

O informativo é dirigido a todos aqueles que usam as nossas massas, para queira em alta ou baixa temperatura, sejam decoradores, escultores, produtores de peças de adorno, bijuterias, utilitários ou para aqueles que empregam as massas para fazer moldes, tanto para fundição como para peças cerâmicas. Também queremos chegar até aqueles que usam as massas Paschoal nas escolas ou em oficinas para fins terapêuticos. Enfim pretendemos contribuir com informações e serviços a todos os nossos clientes, ceramistas ou não.

Venham ter conosco, normemente,

editorial

A Valorização da Cerâmica

Nos últimos tempos percebemos uma tendência à revalorização das peças cerâmicas tanto das usadas como adorno ou como utilitários, especialmente estes últimos têm recebido uma maior valorização. A prova disso é que a personalização da loja usada em restaurantes aumenta dia-a-dia. Um exemplo são as peças com formas exclusivas, usadas pelos restaurantes orientais.

Louças deste tipo estão cada vez mais sendo procuradas, formando um mercado bastante interessante para os pequenos ceramistas.

Nós temos matérias-primas em quantidade e qualidade que permitem a fabricação dos mais variados tipos de Cerâmica, tanto de baixa como de alta temperatura. Temos criatividade em

ainda por ser ocupado, desde que tenhamos peças de qualidade e preços competitivos.

Mas para isso é preciso uma concientização dos ceramistas brasileiros para a qualidade. É preciso que cada ceramista encare os outros não como adversários mas como aliados na luta pela conquista de um mercado, na valorização da cerâmica nos seus vários campos. É necessária a união de todos pela valorização da cerâmica. O Mão na Massa nasceu para colaborar com estes soldados nesta luta pela arte de fazer cerâmica, Uma Cerâmica Brasileira, que esperamos em breve será ainda mais conhecida em todo o mundo.

Paschoal Giardullo

Primeira edição do informativo *Mão na Massa*, de outubro de 1994, e que, posteriormente, se transformaria na revista de mesmo nome



Primeira edição da revista *Mão na Massa*, lançada em abril de 2001



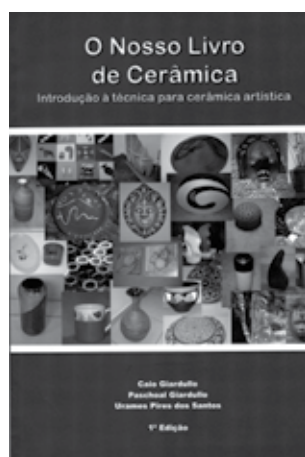
Edição comemorativa dos 10 anos da revista, em 2011



Edição de nº 58 da *Mão na Massa*, lançada em 2020



Escultura da dinamarquesa Nina Hole, que trabalhava com peças de grandes dimensões, queimadas no local onde são modeladas, após a queima, durante o Contaf 2010



Capa do *Nosso Livro de Cerâmica – Introdução à técnica para cerâmica artística*, com primeira edição lançada em 2005

Jennifer McCurdy, dos Estados Unidos, participa da edição de 2015 do Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo



Americano Peter King, especialista em cerâmica arquitetônica, durante sua exposição no Contaf 2012



CAPÍTULO 14

Associação Brasileira de Cerâmica

Uma jornada seguindo as transformações da Cerâmica no Brasil

Em meados dos anos de 1960, Paschoal Giardullo somava à sua experiência como geólogo, uma boa bagagem de conhecimentos como empresário. A convivência nas jazidas o tornou um profissional com visão de futuro. Aprendeu a tomar decisões rápidas, a assumir riscos e a enfrentar obstáculos sem ter medo de errar, o que é comum entre alguns profissionais. Naturalmente, seu poder de decisão começou a despertar o interesse do mercado. Diante da qualidade dos serviços prestados à Ferro Enamel do Brasil, surgiu o convite, por intermédio do presidente da empresa, Albert L. Gerard, também presidente da Associação Brasileira de Cerâmica (Abceram), para participar da entidade.

A história da Abceram

Em julho de 1953, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), por meio de Ernesto Pichler, chefe da seção de Geologia do Departamento de Mecânica dos Solos da instituição, convidou Ralf Grim, da Universidade de Illinois (EUA), para pronunciar uma série de conferências sobre argilas no país. Para participar delas a seção de Cerâmica do IPT convidou muitos ceramistas, que demonstraram um grande interesse pelos temas apresentados. Tudo isso motivou os empresários da indústria cerâmica a formar a Associação Brasileira de Cerâmica, atualmente conhecida como Abceram.

Fundada em setembro de 1953, a entidade promove a interação de pessoas físicas e jurídicas, envolvidas no meio cerâmico e áreas conexas. Mantém publicações de caráter científico e tecnológico, participa de ações de formação de pessoal, pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica, e promove e defende a cerâmica nos planos: artístico, científico, cultural, didático, empresarial, industrial e tecnológico.

Em novembro de 1953, foi registrado o estatuto, que certificou a criação da entidade. Giardullo lembra que, na época, havia um pequeno impasse, entre a perfeição do produto final e a qualidade e valores da matéria-prima natural. Para assuntos como este, havia, na entidade, a Comissão de Matérias-Primas.

O geólogo participou desta comissão, colaborando na realização dos congressos. Apresentou trabalhos, sempre visando às matérias-primas naturais e o seu uso nas indústrias cerâmicas. Era minerador e consultor, e conhecia perfeitamente as várias indústrias da área, tanto as de pisos, quanto as de azulejos, sanitários, refratários e vidro.

Vale ressaltar o que representava a Associação Brasileira de Cerâmica, naquela ocasião. Sua sede estava localizada dentro da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, onde funcionavam secretaria, biblioteca e um pequeno auditório para 150 pessoas. Tudo isso foi arranjado por Antonio Ermírio de Moraes, das indústrias Votorantim, que presidiu a entidade nos anos de 1963, 1966 e 1969, tendo como secretário executivo, Armando Amarante.

Quando a sede da Politécnica mudou para a Cidade Universitária, os prédios passaram a ser administrados pela Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), que pediu a saída da Abceram do local. Sendo assim, sua nova sede ocupou uma construção residencial, na Vila Mariana, em São Paulo. Na entrada, um grande painel cerâmico feito por Francisco Brennand destacava a sigla da entidade.

Paschoal Giardullo trouxe para a Abceram a maior parte dos mineradores que forneciam matérias-primas naturais para as indústrias cerâmicas. Uma parte delas minerava as suas próprias matérias-primas, inicialmente por falta de mineradores especializados, e depois, para conseguirem preços mais acessíveis. Com o aumento da demanda, o custo para produzir esses materiais se tornou muito caro para os ceramistas, ou seja, os gastos para produções baixas foram apontando preços cada vez mais altos. Em 1978, ele assumiu a presidência da entidade, durante o 22º Congresso Brasileiro de Cerâmica, realizado no Rio de Janeiro.

“Na verdade, fui eleito para realizar o congresso em Salvador (BA). A proposta do projeto era sempre organizar o evento em uma região com boas oportunidades para a exploração de matérias-primas ou para a indústria cerâmica. Participaram técnicos, empresários e fornecedores de equipamentos desse setor. O congresso da Abceram era o único a reunir todos os segmentos da indústria cerâmica. Portanto, todas as tendências se conectavam, gerando oportunidades de discussão e atualização. E era uma boa oportunidade para recrutar técnicos bons entre os concorrentes, além de promover a interação social.”

Assim que tomou posse, Paschoal Giardullo fez uma reformulação administrativa, em razão do crescimento da entidade nos últimos anos, sem o devido acompanhamento da sua estrutura. A associação passou a ter departamento de Publicidade e Promoção, secretaria geral, departamento de Contabilidade, biblioteca e departamento de Relações Públicas. Entre os nomes que assumiram o cargo, foi o único presidente homenageado pelos funcionários.

Giardullo criou, inclusive, um departamento para atender, exclusivamente, à *Revista Cerâmica*. A publicação mantinha uma equipe contratada pela entidade, a qual começou a apontar lucros. Para as capas de cada edição, apresentava obras de Arte Cerâmica. Foi também, em sua gestão, que surgiu o *I Anuário Brasileiro de Cerâmica*, em março de 1979, um objeto de desejo da entidade que finalmente aconteceu, contando com supervisão técnica de Walter Ferreira.

Durante o seu mandato, o geólogo percebeu que as cerâmicas não só apresentavam problemas técnicos, como enfrentavam questões administrativas e econômicas. Sendo assim, ele agregou ao congresso, por exemplo, a apresentação de palestras e conferências de membros da Secretaria da Fazenda, do presidente da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), do diretor de Planejamento do Banco Nacional da Habitação, além de outros técnicos não ceramistas, para ampliar os temas tratados no congresso. Suas decisões nunca foram bem vistas. A entidade acreditava que ele estaria desvirtuando as finalidades da associação, as quais eram técnico-científicas.

Durante a sua gestão, ocorreu o 25º aniversário da Abceram, e isso foi dignamente comemorado, no dia 9 de setembro de 1978, tendo início com um almoço com a imprensa, realizado no Terraço Itália, em São Paulo. À noite, nas dependências do Buffet Torres, aconteceu o banquete comemorativo, cujos convidados especiais incluíam a presença de Benedito Fonseca Moreira, diretor da Cacex e de Antonio Ermírio de Moraes, sócio honorário e ex-presidente da associação.

Mas a realização maior da gestão de Paschoal Giardullo foi o 23º Congresso Brasileiro de Cerâmica, em Salvador, entre os dias 26 e 29 de março de 1979, nas dependências do Hotel Meridien. A cerimônia de abertura contou com a presença do secretário da Indústria e Comércio da Bahia, representando o governador do Estado, Antonio Carlos Magalhães, e do professor Malcolm McLaren, vice-presidente da American Ceramic Society, entre outros destacados ceramistas.

O geólogo lutou por mudanças culturais, estimulou modernas maneiras de pensar entre os associados, e investiu em realizações de pulverização dos serviços e filosofia associativa, envolvendo a categoria de ceramistas industriais e artísticos. Em 1993, a Comissão de Matérias-Primas passou a ser chamada de Comissão de Minerais Industriais.

“A decisão de transformar a comissão aconteceu porque a mesma matéria-prima utilizada na indústria cerâmica, também é aplicada na indústria de plástico, tintas, cimento, entre outros. Os mineradores deveriam pensar na matéria-prima focando na indústria em geral. E não apenas na cerâmica.”

Na gestão de Paschoal Giardullo, a matéria-prima foi valorizada. Houve um incremento nas discussões sobre a necessidade de estabelecer normas para as matérias-primas fornecidas pelos mineradores. Era algo que não existia e que, de certa forma, não existe até hoje. Outro ponto de discussão englobava questões básicas: mostrar ao minerador o quanto era importante conhecer sua jazida e investir em pesquisa.

A partir de 1993, a Comissão Técnica de Minerais Industriais começou a realizar os Encontros de Mineradores e Consumidores, que ocorreram durante dez anos seguidos. Aconteceram eventos em São Paulo, Ponta Grossa (PR), Laguna (SC) e Salvador, sempre tratando de assuntos de interesse de ambos os segmentos. Não apenas ceramistas eram convidados, como os participantes dos outros ramos industriais, que usam as mesmas matérias-primas aplicadas pelos ceramistas, fabricantes de tintas imobiliárias, papel, plásticos, borracha, adubos, fertilizantes, defensivos agrícolas ou rações. E todos traziam os seus problemas, dando a oportunidade aos mineradores de aprender o que eles precisavam e o que fazer para atendê-los. Isso era muito importante para o desenvolvimento das jazidas e o beneficiamento dos minerais extraídos.

Foi também neste período que a indústria de azulejos e pisos cerâmicos mudou sua nomenclatura para “revestimentos cerâmicos”. A Ferro Enamel dominava o mercado de fritas e corantes, até que outros fabricantes do mesmo segmento começaram a chegar ao Brasil. Entre elas, a Colorobbia Brasil, cuja apresentação aos brasileiros se deu no congresso de Salvador, realizado durante a gestão de Giardullo.

Comissão de Arte Cerâmica

Com sua ampla visão sobre as Artes do Fogo, Paschoal Giardullo

anexou à sua gestão na Abceram outra perspectiva. Nos congressos promovidos pela entidade, apoiava a organização de exposições de cerâmica artística e artesanal, reunindo artistas instalados na cidade onde o evento acontecia. Tal procedimento facilitou a formação da Comissão de Artes, que congregava os praticantes dessa técnica. “Eu acreditava que, dentro da entidade, todos poderiam aprender muito: a indústria com o artista e vice-versa.”

Nilziette Mello, membro da entidade, resolveu abraçar a causa, tomando a frente da comissão e da organização dos eventos. “Nilziette fez muito pela área artística, dentro da Abceram, por ter mais intimidade com os artistas. E a entidade oferecia uma boa estrutura para fazer a comissão funcionar. No entanto, as mudanças internas provocaram algumas rupturas, até que a comissão se desfez.”

Mesmo diante do enfraquecimento do projeto, anos depois, Giardullo e seu filho Caio Giardullo, assumiram a comissão, quando a tendência seguia para a evolução do design, que ganhou notoriedade de repente. O mercado começou a valorizar a beleza e a diferenciação das formas. Neste período, a Comissão de Cerâmica Artística da Abceram realizou o primeiro Concurso de Design em Cerâmica, intitulado *Uma garrafa de cerâmica para cachaça brasileira*, em colaboração com o Serviço Nacional da Indústria (Senai) Mario Amato. A professora de design, Fernanda Moreira, concedeu total apoio ao projeto, e os premiados teriam seus modelos fabricados pela instituição.

A iniciativa recebeu ótimas propostas. Porém, por questões de estrutura, não foi possível comercializar os modelos premiados. Era necessário seguir um padrão adequado para os engarrafadores.

Em 2008, a 52ª edição do congresso da Abceram deu continuidade à proposta, por intermédio da Comissão de Cerâmica Artística, realizando o concurso sob a coordenação de Paschoal Giardullo, com o tema *Uma xícara brasileira de cerâmica para café*. No total, foram 137 projetos inscritos, tendo como primeiro lugar a proposta *Pingado*, de Cleverson Ecker, da Holaria Cerâmica Contemporânea de Curitiba (PR). Até hoje, o geólogo é conselheiro emérito da Associação Brasileira de Cerâmica e frequenta a maioria dos seus congressos anuais.

Principais premiações e homenagens recebidas por Paschoal Giardullo

2019 – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Estado de São Paulo (Crea-SP) – Diploma de Lâurea de Reconheci-

mento, por ter superado a marca de 50 anos de serviços prestados à área tecnológica;

2018 - Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul – Medalha Di Thiene, pelos relevantes serviços prestados à comunidade;

2017 – Sindicato Nacional dos Artistas Plásticos (Sinapesp) - Homenagem como apoiador de eventos ligados às Artes Visuais;

2014 - 58º Congresso Brasileiro de Cerâmica – Realização da Associação Brasileira de Cerâmica – Homenagem a Paschoal Giardullo como agradecimento e reconhecimento da entidade, por seu trabalho, dedicação e relevante contribuição ao setor cerâmico;

2009 – IV Exposição e Concurso de Mesas Decoradas, realização da Associação de Pintores de Arte do Fogo do Grande ABC – Homenagem a Paschoal Giardullo, diretor da revista *Mão na Massa*, como grande incentivador e promotor das Artes do Fogo no Brasil;

2006 – 50º Congresso da ABC - Homenagem a Paschoal Giardullo pelo trabalho em um excelente veículo de divulgação – Revista *Mão na Massa*, divulgando a Arte Cerâmica.



Paschoal Giardullo (o primeiro, à esquerda), Edna Benatti Giardullo, Sílvia Avesani Arruda dos Santos e Urames Pires dos Santos, durante jantar do 52º Congresso Brasileiro de Cerâmica, realizado em 2008, em Florianópolis

Giardullo (o quarto, a partir da esquerda) e Urames Pires dos Santos (de terno claro), participam do 47º Congresso Brasileiro de Cerâmica, realizado na Paraíba, em 2003



Giardullo discursa no I Seminário Internacional de Cerâmica Vermelha, durante o 51º Congresso Brasileiro de Cerâmica, em 2007, na Bahia



Membros recém-empossados da diretoria da Associação Brasileira de Cerâmica durante o 44º Congresso Brasileiro de Cerâmica, no ano 2000. Na imagem, vemos, a partir da esquerda: Ivo Pellegrino (diretor de Assuntos Empresariais), Celso Monteiro de Carvalho (associado), Urames Pires dos Santos (presidente) e Paschoal Giardullo (diretor de Eventos)



Revista da Associação Brasileira de Cerâmica, em edição de maio de 1978, destaca posse de Paschoal Giardullo como presidente da entidade

Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Volumes Publicados:

1. *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX* - José de Souza Martins - 1998
2. *8.º Grupamento de Incêndio- 32 anos de História* - 1998
3. *Meio século de Legislativo em São Caetano* - Yolanda Ascencio – 1998 e 1999
4. *Jayme da Costa Patrão...um traço marcante na autonomia* - Sonia Maria Franco Xavier (org.) - 1998
5. *Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB* - Rui Ribeiro - 1999
6. *Stí àni gera...cussí (Antigamente era assim)* - Guido Carli - 1999
7. *Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade* - Agvan de Andrade Matos e Rosemeire Bento Simões (org.) - 1999
8. *À Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC* - Anais do III Congresso de História do ABC - 1999
9. *História Esquecida* - Deliso Villa - 2000
10. *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar* - Eliane Mimesse - 2001
11. *Um olhar poético sobre São Caetano* – Autores diversos - 2002
12. *Vozes da Vizinhaça – Os bairros de São Caetano por seus moradores* – Autores diversos - 2003
13. *O Imaginário na Imigração Italiana* - José de Souza Martins - 2003
14. *História da Maçonaria em São Caetano do Sul* - Mario Del Rey - 2004
15. *Jardins de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul* – Autores diversos - 2004
16. *Caminhos da Fé. Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul* - Alexandre Toler Russo - 2004
17. *Um Jornal, Uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outros mais* - Mário Porfirio Rodrigues - 2005
18. *Cantos e Recantos* - Autores diversos - 2006
19. *Pegoraro* - André Luis Balsante Caram e Neusa Schilaro Scaléa - 2006
20. *Abre as portas para os Santos Reis. A história da Folia de Reis em São Caetano do Sul* - Priscila Gorzoni - 2006
21. *Das chaminés à Robótica. Cinquenta anos do Ciesp - São Caetano* - Aleksandar Jovanovic (org.) - 2007
22. *Memórias de um Engenheiro da Cerâmica São Caetano* - Urames Pires dos Santos - 2013
23. *General Motors do Brasil e de São Caetano do Sul* – Autores diversos - 2015
24. *Diário de uma Terra Lontana - Os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano* - José de Souza Martins - 2015
25. *A História de São Caetano do Sul* - Nereide S. Santa Rosa - 2015
26. *Migrantes Amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)* - Cristina Toledo de Carvalho - 2015
27. *São Caetano em Crônicas* - Cristina Ortega - 2018

Este livro integra o projeto editorial da Fundação Pró-Memória, no período administrativo 2017-2020 (prefeito José Auricchio Jr.), cujo objetivo é resgatar a história do município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Silvana Baiarl é jornalista, graduada em Comunicação Social pela Universidade Gama Filho. Especializou-se no segmento de Arte Cerâmica, Artes Plásticas, Arquitetura, Decoração e Construção Civil. Editora da revista *Mão na Massa*, desde 1994, também foi redatora da revista *Consulte* e do *Anuário Brasileiro de Artes Plásticas* e editora da revista *Revenda Construção*. Assessora de imprensa e comunicação do Congresso Nacional de Técnicas para as Artes do Fogo (Contaf). É assistente de curadoria da exposição *Universo Cerâmico*, evento realizado anualmente pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

A jornalista Silvana Baiarl conta a história da vida e da carreira do geólogo Paschoal Giardullo, que iniciou sua vida profissional na Cerâmica São Caetano, um dos mais importantes conglomerados industriais de São Caetano do Sul, e explorou diversas jazidas de minérios pelo Brasil afora. Este livro apresenta sua emocionante trajetória, marcada por coragem, inteligência e paixão pelo que faz, até os dias de hoje.

O leitor poderá compreender e seguir os caminhos de Giardullo pela Geologia, pela Cerâmica e pela Arte.



CCL



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA MUNICIPAL
SÃO CAETANO DO SUL